

MEMÓRIAS DE CHEIRO



TRADUÇÃO:
AMADEU ANTÓNIO

MEMÓRIAS DE CHEIRO
AS REMINISCÊNCIAS DE UM QUIROMISTA DA SOCIEDADE
1912

SUMÁRIO

PREFÁCIO

CAPÍTULO I

A Formação de um Vidente: O “Chamado de Londres”:

Charles Stewart Parnell

CAPÍTULO II

Viagens e Início da Vida Profissional: Uma Visita à Índia e ao Egito:

Um Assassinato Misterioso: Primeiras Desilusão

CAPÍTULO III

O Início em Londres: Um Amigo Judeu e um Contrato

CAPÍTULO IV

A Escolha de um Nome: Uma Lei do Parlamento: O Contrato

Quebrado

CAPÍTULO V

Clientes Problemáticos: “A Mãe e o seu Filho”

CAPÍTULO VI

Madame Sarah Bernhardt e uma Descrição da sua Mão

CAPÍTULO VII

O Destino Decide: “Em Casa” da Sra. Walter Palmer

CAPÍTULO VIII

Incidentes na Sociedade: Blanche Roosevelt e um Encontro com

Oscar Wilde: Uma Estranha Previsão e o seu Cumprimento

CAPÍTULO IX

Dois Encontros com o Rei Eduardo VII: O Encontro Fadic

CAPÍTULO X

A Visita do Rei Eduardo a Paris: Os Meus Serviços à Entente

Cordiale: O Lançamento de um Jornal em Prol da Paz

CAPÍTULO XI

A Rainha Maria aceita o meu Livro sobre as Mãos: Os Números

Ocultos do Rei Jorge

CAPÍTULO XII

Algumas Personalidades Interessantes: Sr. W. T. Stead: Miss. Maud

Gonne: Sr. Richard Croker, de Tammany Hall: Miss. Janota

CAPÍTULO XIII

Personalidades Interessantes (continuação): O Conde de Paris: Lady de Bathe (Mrs. Langtry)

CAPÍTULO XIV

A bordo de um navio americano: Um gracioso elogio à Rainha de Inglaterra: Madame Nordica
e um chá na “Sala de Estado”

CAPÍTULO XV

A mão de um assassino e a sua subsequente condenação

CAPÍTULO XVI

Um cliente relata uma história terrível

CAPÍTULO XVII

Uma sessão espírita e a sua sequência

CAPÍTULO XVIII

Mark Twain

CAPÍTULO XIX

Coronel Robert Ingersoll: Sra. Ella Wheeler Wilcox e Sr. George Perkins

CAPÍTULO XX

A história de “O Cristo Vivo”

CAPÍTULO XXI

A tentativa de assassinato: Salvo por um maço de cigarros

CAPÍTULO XXII

Regresso a Londres; A * “Máquina de Pensamento”

CAPÍTULO XXIII

H. M. Stanley, o famoso explorador, e uma introdução a W. E. Gladstone

CAPÍTULO XXIV

O encontro com W. E. Gladstone

CAPÍTULO XXV

Uma experiência estranha e a sua sequência

CAPÍTULO XXVI

Alguns factos curiosos sobre este estudo

CAPÍTULO XXVII

Professor Max Miller

CAPÍTULO XXVIII

O falecido Lorde Chefe de Justiça de Inglaterra, Lorde

Russell de Killowen, e por que razão forneceu impressões das suas mãos

CAPÍTULO XXIX

Os dois camareiros: Hereditariedade: O Honorável A. J. Balfour e outras personalidades ilustres

CAPÍTULO XXX

Conclusão

PREFÁCIO

Creio ser justo afirmar que nenhuma outra pessoa, nos tempos modernos, elevou um ramo dos chamados estudos ocultos a um grau tão elevado de perfeição ou de respeitabilidade como eu fiz durante o período em que fui conhecido profissionalmente por “Cheiro”.

Faço esta afirmação com toda a humildade, reconhecendo plenamente que o talento particular para este trabalho me foi “dado” com algum propósito — e foi assim que tratei esse “dom”, procurando devolvê-lo como quem restitui um empréstimo — se possível, aumentado em valor.

Ninguém lamenta mais do que eu o facto de o meu sucesso ter sido seguido por muitos imitadores que possuem pouca aptidão ou conhecimento de qualquer espécie de estudos ocultos e que, por isso, acabaram por desacreditar tais práticas.

Alguns chegaram mesmo ao ponto de copiar o nome que adotei como meu nom de guerre, mas isso, por si só, basta para provar que, não tendo tido engenho suficiente para criar um nome próprio, também não podem possuir a capacidade mental necessária para avançar longe nos estudos ocultos.

A excelência em qualquer ramo do ocultismo alcança-se através do mesmo esforço necessário para triunfar em qualquer outra arte, ciência ou profissão.

Para pintar quadros, o artista deve primeiro possuir o temperamento adequado, a paciência para estudar durante anos e a coragem para suportar as mil e uma desilusões que o assaltam de todos os lados.

Na ciência sucede o mesmo. E, contudo, veja-se o que o estudo, aliado ao temperamento apropriado, pode produzir!

Para o botânico, a folha mais simples pode contar a história da árvore; para o zoólogo, o menor fragmento de osso pode revelar a história de uma raça.

Aplique-se o mesmo princípio ao estudioso da natureza humana e será inevitável admitir que cada linha também pode ter a sua linguagem e revelar o próprio pensamento ou motivo que a produziu ou a trouxe à existência.

A alma, na sua casa-prisão, procura continuamente enviar mensagens através das grades do costume, da convencionalidade e da hipocrisia.

Essas mensagens só podem ser lidas por aqueles que têm “ouvidos para ouvir” e “olhos para ver”, mas não deixam de ser reais apenas porque a grande multidão da humanidade nada ouviu senão os seus próprios clamores ou nada viu além das suas próprias aflições.

A ciência provou que até os metais possuem as suas qualidades ocultas ou desconhecidas — pedras atraem pedras e átomos são atraídos por átomos por um “algo” intangível a que chamamos afinidade.

Que dizer, então, das “afinidades” dos seres humanos, não apenas uns para com os outros, mas também para com coisas inanimadas, como nomes, lugares e números?

“Inanimado” é, contudo, a palavra errada, porque nada existe sem vida; assim, um Número pode ser uma força viva para o bem ou para o mal tanto quanto o maior homem ou mulher que exista.

Tal como “nem um pardal pode cair ao chão” sem que o seu Criador tenha consciência disso, também a mais pequena acção desempenha o seu papel, tão importante quanto o maior, no pulsar infinito do Universo.

Já lhe ocorreu que, assim como existe um momento determinado para a vida começar e outro para terminar, também entre esses dois pontos os anos, os dias, as horas e até os minutos poderão encaixar-se nas ações que lhes estão destinadas?

Um grande filósofo afirmou que o universo é construído sobre a matemática e que “Deus geometriza até à mais pequena fração do tempo”.

Se assim é, porque haveria de desagradar-lhe a ideia de que a sua pequena vida obedece às mesmas leis, ou de que a alma dentro de si responde ao pulso de Deus, tal como todas as outras coisas na vida?

Acredite nestes pensamentos ou não, como desejar; nós, estudantes do oculto ou da vida da alma das coisas, podemos cumprir o nosso dever tão nobremente como os outros na procura da razão daquilo que vemos.

Também nós trabalhamos através de dias de esforço e noites sem dormir, ou passamos longos anos alimentando apenas com fé a lâmpada da esperança; mas, no final, se as nossas descobertas nos permitirem traduzir mais uma palavra da mensagem da vida, certamente nem o mais cético dos cétricos dirá que tais estudantes trabalharam em vão.

“CHEIRO”

DEVONSHIRE LODGE
15 MARYLEBONE ROAD
LONDRES, W.

CAPÍTULO I

A FORMAÇÃO DE UM VIDENTE: O “CHAMAMENTO DE LONDRES”: CHARLES STEWART PARNELL

De muitos lados me pediram que publicasse as minhas memórias, mas existem certas razões que, durante anos, me impediram de o fazer, sendo a principal delas a dificuldade de escrever sobre si próprio, de separar o feixe das recordações, de saber onde começar e onde terminar.

Durante muito tempo procurei evitar a publicação deste livro, e talvez continuasse a fazê-lo por mais tempo se o meu próprio desejo fosse o factor decisivo; mas neste estranho mundo de factos, fantasias e falácias, por vezes somos obrigados a apresentar os factos, para que as falácias dos outros não ganhem demasiado terreno.

É o meu caso. Se eu não publicasse este livro, outros fá-lo-iam por mim; e, nesse caso, receio que a ficção pudesse tornar-se mais estranha do que a verdade.

A minha única pretensão à “notoriedade” reside no facto de que, ao seguir uma carreira invulgar, tive naturalmente experiências invulgares e, em muitos casos, conheci pessoas igualmente invulgares.

São essas pessoas e experiências que podem interessar ao público em geral — a minha própria vida deve apenas ser vista como o fio no qual o Destino pendurou as suas pérolas ou os seus fantoches, conforme o caso.

Relatarei, portanto, o mínimo possível da minha vida pessoal e, se por vezes o fio branco do eu vier à superfície, espero que seja apenas considerado como o elo de ligação impossível de eliminar por completo.

Como até o mais frágil dos fios deve ter um começo, abordarei, em poucas palavras, os meus primeiros anos, mas apenas na parte que se relaciona com o curioso estudo que mais tarde tornaria tão singularmente meu.

Em resumo, o fio começou assim: pelo lado paterno sou de ascendência normanda; pelo lado materno pertenço a uma família francesa nascida na Irlanda, e posso dizer que fui praticamente criado entre livros.

Do lado do meu pai herdei a poesia, o orgulho e a filosofia; da minha mãe, o amor pelo oculto em todas as suas formas, combinado com uma curiosa devoção religiosa que nunca deixou de existir.

A fusão posterior, nos fogos da vida, desta combinação peculiar produziu naturalmente um ser predestinado para uma carreira que não seguiria linhas convencionais.

Tal como as coisas mais simples se tornam pontos de viragem tanto nos homens como nos mundos, assim um domingo exceccionalmente chuvoso foi o principal factor que alterou a corrente do meu destino.

Em resumo: para evitar que eu perturbasse o meu pai enquanto escrevia poemas na biblioteca, a minha mãe — que conhecia bem o estudo das mãos — ensinou-me os nomes das linhas da minha própria mão e mandou-me procurar, se possível, uma mão com marcas semelhantes.

Eu tinha pouco mais de onze anos, mas essa semente de pensamento lançou imediatamente raízes; tanto assim foi que, depois de esgotar as mãos dos criados, aventurei-me até à aldeia, a uma milha de distância, e só no dia seguinte, após longa e cansativa busca, os meus pais, aflitos, descobriram o meu paradeiro, trazendo o jovem cientista de volta para casa e metendo-o na cama.

Pouco depois, talvez para combater as minhas tendências ocultistas, o meu pai decidiu que eu deveria ser preparado para a Igreja e fui enviado para uma escola extremamente rigorosa, onde lhe garantiram que todo esse disparate do ocultismo seria rapidamente arrancado da minha cabeça.

Creio que ele tinha razão na ideia de me destinar à Igreja, pois estou certo de que nenhum rapaz começou a vida com uma natureza mais religiosa ou um temperamento mais devocional do que eu.

Embora à primeira vista possa parecer uma estranha contradição, sustento que foram precisamente os elementos essenciais desse temperamento que me fizeram agarrar-me ao estudo das mãos com uma obstinação que superou toda a oposição.

Era um mistério, tal como a própria religião; continha a linguagem da alma na sua prisão, e as linhas da mão pareciam-me muitas vezes um mapa da vida mais tangível do que os Trinta e Nove Artigos que eu era obrigado a decorar.

Era também algo desprezado pelos homens, muito maltratado, caluniado e difamado, o que me atraía por pura simpatia e compaixão.

Assim, quanto mais estudava as Escrituras, mais os estranhos fios do destino pareciam unir vida, ações e consequências; e mais me convencia de que a Natureza possuía páginas secretas que nem a Ciência nem a Religião haviam ainda decifrado.

Não consigo descrever a alegria que senti ao descobrir, texto após texto, nesse grande “Livro do Destino”, referências aos destinos das raças e aos estranhos acontecimentos “para que a vontade de Deus se cumprisse”.

Como poderia esquecer aquela noite em que a minha mente compreendeu pela primeira vez a história do Traído e do traidor; a imagem do “Homem das Dores” e daquela Criança do Destino chamada Judas — um necessário ao outro “para que as Escrituras se cumprissem”?

Enquanto ali estava sentado, no silêncio, tentando equilibrar os “porquês”, pareceu-me que o rosto marcado pelo destino de Judas surgia das sombras do passado e, nas suas mãos fracas e estendidas, eu lia a hereditariedade que o preparara para o seu papel, deixando o seu nome como sinónimo de traição entre as nações — tal como elas próprias cumprem o seu destino, escrevem o seu registo e desaparecem.

No dia seguinte, as Escrituras tinham para mim um significado ainda maior; os Trinta e Nove Artigos exerciam um fascínio que espantava o reverendo professor da minha turma, e o décimo sétimo artigo, com o seu

magnífico argumento em favor da “predestinação”, tornou-se uma força tão poderosa nos meus pensamentos que, antes de perceber o que fazia, comecei a discutir o assunto com o meu espantado professor, acabando castigado com a perda da hora de recreio.

Mas, como de todo o mal pode surgir o bem — isto é, se soubermos reconhecê-lo quando aparece — durante o castigo, em vez de fazer os exercícios, desenhei aquilo que imaginava serem as mãos de Judas e absorvi-me tanto na tarefa que não senti a presença do velho professor a olhar por cima do meu ombro.

Em vez da reprimenda severa que esperava, o velho sentou-se ao meu lado e pediu-me que lhe explicasse o desenho, linha por linha. Depois tornou-se ainda mais cordial e, para meu completo espanto, estendeu-me as suas próprias mãos longas e curiosas e perguntou-me, com grande gentileza, o que eu conseguia perceber nelas.

Para meu assombro, descobri rapidamente traços profundamente humanos.

Para mim, ele sempre fora algo tão elevado e poderoso que a ideia de aquele monumento de sabedoria ter vivido como os outros homens nunca me ocorrera.

Era uma estrutura longa, magra, descarnada, quase anatômica, sobre a qual eu imaginava terem pendurado uma batina para esconder os ossos; uma Esfinge de maxilares fundos, olhos cinzentos e óculos, que a história dizia ter conduzido outrora Cambridge à vitória — mas a história conta tantas mentiras que nenhum de nós, rapazes, acreditava nisso.

Contudo, à medida que me entusiasmava com o estudo, esqueci que a mesma história também dizia que ele nunca conhecera qualquer emoção — que nunca amara, nunca casara; e, ainda assim, eu estava a falar-lhe de um amor na sua vida tão profundo que poucos homens o encontram e continuam depois a querer viver.

Parei, porque algo mudara no meu interlocutor; as mãos tinham-se afastado e, pela primeira vez, vi o que significam lágrimas quando homens severos choram.

Depois dessa manhã tornámo-nos amigos. Perdoou-me muitos exercícios difíceis e traduziu para meu benefício muitos velhos livros gregos e latinos sobre o estudo das mãos.

A Igreja, porém, não era o meu destino.

Na véspera de entrar ao seu serviço, o meu pai foi arruinado por uma especulação financeira que arrastou centenas de outras pessoas; e assim, quase de coração partido ao ver desvanecer-se uma esperança, regressei a casa.

Desiludido e sem rumo, vagueei durante algum tempo como um navio sem leme num mar ocioso, até que um dia, não sei de onde, alguma corrente subterrânea me despertou novamente. Entrei no gabinete do meu pai e disse-lhe que queria conduzir o meu próprio barco e ver o mundo por mim mesmo.

O meu pai considerou que já não tinha o direito de moldar a minha carreira à sua vontade — tentara fazê-lo, mas o destino fora demasiado forte — e permitiria agora que o destino seguisse o seu curso.

Assim, com uma pequena quantia de dinheiro e uma sólida bênção paternal, desfraldei as minhas próprias velas e, deixando o porto tranquilo do lar, lancei-me ao vasto mar do mundo, como tantos outros antes de mim.

Seria deslocado nestas memórias entrar em certos episódios intermédios; o “Chamamento de Londres” soava-me aos ouvidos e, por isso, o mais rapidamente possível, abandonei a tentação de caminhos mais tranquilos e segui diretamente para essa Grande Cidade onde o Destino combate a Ambição em igualdade de forças.

Diz-se que “os acontecimentos futuros projetam as suas sombras antes de chegarem”.

Numa noite, enquanto esperava em Liverpool pelo comboio para Londres, reparei num livro com uma mão desenhada na capa, que imediatamente comprei.

Era a tradução de um daqueles livros sobre quiromancia impressos na mesma época em que a Bíblia foi pela primeira vez publicada com tipos móveis; em alemão chamava-se *Die Kunst Ciromanta* e, assim que o comboio iniciou a viagem, mergulhei de imediato no seu conteúdo.

As únicas outras pessoas no compartimento eram um cavalheiro sentado em frente a mim, de costas para a locomotiva, envolto num pesado cobertor que quase lhe ocultava o rosto. Quando terminei o livro e o pousava, reparei que os seus olhos vivos estavam fixos intensamente no desenho da mão que ornamentava a capa.

Ao colocá-lo de lado, disse-me num tom cordial, embora algo trocista:

— Então acredita claramente na leitura das mãos. Deve ser um estudo bastante estranho. Mas suponho — acrescentou — que encontrará adeptos, tal como as pessoas acreditam no formato da cabeça e noutras coisas semelhantes.

— Sim — respondi — acredito que o carácter se manifesta em todas as partes do corpo, mas naturalmente de forma mais evidente nas mãos, que são, afinal, os instrumentos que executam os desejos do cérebro; e certamente não há nada de tão absurdo ou ilógico numa tal crença.

— Não — disse ele, rindo-se. — Comparada com certas crenças, essa parece bastante moderada e razoável. Mas as mãos revelam o futuro? Esse seria o ponto que me interessaria, se eu conseguisse convencer-me de uma coisa dessas.

— Bem — repliquei — na medida em que o nosso futuro é construído e influenciado pelo nosso carácter e pelas tendências que herdámos, acredito sinceramente que sim; e, sendo o sucesso realmente o resultado da predominância dos nossos pontos fortes sobre as nossas fraquezas, penso

que seria seguro afirmar que, encarando o estudo apenas desse ponto de vista, as mãos poderão mostrar qual dessas duas forças acabará por prevalecer.

— Muito bem — respondeu. — A sua teoria interessou-me realmente.

E, estendendo as mãos, acrescentou:

— Diga-me então, se fizer favor, qual delas vencerá no meu caso.

Ainda hoje consigo ver aquelas mãos finas e intelectuais que este desconhecido colocou diante de mim e recordar como me interessaram, linha após linha nitidamente marcada, cheias de carácter e de acontecimentos criados pelo próprio carácter.

Comecei pela Linha da Mente. Mostrei-lhe o seu comprimento superior em relação a alguns dos desenhos do meu livro e expliquei-lhe que isso denotava força de vontade, capacidade de organização e domínio sobre as pessoas.

Depois chamei-lhe a atenção para uma Linha do Destino muito marcada, profundamente traçada através da mão até um pouco além do centro da palma, explicando-lhe que indicava uma forte individualidade, uma carreira destinada a desempenhar um papel notável na vida — um destino, enfim, que o faria destacar-se como líder acima da multidão comum da humanidade.

— Mas o fim? — perguntou ele, quase nervosamente. — O que significa essa linha desaparecer? O que quer dizer isso?

Sorri ao responder, porque dificilmente acreditava que ele levasse aquilo totalmente a sério.

— Oh — disse eu — o desaparecimento desse sinal significa simplesmente descanso para si; outro Napoleão enviado para Santa Helena, suponho.

— Mas porquê? — perguntou, agora visivelmente excitado. — Qual será o meu Waterloo?

— Uma mulher, sem dúvida — respondi. — Veja como a Linha do Coração corta a Linha do Destino precisamente abaixo do ponto onde esta desaparece.

Retirando a mão, o desconhecido soltou uma gargalhada baixa e tranquila — a gargalhada de um homem seguro de si.

Pouco depois, o comboio entrou ruidosamente em Euston e, enquanto preparávamos malas e bengalas, ele disse:

— É estranho, mas essa sua ciência foi curiosamente exata em certas coisas... exceto na parte da mulher. Aqui tem o meu cartão; verá agora como algumas coisas coincidem — mas a mulher, não. Um homem com a minha vida não tem tempo para mulheres.

E, com um alegre “Adeus”, saltou para fora, chamou um hansom (*carruagem ligeira puxada por cavalo*) e partiu.

Ao olhar para o cartão, li:

“Charles Stewart Parnell”.

Só anos mais tarde, após o caso de divórcio O’Shea e a sua queda, consegui ultrapassar o meu espanto e compreender o significado da Linha do Coração tocando o destino de um homem assim.

CAPÍTULO II

VIAGENS E INÍCIO DA VIDA PROFISSIONAL: UMA VISITA À ÍNDIA E AO EGITO: UM MISTERIOSO ASSASSÍNIO: AS PRIMEIRAS DESILUSÕES

Como isto é um resumo de uma carreira muito particular, não entrarei em detalhes das minhas experiências pessoais em Londres, limitando-me apenas aos acontecimentos que conduziram à carreira em questão.

Basta dizer que, pouco tempo depois, o desejo de viajar se tornou tão forte que, sem pensar muito nem no motivo nem no destino, embarquei num navio mercante com rumo à Índia e, após uma viagem relativamente sem incidentes, cheguei a Bombaim.

Enquanto ali permaneci, entrei em contacto com uma certa seita de brâmanes, descendentes daqueles que, milhares de anos antes da era cristã, haviam desenvolvido através do estudo uma ciência chamada Samudrika, ou o significado da expressão das linhas do corpo, e que mais tarde evoluíram daí para um estudo mais elevado chamado Hastirika, ou a ciência da própria Samudrika — por outras palavras, a Ciência das Linhas da Mão.

Depois de completar assim a minha educação na terra natal do estudo que durante tanto tempo me fascinara, regressei a Londres; e como, durante a minha ausência, herdara uma soma considerável de dinheiro devido à morte de um familiar, fiquei livre para seguir os meus caprichos e, durante algum tempo — como um homem que coleciona selos ou moedas antigas — visitei hospitais e até prisões para recolher impressões de mãos de todos os tipos e condições humanas.

Mas o amor pelas viagens e pelos países orientais, bem como a aversão à civilização comum que adquirira durante a vida simples que levara na Índia, desviaram novamente os meus passos para outra terra de mistério: o Egipto. Assim, durante algum tempo ocupei-me de túmulos em ruínas, templos e coisas semelhantes nessa terra onde os filhos do ocultismo ergueram as suas pirâmides.

Ao regressar ao Cairo, recebi a notícia de que o homem a quem confiara os meus interesses em Londres se apropriara de tudo o que eu possuía, deixando-me sem um único tostão.

Foi nesse momento que o meu estudo das mãos foi chamado, pela primeira vez, a um propósito prático; e nos meus aposentos no Cairo consegui ganhar dinheiro suficiente com ele para regressar a Londres e tratar dos meus assuntos.

Assuntos, porém, já não existiam, pois todos os bens tinham desaparecido; e o infeliz homem responsável por tal resultado abandonara o palco da vida pela porta do suicídio.

Sendo assim, comecei a encarar a vida sob um novo ponto de vista.

Desenvolvi uma inclinação literária que mal suspeitava possuir. Em todo o caso, permitiu-me viver e até desfrutar da vida de forma muito simples.

Quem nunca viveu a “vida simples” talvez não compreenda os prazeres que se podem encontrar num quarto no topo de uma casa de sete andares com vista sobre o Aterro — o rugido abafado da grande cidade aos nossos pés; o soluço e o suspiro do rio da vida quando as marés descem à noite e voltam a subir com o nascer do dia.

Ao longe vê-se o Tamisa, com as suas embarcações deslizando e a sua longa faixa de prata, azul e verde, brilhando sob os céus de Junho ou tornando-se cinzento e sombrio numa noite de Novembro, ou escondendo-se nas pregas de algum nevoeiro amarelo — amarelo como as ligaduras das múmias que guardam o passado do Egipto no seu sono sem morte.

Num quarto no topo de uma casa de sete andares também se têm menos preocupações — raramente se veem os inimigos, e os amigos podem ser poucos, mas têm de ser verdadeiros se conseguirem chegar à nossa porta.

De tal ponto de observação não se veem os horrores da vida, a brutalidade diária das ruas, os rostos famintos que surgem na multidão e desaparecem de novo, como bolhas à superfície de um rio lamacento — tudo isso fica invisível; e, por isso, uma habitação no sétimo andar tem muitas vantagens.

Ligado à minha nova ocupação, reapareceu mais uma vez o estudo das mãos.

Foi cometido um misterioso assassinato no East End e uma marca ensanguentada de mão na pintura de uma porta trouxe o meu estudo para o centro das atenções.

O exame das linhas das mãos do homem assassinado permitiu-me concluir, a partir das marcas semelhantes na impressão ensanguentada, que o crime fora sem dúvida cometido por um familiar; e essa pista levou à detenção e posterior confissão de um dos parentes da vítima, que até então fora o menos suspeito.

Contudo, nessa altura nada estava mais longe dos meus desejos do que exercer tal estudo profissionalmente.

Talvez ainda não estivesse preparado para esse trabalho e, por isso, continuei como antes, com a diferença de dedicar todo o meu tempo livre ao estudo das mãos sempre que surgia oportunidade, aumentando assim a coleção que vinha acumulando desde os meus primeiros anos.

Evidentemente ainda não estava pronto para proclamar a verdade daquilo em que acreditava (como é fácil perceber os passos do destino quando olhamos para trás!); faltava-me confiança em mim próprio, a minha sensibilidade era excessiva, precisava ainda de ser moldada pelos moinhos da vida — esses moinhos da experiência que esmagam alguns até à morte e trituram outros até que se ajustem à ranhura da roda da fortuna que um dia poderá conduzi-los ao sucesso.

Entretanto, o dom da escrita — ou chame-se-lhe o que se quiser — desvaneceu-se, mudou ou morreu temporariamente; desempenhara o seu papel, talvez um degrau para o seguinte. Mas, fosse o que fosse, a faculdade que escrevia já não agradava aos compradores.

Talvez produzisse melhor trabalho — não sou eu o juiz disso — mas quem paga considera evidentemente ter direito de decidir tais coisas; o

facto é que os manuscritos regressavam pelo correio a cada entrega, e os poemas que certos jornais religiosos antes aceitavam sempre passaram a ser devolvidos com desculpas e, por vezes, uma nota a lápis dizendo: “Estilo alterado, não adequado às nossas páginas.”

Numa cinzenta manhã de Outubro, regressava de Fleet Street em direção ao Strand, profundamente desanimado após uma entrevista com o editor de um certo jornal religioso, homem que se interessara o suficiente por algo que eu escrevera para me pedir que o visitasse.

Descobri nele o editor mais humano que alguma vez conhecera.

Para meu espanto, puxou uma poltrona para junto da minha e falou-me com a bondade de um pai para com um filho.

Indicou-me as mudanças ocorridas nos meus versos e artigos nos últimos meses e mostrou-me como, em vez do tom devocional com que eu inicialmente escrevera, surgiam agora ideias e expressões que, segundo ele, não podiam ter sido escritas pela mesma pessoa.

Este magnífico velho, capaz de reconhecer tão facilmente a evolução nas raças ou nos mundos, não conseguia conceber a mesma evolução no cérebro; para ele, eu era um jovem que escolhia deliberadamente “o caminho largo”, e o seu dever estava cumprido ao dizer-mo.

Contudo, quase com lágrimas nos olhos, acrescentou que eu me encontrava “entre os dois caminhos” — ou seja, naquela estreita faixa de terreno espinhoso entre o “caminho largo” que conduz — e aqui fez um gesto significativo com a mão — sabe-se bem onde, e aquele outro caminho tão estreito que parece acomodar muito poucas pessoas.

No meu íntimo, enquanto regressava por Fleet Street acima, traduzi as suas palavras exatamente naquilo que sentia: estava “na valeta” e mal tinha forças para sair dela.

Mas a vida é sempre assim — as mudanças do seu percurso muitas vezes apenas ficam ocultas pelos obstáculos que julgamos impossíveis de ultrapassar.

Poucos minutos depois eu estava prestes a sair “da minha valeta”; mas de que lado saí deixarei que os leitores decidam segundo as suas próprias opiniões, pois aprendi há muito tempo que, tal como os diferentes acordes musicais criam a sua própria harmonia, também as opiniões das pessoas vibram conforme a posição que ocupam na harpa da Vida.

Só produzimos discórdia quando tentamos impor as nossas ideias de certo ou errado aos outros.

Melhor será, então, que cada um toque o seu próprio acorde — deixando ao grande Músico do Universo a tarefa de encontrar a melodia.

CAPÍTULO III

O INÍCIO EM LONDRES: UM AMIGO JUDEU E UM CONTRATO

Tinha acabado de passar Somerset House na minha caminhada cansada em direção à minha morada no sétimo andar, quando encontrei um homem de aspeto claramente judeu que me lançou um olhar penetrante ao passar.

Como, de algum modo, sempre associei os judeus ao dinheiro, interroguei-me sobre a razão daquele homem me ter observado tão atentamente e continuei o meu caminho, revolvendo esse olhar na mente.

Os judeus sempre foram para mim um estranho enigma.

Na escola fiz um estudo especial da sua história.

Aprofundei-me na sua religião devido ao seu significado oculto.

Passei noites sem dormir maravilhado com os mistérios da Cabala e, ainda assim, perguntava constantemente: por que razão é esta raça a mais cética e materialista que hoje se encontra no mundo?

Esses pensamentos regressaram novamente.

Esta raça a quem Deus ensinara o ocultismo, cujas doze tribos representavam os doze signos do Zodíaco, cujas acções tinham sido todas preditas antecipadamente, cujos profetas eram superiores aos sacerdotes, e em cujo alfabeto hebraico cada letra estava associada a um Número e ao seu significado oculto.

Seria possível — pensava eu — que, ao perderem a chave dos mistérios ocultos da sua própria religião, tivessem pago a penalidade através da perda — perda de grandeza, perda da pátria e das mil e uma privações que desde então sofreram?

Quando o Mestre dos Milagres, o desprezado Nazareno, cujos passos eram todos o cumprimento de uma profecia, lhes mostrou as maravilhas das forças ocultas da natureza, até então o ceticismo deles os cegou para a verdade — e assim a “raça escolhida”, diante da qual as muralhas de Jericó caíram (em virtude da obediência à lei oculta do Sete), tornou-se motivo de escárnio para o mundo.

Muitas vezes me interroguei sobre a razão de serem chamados “o povo escolhido de Deus” e, como não existe afirmação alguma nas Sagradas Escrituras que não contenha a sua mensagem particular, cheguei à conclusão de que foram “escolhidos” como a raça através da qual o Criador manifesta o significado oculto da humanidade.

Eram os filhos do Destino, pregando inconscientemente o propósito de Deus a todos os povos, e a prova viva do desígnio presente em todos os acontecimentos do passado, do presente e do futuro.

No início da história, os seus sete dias ou períodos da criação correspondiam do modo mais absoluto ao domínio dos sete planetas

criadores que receberam a missão de governar esta Terra e conduzir o seu destino.

Primeiro veio o ciclo do Sol, o período em que a ciência nos diz que a Terra era uma massa de fogo em fusão, moldada para um propósito futuro, quando “a luz foi separada das trevas”.

Segundo, o ciclo da Lua, quando “as águas foram separadas” e desde então a Lua passou a governar as marés do mundo.

Terceiro, o ciclo de Marte — quando apareceu a “terra seca” e a vegetação brotou, sendo então sentidas pela primeira vez na Terra a energia e a força, símbolos de Marte.

Quarto, o período de Mercúrio, símbolo da ciência das estrelas “de onde toda a ciência provém”, o período em que Ele “colocou os planetas no firmamento do céu para governarem o dia e a noite”.

Quinto, o ciclo de Júpiter, a criação do espírito de inquietação e desejo na natureza, que é em si o símbolo da Ambição.

Sexto, o ciclo de Vénus, o período da criação dos animais e da própria humanidade, “macho e fêmea os criou”, simbolizando que o mais elevado estágio da progressão animal e humana é a criação da espécie humana, para cujo propósito especial tudo o resto foi feito.

Sétimo, o ciclo de Saturno, emblema do repouso, da reflexão e da morte (pois Deus “descansou ao sétimo dia e o santificou”).

Tal como o mundo foi construído por estes sete planetas criadores, assim continuam eles, por sua vez, a exercer domínio sobre toda a criação.

Mais tarde, na história do mundo, o próprio Cristo morreu ao entardecer do “sexto dia da semana” — o último dos dias de trabalho estabelecidos pelo Criador no princípio dos tempos.

Além disso, permaneceu no túmulo, no repouso da morte, durante o sétimo dia, o dia em que, desde o início, o Criador declarara: “nenhum homem trabalhará”.

“No primeiro dia da semana”, “ao romper do dia”, cumprindo novamente o significado oculto dos sete planetas criadores e exatamente no momento desse dia que simboliza o Sol, Cristo — chamado o “Sol da Justiça” — ergueu-se das trevas do Túmulo, tal como o Regente do nosso Sistema Solar se ergue nesse mesmo instante das sombras da noite.

E assim acontecia também com os judeus; eles foram “escolhidos” para serem o exemplo dessas verdades.

O próprio Templo deles foi construído “segundo o modelo que lhes foi mostrado nos Céus”; possuíram até a Shekinah entre eles, até que fecharam os olhos à sua luz e se lançaram a si próprios nas trevas, trazendo no rosto a marca do ceticismo que até o mais simples observador do carácter pode ler.

Venderam o seu direito de primogenitura — ou seja, a gloriosa verdade oculta da sua grandiosa religião — por um “prato de lentilhas” mundano; e os seus sacerdotes perderam as chaves do Tabernáculo que os grandes judeus, seus antepassados, possuíam.

Esperam a vinda do Messias, mas pouco imaginam que, quando ele vier, será para lhes ensinar as verdades ocultas da sua própria religião, e a primeira lição que aprenderão será que foram “escolhidos” para servir de exemplo aos outros das leis do Destino que governam mundos, nações e vidas individuais.

Pensamentos como estes fervilhavam-me na mente quando senti um toque no ombro e vi o judeu por quem passara parado ao meu lado.

— Então, não se lembra de mim? — perguntou.

— Não posso dizer que sim — respondi.

— Pois eu tenho motivos para me lembrar de si. Leu-me as mãos no Egito e tudo o que me disse aconteceu, até mesmo o meu caso de divórcio no mês passado.

— Então agora acredita neste estudo, suponho?

— Oh, não, não acredito — respondeu. — Não consigo acreditar nessas coisas, mas há dinheiro nisso, meu amigo. O senhor devia fazer fortuna. Está a praticar agora? Quero trazer-lhe alguns amigos.

— Não — respondi — não faço nada disso; apenas escrevo algumas coisas para jornais.

Ele riu-se.

— Só os tolos escrevem — disse.

E, antes que eu pudesse organizar os meus pensamentos, já tinha colocado diante de mim uma proposta brilhante.

Fomos até ao seu escritório — nas paredes havia velhas pinturas poeirentas, sobre a mesa pedaços de porcelana, alguns escaravelhos egípcios e um busto de mármore grego.

Era funcionário do Governo, mas ganhava dinheiro com tudo aquilo em que conseguia pôr as mãos.

Meia hora depois, regressava à rua tendo assinado com ele um contrato para começar imediatamente em Londres, contrato esse que, aliás, me obrigava a entregar-lhe cinquenta por cento de todo o dinheiro que viesse a ganhar durante doze anos a partir daquela data.

Ainda assim, é preciso reconhecer-lhe espírito empreendedor.

CAPÍTULO IV

A ESCOLHA DE UM NOME: UM ACTO DO PARLAMENTO: O CONTRATO DESFEITO

Nesse mesmo dia parti, cheio de coragem renovada, à procura de instalações adequadas no West End para exercer a minha atividade.

Mas encontrar quartos não era tarefa fácil.

Naqueles tempos anteriores à moda da quiromancia, a Quiromancia era em Londres uma “quantidade desconhecida e inaudita”.

Era uma arte relegada aos ciganos e associada, no espírito dos proprietários, a tudo o que fosse maléfico.

Bastava mencionar o propósito para o qual eu queria as instalações para receber uma recusa severa e, em certos casos, uma lição religiosa sobre os perigos de lidar com tais obras do demónio.

Por fim encontrei uma senhoria escocesa (outra raça cuja perspicácia desde então aprendi a respeitar quase tanto quanto a dos judeus).

Era uma boa católica, com poucos recursos e um marido tuberculoso, mas, quando concordei em pagar o dobro da renda, conseguiu conciliar o assunto com a sua consciência.

Contudo, a consciência de uma mulher escocesa não é algo que se faça adormecer facilmente.

Logo descobri que ela aspergia água benta à minha porta manhã e noite e, quando me mudei para instalações maiores um mês depois, cobrou-me uma soma pesada pelos danos causados à carpete.

Estava instalado, é verdade, mas surgiu outra dificuldade: não tinha um nome sob o qual trabalhar, pois, como o meu pai ainda era vivo, não queria usar o meu próprio.

O meu amigo judeu e eu discutimos a questão dia após dia.

Sugeri dezenas de nomes bíblicos e, a certa altura, mostrou-se particularmente entusiasmado com um nome de guerreiro como “Salomão”; mas, felizmente para mim, esse nome fora recentemente aplicado a ele próprio no tal processo de divórcio, devido à sua emulação do desejo daquele monarca de estudar o livro da sabedoria chamado “Mulher”, pelo que acabou por decidir que um nome tão distinto era demasiado arriscado para um homem tão jovem como eu.

Os dias passavam e nenhum nome surgia; começou então a irritar-se com aquilo a que chamava o meu “capricho fantasioso”.

Citava a opinião de Shakespeare sobre os nomes sempre que nos encontrávamos e escrevia longas cartas sobre “a procrastinação, ladrão do tempo”, a “grandeza da oportunidade” e outros temas semelhantes; contudo, quando o nome certo finalmente apareceu, foi o último homem em Londres a reconhecê-lo.

Numa noite, mais preocupado do que nunca com as suas censuras, o meu cérebro cansado sonhou com centenas de nomes até que, de repente, pareceu-me ver, em grego e inglês, o nome “CHEIRO” destacado diante de mim.

Na manhã seguinte anunciei a minha descoberta.

Ele repetiu o nome vezes sem conta e acabou por informar-me de que eu era um tolo, que ninguém conseguiria pronunciá-lo, que não tinha significado e era inútil.

Expliquei-lhe em vão que Cheir era a palavra grega para mão e que “Cheiro” seria assim associado pelas pessoas inteligentes ao intérprete da mão.

— Tolo! — foi a única resposta que se dignou dar.

E, receando que “Salomão” pudesse voltar a ser ressuscitado, corri à tipografia mais próxima e assim nasceu o nome “CHEIRO”.

Em poucas semanas os clientes começaram a chegar regularmente e, ao fim do primeiro mês, o meu amigo hebreu recebeu de volta todo o dinheiro que me tinha adiantado, juntamente com os cinquenta por cento que negociara.

Ficou extremamente satisfeito com aquilo a que chamava “o seu investimento oculto”.

A sua felicidade, porém, não estava destinada a durar muito.

Certa tarde entrou apressadamente, num estado de grande agitação, e colocou um jornal vespertino diante dos meus olhos.

— Veja isto — disse, apontando para um parágrafo. — Estou arruinado.

Ao olhar para a coluna, descobri que um jornalista, ao escrever sobre a moda que eu iniciara em Londres, citava, para demonstrar a sua extraordinária erudição no assunto, um excerto de um antigo Ato do Parlamento destinado a provar que todas essas profissões eram simplesmente ilegais.

O referido Ato fora promulgado no tempo de Henrique VIII, provavelmente porque o “Monarca Alegre” não desejava que as suas numerosas esposas tivessem oportunidade de descobrir o seu infeliz destino através de meios como a Astrologia ou a Quiromancia.

Esse inteligente Ato do Parlamento dizia o seguinte:

“Qualquer pessoa ou pessoas consideradas culpadas de praticar Astrologia, Quiromancia, Feitiçaria ou quaisquer outras obras do demónio serão consideradas vadios e malfeitores, condenados a perder todos os seus bens e posses, a permanecer um ano no pelourinho, a ser expulsos do país ou presos para toda a vida.”

Após a aprovação de semelhante lei, é de esperar que o “monarca de muitos casamentos” tenha dormido descansado, sabendo que Ana Bolena ou Catarina Howard estariam protegidas de descobrir o futuro através de “tais obras do demónio”.

A História também afirma que o rei culpava a Astrologia pela rebelião do Duque de Buckingham; mas, quer fosse por causa das esposas ou das rebeliões, o certo é que esta inteligente lei entrou em vigor.

Durante o reinado de Isabel I caiu em desuso, talvez devido à sua crença no célebre astrólogo John Dee e às suas frequentes visitas para o consultar em Mortlake.

Em qualquer caso, a História conta-nos que este grande astrólogo, místico e quiromante serviu durante mais de vinte anos como conselheiro e orientador da Rainha; e quem sabe se a grandeza da Inglaterra atual não

deve mais do que imaginamos à “Rainha Bess” por seguir os conselhos provenientes dos estudos ocultos dos quais o velho John Dee era mestre?

Sob Jorge III, cujo nome também ficou ligado para a posteridade à perda da América, o velho Ato foi restaurado; e, como os tempos mudam e as pessoas mudam, mas os Atos do Parlamento nunca mudam, essa inteligente lei permanece até aos dias de hoje e teve o efeito de aterrorizar o meu amigo hebreu.

— Meu caro rapaz — disse ele — estou arruinado. Sou funcionário do Governo. Dentro de poucos anos reformo-me com pensão. Perderei tudo se descobrirem que ajudei alguém a infringir um Ato do Parlamento. Já me pagou o dinheiro com juros; pelo amor de Deus rasgue o contrato e queime-o. E, se tiver problemas, nunca mencione o meu nome nem diga que alguma vez me conheceu.

Em menos de cinco minutos o contrato estava reduzido a cinzas; apertámos as mãos e eu voltei a ser um homem livre.

CAPÍTULO V

CLIENTES DIFÍCEIS: “A MÃE E A FILHA”

Depois de desfeito o contrato com o meu amigo hebreu, as pessoas começaram a procurar-me cada vez mais para ouvir o que eu tinha para dizer.

Uma pessoa recomendava-me a outra e assim decorreram os primeiros meses.

Certa tarde apareceu uma mãe extremamente autoritária acompanhada de uma filha lindíssima.

A mãe autoritária tinha já delineado na sua mente um futuro maravilhoso para aquela criatura frágil de aparência quase santa que estava ao seu lado.

Mesmo nessa altura, a minha regra era nunca atender duas pessoas ao mesmo tempo durante uma consulta — mas a mãe autoritária recusou terminantemente qualquer sugestão nesse sentido.

— Onde irá parar a sociedade — exclamou ela — se se permite que uma rapariga fique sozinha meia hora na companhia de um homem?

Tentei assegurar-lhe que eram apenas as mãos da sua bela filha que me interessavam, mas acabei por ceder, e a mãe autoritária prometeu manter-se em silêncio e não interromper.

Nessa ocasião eu estava extremamente nervoso, pois a experiência já me ensinara que até os amigos mais íntimos raramente conhecem o verdadeiro carácter da pessoa que têm ao lado e que, de todas as pessoas, os pais são geralmente os que mais se enganam acerca do carácter dos próprios filhos.

As mãos delicadas daquela perfeita modelo de Madona abriram-se sobre a almofada diante de mim.

Observei por um momento o labirinto das suas linhas complicadas e depois voltei os olhos para o rosto calmo, seguro e belo daquela jovem de dezanove anos.

Cometi então o meu único erro.

Pensei que a mãe soubesse da ansiedade e do sofrimento por que aquela rapariga passava naquele preciso momento e que talvez tivesse vindo pedir-me conselho sobre a melhor forma de a ajudar; e, acreditando nisso, tão rapidamente quanto as palavras me surgiam, tracei o retrato da sua vida arruinada, do casamento destruído que já fizera e da desgraça que parecia envolvê-la.

A compaixão pareceu sufocar-me e interrompi-me.

Ainda bem que o fiz, pois mais um segundo e creio que a mãe autoritária teria tido um ataque de apoplexia.

Ao ver o seu rosto púrpura de raiva, percebi o erro que cometera ao falar daquela forma e mal ousava encontrar o olhar da rapariga.

Calmamente, enquanto calçava as luvas, ela disse:

— Mãe, que fraude esta pessoa é!

E, por um momento, eu próprio pensei que talvez o fosse.

Então a tempestade rebentou e a mãe autoritária disse-me tudo o que pensava de mim e da minha arte e, como um furacão furioso, saiu do local.

Fiquei completamente perturbado durante o resto do dia.

Sabia que não me enganara, mas percebia a publicidade desastrosa que aquelas visitantes me faziam.

Em cada casa que a mãe visitava, em cada receção a que comparecia, repetia a todos o que eu lhe dissera — até que, certa manhã, surgiu o desfecho.

A pobre rapariga, essa atriz extraordinária, foi presa por descontar um cheque falsificado.

Estivera casada durante dois anos com um canalha.

Ele fugira do país, deixando-a entregue à sua sorte.

Voltámos a encontrar-nos anos mais tarde e fico feliz por poder dizer que então consegui prestar-lhe ajuda considerável.

CAPÍTULO VI

MADAME SARAH BERNHARDT

E UMA DESCRIÇÃO DA SUA MÃO

Depois disto, Londres falou, naturalmente, e o meu tempo ficou tão ocupado que as pessoas tinham de marcar consultas com semanas de antecedência; e então surgiu uma aventura curiosa que sempre recordarei com prazer.

Certa noite, um cavalheiro veio buscar-me de carruagem e perguntou-me se aceitaria acompanhá-lo para conhecer uma senhora cujas mãos, segundo ele, seriam de enorme interesse para mim.

Concordei e juntos dirigimo-nos a uma casa situada num grande jardim perto de St. John's Wood.

Tinham-me feito prometer que não faria perguntas, mas confesso que estava algo ansioso quando, após o que me pareceu bastante tempo, a porta ao fundo de um corredor se abriu e uma senhora, com uma pesada mantilha negra de renda cobrindo-lhe a cabeça e o rosto, veio na minha direção e estendeu as mãos sob a luz suave de um candeeiro elétrico.

E que mãos eram aquelas!

Do ponto de vista das linhas e marcas, fascinaram-me completamente.

Mal sabia o que dizia.

Estava num estado de nervosismo e intensidade extremos, sobretudo porque a minha interlocutora interrompia de vez em quando com a exclamação:

— Mon Dieu, comme c'est bien vrai.

Depois de descrever o caminho do brilho e do sucesso — a glória da conquista, os triunfos e também as provações dos bem-sucedidos — pintei o declínio do dia, o apagar gradual das lâmpadas da vida, o lento nivelamento das colinas da esperança e da ambição, e algo mais que parecia uma tragédia — e o fim.

As mãos brancas foram retiradas, grandes soluços ergueram-se sob o véu até que, subitamente, ele foi afastado e os olhos da grande Sarah — aqueles olhos maravilhosos — olharam diretamente para os meus.

Não faz parte destas memórias rudimentares falar dos meus próprios sentimentos ou emoções, mas devo admitir que, nesta fase da minha carreira invulgar, senti um orgulho e uma gratidão intensos pelo estudo que me aproximara da única Bernhardt, sobretudo quando, com a voz mais

doce que os meus jovens ouvidos alguma vez tinham escutado, ela repetiu vezes sem conta em francês:

— É a coisa mais extraordinária que já conheci, extraordinária, extraordinária, extraordinária.

Mas logo pensei: o público cético nunca acreditará que vi “a única Sarah”; por isso entreguei-lhe o meu livro de autógrafos e pedi-lhe que escrevesse algo como recordação.

Sem hesitar um instante, escreveu as seguintes palavras e assinou-as com a sua característica assinatura.

“Uma vez que Deus colocou nas nossas mãos linhas e sinais que revelam o nosso passado e o nosso futuro, apenas lamento que dessas linhas não possamos conhecer o futuro daqueles que mais amamos, para assim podermos preveni-los das dores ou tristezas que se aproximam; mas Deus faz todas as coisas bem feitas — assim seja, então, Ámen.

SARAH BERNHARDT.”

Antes de partir, tirei um molde da sua mão em gesso, que publiquei anos mais tarde no meu conhecido livro “Linguagem da Mão, de Cheiro” e que aqui reproduzo.

Como as suas características principais são tão marcantes e claras, penso que uma breve explicação poderá interessar aos meus leitores.

Em primeiro lugar, a forma da mão, para quem estuda estas matérias, deve certamente revelar tanto como a forma dos membros de um cavalo para um entendido em cavalos.

Para este último, cada movimento, cada linha é indicação de linhagem, “forma” e outras qualidades semelhantes, e um olhar experiente consegue instantaneamente determinar se o cavalo é adequado para um tipo de trabalho ou outro, identificar os seus pontos fortes e fracos e perceber se o sucesso ou o fracasso acompanharão a sua carreira.

Da mesma forma, a forma da mão mostra à pessoa experiente nestes assuntos as características do indivíduo, a hereditariedade, a educação, as

peculiaridades de temperamento, etc., sobre as quais a mentalidade atuará como sobre um instrumento.

Nada existe de ilógico em tal raciocínio.

As pessoas com mãos quadradas e pesadas, dedos quadrados e rombos, revelam-se metódicas, sólidas e materialistas nos pensamentos e nas ações; enquanto aquelas que possuem mãos arredondadas e dedos afilados tendem a ser impulsivas, excitáveis, artísticas e assim por diante.

O molde de Madame Bernhardt pertence claramente ao segundo tipo e não ao primeiro.

Observando agora as linhas (que indicam a mentalidade), descobriu-se igualmente que todas as pessoas que possuem linhas retas e bem definidas apresentam personalidades fortes e decididas, imprimindo em tudo o que fazem a marca da sua força de vontade, precisão e propósito.

Algumas podem possuir apenas uma linha reta e nitidamente marcada, tendo todas as outras fracas ou ondulantes; nesses casos, revelam-se decididas no propósito correspondente ao significado dessa linha.

No caso de Madame Bernhardt, porém, vê-se que quase todas as linhas principais são extraordinariamente claras e retas e, num caso assim, o dono da mão imprime inevitavelmente uma personalidade inconfundível a tudo o que empreende.

A carreira de Madame Bernhardt é demasiado conhecida para que eu precise de dar exemplos disto nas diferentes atividades que desenvolveu; mas é reconhecido que até a sua escultura possuía um carácter tão decidido quanto o seu poder dramático noutra forma de arte.

As duas linhas retas que sobem do pulso em direção ao segundo e terceiro dedos raramente aparecem tão nítidas.

A que se dirige ao segundo dedo chama-se Linha do Destino, ou, como prefiro designá-la, Linha da Individualidade; enquanto a linha que sobe para o terceiro dedo se chama Linha do Sucesso ou Linha do Sol, pois simboliza brilho, glória e êxito.

Nalgumas mãos ela não existe; noutras surge quebrada, vacilante e incerta; mas, em todos os casos em que aparece clara e definida, essas pessoas alcançam maior brilho e sucesso do que as demais e têm mais luz ou notoriedade lançada sobre as suas vidas.

Quando aparece na parte inferior da palma, próxima do pulso, as qualidades acima referidas manifestam-se cedo na vida; quando surge apenas a meio da mão, aparecem mais tarde; e mais tarde ainda quando se encontra perto da base do terceiro dedo.

Considerando apenas estes pontos, é preciso admitir que esta mão da grande Sarah corresponde exatamente a uma carreira que deslumbrou o mundo desde a juventude e que continuou brilhante ao longo de toda a sua vida.

A linha horizontal central que atravessa o meio da palma chama-se Linha da Cabeça ou da Mentalidade.

Quando aparece, como no caso dela, reta e clara, indica, de forma semelhante às linhas ascendentes, uma mentalidade fortemente marcada — uma vontade ativa e determinada — e, por atravessar a palma de modo tão uniforme, uma grande versatilidade de talento em tudo aquilo que essa vontade mental levar o seu possuidor a empreender.

Contudo, como a forma da mão pertence ao tipo arredondado, com dedos afilados, conclui-se naturalmente que tal mentalidade teria de ser aplicada numa carreira artística e emocional, onde um temperamento assim encontraria as condições mais adequadas ao seu próprio desenvolvimento.

Se essas mesmas linhas tivessem sido encontradas numa mão quadrada, com dedos de extremidades quadradas ou rombas, então o sucesso teria surgido, pelo contrário, num domínio prático, científico ou metódico.

Esta breve explicação permitirá, penso eu, que os leitores julguem por si mesmos em que base razoável este estranho estudo foi construído e quão claro ele se pode tornar para aqueles que se disponham a analisá-lo de um ponto de vista natural, afastado do supersticioso e do misterioso.

Como Oscar Wilde escreveu anos mais tarde no meu livro de autógrafos:

“O mistério da vida é o visível, não o invisível.”

CAPÍTULO VII

O DESTINO DECIDE: O “AT HOME”

DA SENHORA WALTER PALMER

Mais uma vez Londres falou, mas desta vez falou demais; e então alguns daqueles jornais cujo único prazer parece residir em atormentar os bem-sucedidos — alguns desses abutres da imprensa que, graças a Deus, o clima inglês não favorece — apareceram pela primeira vez à minha porta, e um ou dois chegaram mesmo a ameaçar-me abertamente com chantagem.

Voltaram a surgir artigos chamando a atenção para o velho Ato do Parlamento aprovado no reinado de Henrique VIII, ao qual já me referi num capítulo anterior.

Eu era jovem nessa época; desconhecia a inveja, o ódio e a maldade da humanidade.

Durante anos estivera tão absorvido no meu estudo particular que o ciúme do mundo era algo completamente novo para mim.

Senti-o — e profundamente.

Numa segunda-feira de manhã recebi dois desses artigos e, completamente desencorajado, disse à minha secretária que deixasse de marcar consultas para o fim daquela semana, pois no sábado seguinte, às seis horas, tencionava atender o meu último cliente.

Nunca trabalhei tanto nem desempenhei melhor o meu trabalho do que durante essa semana e, às seis horas de sábado, pelo menos segundo os meus planos, a minha carreira como “Cheiro” chegara ao fim.

O Destino, porém, que desempenhara um papel tão decisivo ao introduzir na minha vida acontecimentos sobre os quais eu não tivera qualquer controle, parecia ter decidido de outra forma.

Ouvi a voz de uma senhora à porta implorando à minha secretária que lhe arranjasse uma entrevista naquele mesmo momento e, assim, ela entrou.

No fim da consulta, recostando-se na cadeira, disse:

— Esta noite vou receber em minha casa algumas pessoas muito interessantes. Qual seria o seu honorário para vir demonstrar o seu trabalho?

— Nada, minha senhora — respondi — absolutamente nada; desde as seis horas de hoje que “Cheiro” deixou de existir. Mas, se me permitir, terei prazer em oferecer-lhe os meus serviços, porque apenas desejo convencer pessoas inteligentes de que existem alguns que praticam este estudo sem serem charlatões nem impostores.

— Obrigada — respondeu ela — talvez tenha esta noite a sua oportunidade. Aqui está o meu cartão: “Mrs. Walter Palmer, Brook Street.” Espero-o às nove e meia.

Os convidados subiam as escadas rindo e conversando — a primeira pessoa que insistiram que eu atendesse foi um cavalheiro idoso a quem tratavam por “o doutor”.

“O doutor”, sem abrir os lábios, submeteu-se com relativa elegância à “tortura” e, em poucos minutos, tracei os principais pontos da sua carreira, os anos em que realizara determinadas mudanças, etc.

Começou a interessar-se, as gargalhadas cessaram e, por fim, quando terminei, disse:

— Bem, fui o seu maior cético e passei toda a noite a argumentar que uma coisa destas era impossível; mas não me importa se descobriu estas coisas pelas minhas mãos ou pelas minhas botas — acertou certamente em datas e acontecimentos exatos, e não faço ideia de como o conseguiu.

— Ainda assim — respondi — se é médico, então esta ciência está completamente errada, porque não tem mais aptidão para médico do que o homem da Lua.

— Então diga-me — respondeu — que profissão deveria eu ter seguido segundo “as minhas linhas”?

— Apenas uma — repliquei — a de advogado, ou talvez melhor ainda, advogado criminalista.

Retirando um porta-cartões, o visitante disse:

— Confesso que penso realmente merecer que saiba quem sou.

No cartão que me entregou li o conhecido nome de:

Mr. George Lewis.*

Depois disso, um convidado após outro passou pela prova — Mr. Herbert Gladstone, Sir Henry Irving, Mr. Comyns Carr e dezenas de outros — até que, já perto das três da manhã, Mrs. Palmer declarou que eu devia estar demasiado cansado para continuar e convidou-me a visitá-la no dia seguinte para conversarmos sobre o que ela chamou “o triunfo dela e o meu”.

• Mais tarde Sir George Lewis.

No dia seguinte (domingo), ela disse:

— Não pode de maneira nenhuma pensar em abandonar este trabalho.

Então contei-lhe os artigos de jornal que me tinham sido enviados, o Ato do Parlamento que o proibia, etc.

Com o seu entusiasmo habitual respondeu:

— Ontem à noite causou tal impressão em Mr. George Lewis! Vou já procurá-lo e pedir-lhe a opinião dele. Espere aqui até eu voltar.

Esperei e, quando ela regressou, disse:

— George Lewis afirma que trabalha sobre fundamentos tão completamente diferentes daqueles a que esse velho Ato se destinava que não está abrangido por ele; e, se tiver algum problema, deve colocar o caso nas mãos dele, porque o defenderá.

Na manhã seguinte retomei a minha vida profissional e nunca mais ouvi qualquer referência a interferências ou ameaças relacionadas com esse obsoleto Ato do Parlamento.

CAPÍTULO VIII

EPISÓDIOS DA SOCIEDADE:

BLANCHE ROOSEVELT E UM ENCONTRO COM OSCAR WILDE:

UMA ESTRANHA PREDIÇÃO E O SEU CUMPRIMENTO

Quando recomecei, decidi colocar o meu talento, dois dias por semana, ao serviço daqueles que não podiam pagar os meus honorários.

Sentia que, ao fazê-lo, devolvia aos pobres uma parte daquilo que Deus me concedera.

Durante algumas semanas tive até a satisfação de acreditar que estava a agir corretamente, de forma caridosa, até perceber um dia que neste mundo é tão difícil fazer o bem como é fácil fazer o mal.

Descobri que os pobres não apareciam; em vez deles, surgiam a Duquesa de Não-Sei-Quem e Lady Esta-ou-Aquela, deixando as carruagens na esquina da rua seguinte e ocupando gratuitamente o tempo que eu reservara para os necessitados.

Então, por minha vez, reagi.

Aumentei os meus preços, deixei de atender qualquer pessoa sem honorários e passei a fazer eu próprio a minha caridade.

Nunca, contudo, recusei um pedido vindo de alguém que realmente não pudesse pagar e, em cada temporada, os meus livros demonstravam que dedicava gratuitamente o meu tempo a muitas centenas de pessoas.

Certa tarde apareceu uma mulher extraordinariamente bela.

Era a minha última cliente desse dia e, depois de ela partir, revi mentalmente tudo o que lhe dissera.

Sabia que fora invulgarmente exato com ela e repassei repetidamente, na minha mente, as observações que fizera e as datas que calculara para acontecimentos que me pareciam inevitáveis.

Segundo um sistema muito particular meu, que explicarei mais tarde, através do qual datas, números e tempo podem ser calculados ao ponto de eu acreditar que até os acontecimentos de cada hora podem ser mais ou menos indicados, parecia-me que aquela visitante correria sério perigo de incêndio nessa mesma noite.

Algumas pessoas chamariam talvez a isto uma forma de clarividência, mas, para mim, com determinados cálculos como base, a mente treinada e intuitiva, graças sobretudo à concentração, consegue interpretar as “sombras dos acontecimentos futuros” e senti-las, tal como até os animais por vezes pressentem o perigo horas antes de ele surgir.

Seja como for, fiquei tão convencido do perigo que ameaçava aquela senhora que, apesar de cem razões me aconselharem a não o fazer, resolvi procurá-la imediatamente para a avisar.

Não sabia o seu nome, pois os meus visitantes nunca o revelavam; mas, ao sair, dissera ao meu criado para indicar ao cocheiro um hotel muito conhecido e, por isso, dirigi-me imediatamente para lá.

A descrição que forneci na receção foi suficiente; o meu cartão foi enviado para cima e ela recebeu-me.

A princípio julgou que eu estava louco e disse-mo francamente, mas acabou por se impressionar com a minha insistência e concordou em abandonar o hotel e passar a noite em casa de uma amiga sua, Mrs. Charles Hawtrey, em Wilton Crescent.

E então ocorreu a parte mais estranha da história.

Não houve qualquer incêndio.

Mas o seu cão de estimação, que deixara no quarto, morreu asfixiado durante a noite devido a uma fuga de gás que se produziu sob o chão desse mesmo aposento.

Foi desta forma que conheci a célebre e belíssima Blanche Roosevelt (Condessa Machetta d'Algri).

Blanche Roosevelt era uma dessas criaturas que, tal como o Cometa de Halley, apenas atravessam o horizonte da vida uma vez em muitos séculos.

Blanche era americana e toda a gente a adorava, desde o mendigo da rua até ao príncipe do palácio; e todos lhe chamavam simplesmente Blanche, pois nenhum título parecia adorná-la melhor do que o seu próprio nome.

Este ser extraordinário, verdadeira criança mimada dos deuses, possuía dons como poucas mulheres antes ou depois dela.

Era autora e poetisa de grande mérito; o seu “Copper Queen”, com a vívida descrição do incêndio de Chicago, era considerado um dos melhores romances da época.

Pintava como poucos artistas conseguiam pintar e cantava como poucas prima donnas.

Liszt adorava-a e incentivava-a na música, enquanto o grande Sardou e Bulwer Lytton tentavam atraí-la para o mundo das letras.

Para além dos talentos, possuía uma beleza encantadora e uma aparente ingenuidade em relação à própria beleza que atraía tanto as mulheres quanto os homens.

Até a Rainha Vitória, depois da sua apresentação na Corte, pedira para a voltar a ver.

Se eu conseguisse descrevê-la talvez compreendessem: os dentes mais brancos, a pele mais clara, os olhos mais azuis e cabelos como ouro batido que qualquer artista pudesse imaginar; uma figura magnificamente alta, com o porte de uma rainha, a elegância de uma pura-sangue e, apesar disso tudo, a simplicidade de uma criança.

Assim era Blanche, em poucas palavras.

Pouco depois do episódio do “incêndio” que mencionei, ela ofereceu um jantar onde se combinou que eu leria as mãos através de uma cortina, para não saber quem eram os meus consultantes.

Quando terminei, apresentaram-me ao Príncipe Colonna, ao Duque de ———, a Madame Melba, a Lord Leighton, a Henry Abbey de Nova Iorque e muitos outros.

O maior sucesso dessa noite aconteceu com Oscar Wilde, que então se encontrava no auge da fama em Londres.

Naquela mesma noite estreara “The Woman of No Importance”, mas eu não fazia ideia, quando as suas mãos algo gordas surgiram através das aberturas da cortina, de que pudessem pertencer ao homem mais comentado de Londres naquele momento.

Fiquei, contudo, tão impressionado com a diferença entre as marcas da mão esquerda e da direita que expliquei, por detrás da cortina, que a esquerda denota sempre as tendências hereditárias, enquanto a direita revela as características desenvolvidas ou adquiridas; e que, quando utilizamos o lado esquerdo do cérebro, os nervos cruzam-se e dirigem-se à mão direita, sendo esta, conseqüentemente, a verdadeira expressão da natureza e desenvolvimento do indivíduo.

Apresentei esse caso como exemplo de uma mão esquerda que prometia um destino extraordinariamente brilhante e um sucesso ininterrupto, completamente quebrado e arruinado numa determinada data na mão direita.

Esquecendo-me por um instante de mim próprio, resumi tudo dizendo:

— A mão esquerda é a mão de um rei, mas a direita é a de um rei que se enviará a si próprio para o exílio.

O dono das mãos não se riu.

— Em que data? — perguntou calmamente.

— Dentro de poucos anos — respondi — entre os quarenta e um e os quarenta e dois anos.

Naturalmente, todos se riram.

— Que piada!

Mas Wilde, de forma teatral, virou-se para os presentes e repetiu gravemente:

— A esquerda é a mão de um rei, mas a direita é a de um rei que se enviará a si próprio para o exílio.

E, sem mais uma palavra, saiu.

Foi o fim da noite.

Blanche ficou um pouco aborrecida — tanto quanto alguma vez conseguia ficar — por eu ter afugentado o “leão” da sua festa.

Disse-me que eu era demasiado realista para entretenimentos de salão; assim, as cortinas foram retiradas e serviu-se a ceia em vez da ciência.

Só voltei a encontrar Oscar Wilde pouco antes de ele iniciar o processo que acabaria tão tragicamente para si.

Veio consultar-me para verificar “se a quebra ainda lá estava”.

Disse-lhe que sim, mas acrescentei que seguramente o seu Destino não poderia ser destruído.

Permaneceu muito, muito silencioso, mas disse de forma distante:

— Meu caro amigo, sabe bem que o Destino não mantém reparadores de estradas nas suas vias.

Nunca mais o vi até eu próprio ter dado meia volta ao mundo e chegado a Paris em 1900.

Era uma bela noite de Verão durante a Exposição Universal.

Jantara com amigos e estávamos sentados na esplanada de um dos principais restaurantes quando uma figura estranha, magra e arruinada passou e se sentou afastada da multidão.

Não o teria reconhecido se alguém do nosso grupo não tivesse exclamado:

— Ora, é Oscar Wilde!

Levantei-me instintivamente.

— Tenho de ir falar com ele — disse.

— Se for — respondeu o meu anfitrião — não precisa de voltar.

Aceitei o desafio, aproximei-me de Wilde e estendi-lhe a mão.

Na sua terrível solidão, segurou-a por um instante e desatou a chorar.

— Meu caro amigo — disse — como é bondoso da sua parte! Toda a gente me evita agora. Como é bom que tenha vindo falar comigo!

E então conversámos — conversámos até a música terminar, até o som das vozes e dos passos desaparecer e a grande Exposição mergulhar na escuridão.

Ele reviu o julgamento, os erros cometidos, a vida na prisão, a alegria da liberdade — tudo.

Depois contou-me a parte mais amarga: o desespero sem esperança, os desprezos e afastamentos dos antigos amigos e a impossibilidade de recuperar o seu lugar no mundo.

Reviu tudo como se estivesse a ler um documento humano escrito em sangue.

Não adiantava oferecer-lhe consolo ou esperança — a sua mente era demasiado grande para se alimentar de ilusões; estava desperta para a terrível realidade da vida, para a cruel verdade de que, para ele, o Destino estava quebrado.

Subitamente, após uma torrente de palavras onde espuma, brilho e profundidade desciam como um rio violento rompendo as margens da convencionalidade, pareceu-lhe ocorrer uma ideia; num segundo encontrava-se junto ao rio.

Enquanto subia ao parapeito, a lua surgiu e delineou cada curva daquela figura maciça e destruída que parecia prestes a lançar-se às águas silenciosas.

Corri até ele e agarrei-lhe o braço, mas ele voltou-se imediatamente e, com a gargalhada mais sarcástica que alguma vez ouvi, disse:

— Não, meu rapaz; não dirão que Oscar tirou a própria vida. Como os cães ladrariam e a imprensa se encheria de descrições sensacionalistas! Já me perseguiram o suficiente, Deus sabe, mas esta noite deu-me coragem para enfrentá-los — e também a dor e a morte que se aproximam cada vez mais a cada dia.

Se nunca fez um ato bondoso na vida, fez um esta noite ao vir ter comigo com a sua amizade e compaixão.

Caminhou comigo no Vale da Sombra — no Getsémani da vida por onde todos passam mais cedo ou mais tarde.

Fico feliz por a prova ter chegado e terminado.

“A sua presença fez o passado morto erguer-se do túmulo.

Lembra-se daquela noite em casa da Blanche — precisamente na noite em que eu obtivera um dos meus maiores triunfos — e lembra-se do que me disse?

Quantas vezes pensei nisso desde então e, enquanto desfazia estopa na prisão, olhava muitas vezes para as minhas mãos e interrogava-me acerca daquela quebra tão claramente marcada no sinal do Destino, perguntando também porque fui incapaz de aceitar o aviso.

“Fez-me bem esta noite. Trouxe-me de volta a mim próprio.

Agora deixe-me caminhar sozinho pelas ruas silenciosas. Certamente nos encontraremos de novo nesta grande aldeia que é Paris.”

Nunca mais nos encontrámos, mas fui um dos poucos que acompanharam o seu caixão até ao túmulo alguns meses mais tarde.

CAPÍTULO IX

DOIS ENCONTROS COM O REI EDUARDO VII:

A DATA FATAL

Durante o ano de 1891 tive a honra de conhecer, pela primeira vez, o falecido Rei Eduardo, nas seguintes circunstâncias.

Uma das minhas clientes, distinta senhora muito conhecida na sociedade, convidara-me a deslocar-me à sua casa em Mayfair numa certa noite, depois do jantar.

Quando cheguei, recebeu-me no vestíbulo e conduziu-me até à sala de fumo no fundo do corredor.

— Agora — disse ela — quero pedir-lhe um grande favor. Desejo que se sente atrás destas cortinas que mandei instalar e leia, com toda a clareza possível, as mãos de um homem que virá aqui expressamente para esse fim.

“Estará sozinho com ele e deve dizer francamente tudo o que vir, sem qualquer consideração pelos sentimentos dele. Fará o seu melhor, não fará?”

— Certamente — respondi — farei o melhor que puder.

Instalei-me atrás das cortinas, ajustei a luz elétrica de modo a ver as mãos da melhor forma possível e fiquei à espera do meu “sujeito”.

Poucos momentos depois ela regressou acompanhada de um cavalheiro e, depois de lhe colocar as mãos através da cortina, deixou-nos sozinhos.

Sem suspeitar de quem se tratava, comecei o trabalho com a mesma serenidade que teria com qualquer dos meus clientes habituais.

O meu “sujeito” parecia divertir-se imenso com a experiência; uma ou duas vezes fez algumas perguntas e ocasionalmente retirava as mãos para tomar notas, e assim prosseguimos até eu começar a indicar os anos importantes do destino para certas mudanças e acontecimentos que pareciam escapar ao seu controlo.

Tinha chegado ao ponto de explicar como e por que razão os dias mais importantes da semana para ele seriam as terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras, e que os seus números importantes eram os seis e os nove, e que os meses representados por esses números — de 21 de Março a 21 de Abril, de 21 de Abril a 27 de Maio e de 21 de Outubro a 27 de Novembro — conteriam os acontecimentos mais importantes relacionados pessoalmente com ele.

— Estranho — disse ele — mas isso é extraordinariamente exato.

Nesse momento inclinou-se um pouco demasiado sobre a cortina e, como as senhoras não são famosas por prenderem bem estas coisas, os alfinetes soltaram-se — as cortinas caíram aos nossos pés — e encontrei-me frente a frente com o então Príncipe de Gales.

Devo ter ficado branco de susto, porque ele, da forma mais amável possível, disse:

— Não tem motivo para estar nervoso. Saiu-se magnificamente e é a primeira vez na minha vida que sinto verdadeira satisfação com este género de coisa. Continue com essa curiosa teoria dos números que possui; esqueça quem eu sou e esteja tão à vontade como antes.

A sua maneira afável teria tranquilizado até a pessoa mais nervosa; assim, puxando uma mesa e pegando em papel, comecei a desenhar, segundo o meu sistema, um esquema indicando quando os acontecimentos mais importantes da sua vida ocorreriam e com que exatidão coincidiriam com determinados meses do ano e não com outros.

Trabalhámos calmamente e foi ele próprio quem apontou o número 69, dizendo:

— Como esta é a única data em que estes dois números curiosos que diz serem as notas dominantes da minha vida se encontram, suponho então que esse deve ser o fim.

Quão distante isso parecia — e, no entanto, ele próprio escolhera, com estranha exatidão, a data fatal!*

Segundo este sistema de números, o mês de Abril, no qual contraiu a sua última doença, é desde tempos imemoriais representado pelo número 9.

O mês de Maio, no qual morreu, é representado pelo número 6.

A própria soma da idade, 69, pela adição natural, dá $6 + 9 = 15$; $1 + 5 = 6$.

Faleceu num dia 6 de Maio, uma sexta-feira, que também é representada pelo número 6 nos mais antigos escritos relativos a este sistema de cálculo.

- O Rei Eduardo encontrava-se no seu sexagésimo nono ano quando morreu.

O SEGUNDO ENCONTRO

Anos mais tarde tive novamente a honra de o encontrar, ainda enquanto Príncipe de Gales, mas em circunstâncias muito diferentes.

A Guerra dos Bóeres acabara de rebentar e milhares de soldados britânicos partiam em todos os navios para a África do Sul.

A Princesa de ———, que desde a infância desfrutava da amizade do Príncipe de Gales, viera a Londres com um plano muito engenhoso para enviar carregamentos de bolachas para os soldados.

Conseguira interessar o Príncipe na ideia e, como tinha absoluta confiança em mim, integrou-me no projeto de obter opções junto dos grandes fabricantes de bolachas da Inglaterra, tal como já fizera no Continente.

Certa tarde, no salão privado dela no Hotel Berkeley, eu encontrava-me ativamente empenhado em apresentar-lhe os detalhes das opções que conseguira assegurar, quando alguém bateu à porta e entrou o Príncipe de Gales.

Ela preparava-se para me apresentar quando o Príncipe se riu e disse:

— Ora aqui está o homem que não me deixa viver para além dos sessenta e nove anos.

— Que pena não ser o Kaiser — respondeu ela — já teria sido executado por lesa-majestade.

Ai do projeto dela.

O Príncipe tivera o cuidado de vir dizer-lhe que acabara de saber, através do Ministério da Guerra, que tinham sido descobertos grandes depósitos de bolachas anteriormente esquecidos e que vários carregamentos já tinham sido enviados para a frente de combate.

Poucas noites depois encontrei casualmente o Príncipe a sair do Marlborough Club.

Ao aproximar-se de mim disse:

— Gostaria de conversar novamente consigo sobre a sua teoria dos Números. Venha comigo à minha biblioteca, onde não seremos interrompidos.

Entrámos juntos em Marlborough House.

Primeiro ofereceu-me um charuto e depois papel, pedindo-me que calculasse “os Números” de várias pessoas cujas datas de nascimento mencionou; e, das seis até quase às oito horas, trabalhei sem interrupção, até lhe ser entregue uma mensagem informando-o de que precisava de se vestir para o jantar.

Tomei notas das datas e das perguntas que fez, mas não penso ter o direito de as tornar públicas, nem os comentários dele às minhas observações.

Quando finalmente se levantou para sair, apertou-me a mão da forma mais graciosa e, depois de me acender outro charuto, acompanhou-me até ao vestíbulo e, voltando a estender-me a mão, disse:

— Adeus.

CAPÍTULO X

A VISITA DO REI EDUARDO A PARIS:

OS MEUS SERVIÇOS EM PROL DA “ENTENTE CORDIALE”:

O LANÇAMENTO DE UM JORNAL AO SERVIÇO DA PAZ

Na sequência do relato anterior sobre a minha entrevista com o Rei Eduardo VII, talvez não seja deslocado contar aqui como mais tarde fui instrumental na promoção do seu célebre projeto da Entente Cordiale entre a Inglaterra e a França, podendo afirmar com segurança que fui um dos primeiros promotores da ideia, pelo menos em Paris.

Naturalmente nunca esquecera a condescendência e a gentileza de Sua Majestade para comigo e, vivendo em Paris pouco depois do “caso de Fachoda”, que despertara tão forte sentimento anti-inglês em França, fiz o possível, à minha modesta maneira, para assegurar que pelo menos o nome dele fosse respeitado nos encontros e reuniões a que assistia.

Durante a minha juventude, um dos meus tutores — um velho que conhecia bem o mundo — dissera-me certa vez:

— Meu rapaz, vou dar-lhe uma regra de ouro para a áspera viagem da vida. É esta: “Faça o bem àqueles que lhe fazem bem; e quanto aos que lhe fazem mal — tenha pena da falta de discernimento deles.” Se seguir esta regra, talvez não se torne milionário, mas terá pelo menos grande satisfação.

Nunca esqueci as palavras do meu velho tutor; a máxima dele tornou-se um dos princípios fixos da minha vida e devo admitir que, por vezes, fui ao extremo para a pôr em prática.

O ambiente em Paris, na época de que falo, era tão hostil até para quem simplesmente “parecesse inglês” que frequentemente via americanos a caminhar pelos Boulevards segurando ostensivamente jornais americanos, para que os transeuntes percebessem que, embora falassem a língua, não pertenciam à “odiada raça dos usurpadores de terras que roubaram Fachoda”.

Por essa altura eu comprara e me tornara único proprietário do American Register and Anglo-Colonial World, um jornal fundado nos últimos anos do Império e que possuía a distinção — como ainda hoje possui — de ser o mais antigo jornal publicado em inglês no Continente.

Como esse jornal era tão conhecido e respeitado pelos franceses devido à imparcialidade da sua política e aos esforços contínuos para promover uma boa compreensão entre as raças latina e anglo-saxónica, ocorreu-me a ideia de que poderia ser usado de algum modo para atenuar o sentimento hostil já mencionado.

Tal como muitos outros, eu reparara que, embora o Rei Eduardo, enquanto homem, fosse bastante apreciado e as suas visitas anteriores fossem frequentemente comentadas, quando associado coletivamente à “pérvida Albion” assumia um aspeto totalmente diferente.

Veio-me então à mente que talvez fosse boa ideia recolher as opiniões dos principais líderes políticos e figuras públicas acerca da receção que, no entender deles, o Rei Eduardo teria caso visitasse Paris naquele momento.

Com esse objetivo, mandei enviar pelo American Register uma carta que, resumidamente, colocava as seguintes perguntas:

Sabendo da profunda simpatia e interesse demonstrados por Sua Majestade o Rei Eduardo em relação à França, qual seria, na opinião deles, a receção que lhe seria dada se visitasse Paris naquela altura?

E não poderia tal visita contribuir grandemente para dissipar o ressentimento existente e dar início a uma entente, tanto política como comercial, para benefício final de ambas as nações?

Foram enviadas alguns milhares dessas cartas e, em poucos dias — para meu espanto — começaram a chegar respostas de toda a França.

E que respostas!

Algumas chegavam ao ponto de escrever nada menos do que oito páginas de argumentos a favor ou contra a ideia; outras respondiam apenas com um simples “sim” ou “não”; enquanto certas cartas eram tão violentas contra a própria ideia de um jornal colocar tais questões naquele momento que, por vezes, quase me faziam arrepiar os cabelos.

A maioria, contudo, falava do próprio Rei em termos de respeito e admiração, e muitos afirmavam até que, se tal visita fosse possível, fariam o possível para transformá-la num triunfo pessoal de Sua Majestade, ainda que não conseguissem esquecer “a última ação da politique anglaise”.

Como Sir Edmund Monson, então embaixador britânico em França, sempre fora extremamente cordial comigo, preparei um maço dessas cartas e mostrei-lhas, perguntando-lhe se as enviaria a Sua Majestade.

Sir Edmund, embora muito atencioso comigo, disse-me francamente que, dada a tensão e a hostilidade existentes, não acreditava que pudesse resultar qualquer benefício do meu plano; assim, regressei a casa com o meu maço de cartas.

Por essa altura fui apresentado a Monsieur Delcassé, então Ministro dos Negócios Estrangeiros.

Felicitou-me calorosamente pela posição assumida pelo meu jornal e, com base no que me disse, tanto nesse encontro como num segundo, resolvi levar o plano avante e enviar pessoalmente as cartas a Sua Majestade.

Examinei-as cuidadosamente, mas admito que retirei todas as que estavam escritas de forma demasiado precipitada ou exaltada — e que, felizmente, ainda conservo na minha posse — sobretudo porque muitos dos seus autores mudaram desde então de opinião e são hoje firmes defensores da entente.

Para que o Rei Eduardo talvez se recordasse de quem lhe escrevia, mencionei na carta:

“Vossa Majestade talvez se lembre de mim como o homem a quem Vossa Majestade disse: ‘não me deixa viver para além dos sessenta e nove anos’.”

E assim as cartas foram enviadas.

Passou quase um mês sem qualquer resposta; entretanto, o American Register and Anglo-Colonial World continuava os seus artigos e publicava as cartas mais importantes e favoráveis que recebêramos, enviando exemplares especiais dessas edições a quase todas as figuras de relevo do mundo político francês e inglês.

Muitos dos principais jornais franceses comentaram a iniciativa do American Register e um número bastante grande citou as cartas e artigos publicados nas suas próprias colunas.

Certa tarde recebi uma mensagem pedindo-me que me deslocasse à Embaixada Britânica e, das mãos do próprio Sir Edmund, recebi as cartas devolvidas pelo Rei, “com os agradecimentos de Sua Majestade pelo incômodo que tivera”; e Sir Edmund acrescentou:

— Dentro de poucos dias ouvirá dizer que estão a ser feitos preparativos para a visita de Sua Majestade a Paris.

Seria supérfluo da minha parte comentar “a visita” em si, pois praticamente todos os escritores e jornais do mundo já emitiram opinião sobre os seus efeitos profundos.

Tenho, contudo, de discordar das “descrições entusiásticas” feitas por tantos acerca da “calorosa recepção” dada a Sua Majestade quando a sua carruagem percorreu pela primeira vez as ruas de Paris.

Na realidade, esteve longe de ser calorosa — ou sequer morna.

É verdade que a Avenue du Bois de Boulogne e os Champs-Élysées estavam repletos de gente, mas era, na sua maioria, uma multidão silenciosa; muito poucos levantaram sequer o chapéu.

Toda a gente sabia que o Presidente Loubet e as autoridades viviam no maior receio de que, a qualquer momento, pudesse ocorrer uma manifestação hostil.

Todas as precauções possíveis para garantir a segurança do Rei foram tomadas e o dispositivo policial, nas experientes mãos de Monsieur Lépine, foi absolutamente perfeito.

Ainda assim, nada disso conseguiu despertar entusiasmo popular — um povo que imaginava que “a visita” era apenas “mais uma prova de como a França fora vendida às malhas da pérfida Albion”.

O LANÇAMENTO DO JORNAL “ENTENTE CORDIALE”

Cerca de um mês antes da “visita”, como passou a ser chamada em Paris, pensei em dar continuidade ao sucesso das cartas anteriormente mencionadas lançando outro jornal cujo título estivesse mais de acordo com os interesses políticos e, com esse objetivo, fundei um jornal chamado Entente Cordiale, ou, como anunciava o subtítulo, “Um Jornal ao Serviço da Paz Internacional”.

Para esse fim contratei correspondentes nas principais capitais da Europa e vários redatores capazes de executar o programa.

Tudo corria bem até à noite anterior à impressão do primeiro número, quando ocorreu um episódio que talvez tenha sido, por si só, um presságio das dificuldades que aguardam aqueles que, num mundo de conflitos, se permitem sonhar com a paz.

Este incidente, embora agora seja suficientemente divertido para recordar, no momento em que ocorreu quase impediu o nascimento da revista e quase alterou as minhas próprias ideias acerca da viabilidade do empreendimento.

Devido aos erros cometidos na parte inglesa do jornal pelos nossos compositores franceses, fomos obrigados, no último momento, a produzir o primeiro número da publicação através dos nossos escritórios de Londres, pelo que corri de Paris para lá na noite anterior, esperando encontrar tudo pronto para impressão.

O meu principal editor era um inglês que vivera a maior parte da sua vida no Continente e que dominava perfeitamente várias línguas estrangeiras. Com a sua majestosa barba branca, parecia ele próprio um modelo perfeito para uma estátua da Paz, mas no íntimo era a encarnação de um verdadeiro bulldog britânico, revelando imediatamente o seu espírito combativo sempre que a dignidade ou a retidão de Inglaterra eram postas em causa.

Outro editor era francês e, embora viesse a tornar-se um dos maiores defensores da “Entente Cordiale”, nessa altura ainda estava “um pouco ressentido por causa de Fashoda” e sempre pronto a levantar a questão nos momentos mais inoportunos.

A equipa editorial em Londres completava-se com um irlandês que fora correspondente de guerra durante os últimos trinta anos.

Do irlandês, escusado será dizer, era ele o “paiol de pólvora” do navio.

Poderia ter muitos defeitos, mas era um dos escritores mais brilhantes que tive a sorte de conhecer. Nenhum tema era estranho à sua pena veloz. Direito internacional ou a história de uma múmia egípcia — tudo lhe era igual se fosse necessário um artigo à última hora, desde que ninguém questionasse uma certa dose generosa de álcool que, dizia ele, “era necessária para que o seu cérebro visse as coisas sob a luz adequada”.

Numa combinação destas, o seu sentido de humor irlandês era, contudo, um inconveniente algo sério. Na verdade, considerava a “Paz

Internacional” uma piada tão gigantesca que quase rebentou a rir na primeira vez que viu o nosso ambicioso subtítulo.

Na noite em questão, quando saltei do fiacre, ouvi sons de discórdia e conflito logo à porta da rua.

— O que se passa? — perguntei ao porteiro.

Com um sorriso significativo respondeu:

— É a primeira noite da revista da paz lá em cima, senhor; é só isso.

“Mais do que suficiente para mim”, pensei; mas nesse momento ouviu-se um estrondo assustador de vidro partido e o francês desceu as escadas a correr como um louco.

Na sala editorial parecia que um ciclone americano tinha feito uma visita surpresa — provas tipográficas voavam em todas as direções imagináveis, o meu venerável editor tinha o nariz tão danificado que jorrava sangue como um carro-cisterna, enquanto o meu ex-correspondente de guerra parecia acabado de regressar da frente de batalha.

Nunca soube exatamente o que acontecera — porque nunca perguntei.

— Um belo começo — foi tudo o que o irlandês disse enquanto agarrava numa caneta e começava a escrever freneticamente o seu artigo especial. “Inglaterra”, do outro lado da mesa, tentava parecer digna; enquanto um diligente rapaz de escritório recolhia as provas e as colocava solenemente diante de mim.

Não se disse mais palavra, mas durante as poucas horas que se seguiram devo confessar que nunca dois homens trabalharam tão arduamente nas suas vidas, com o resultado de terem sido produzidos alguns dos mais belos artigos sobre as virtudes da paz talvez alguma vez escritos sobre o assunto.

No dia seguinte, a *Entente Cordiale* apareceu nas bancas e descobri que tínhamos tido a honra de atribuir ao Rei um novo título — o de “Eduardo, o Pacificador”. Foi a primeira vez que ele foi chamado por esse nome, nas colunas do primeiro número desta revista.

Em menos de dois meses, a *Entente Cordiale* vendia-se bem em todas as partes do mundo e cartas de felicitações chegavam dos lugares mais inesperados. Quase todos os monarcas da Europa escreveram a acusar a recepção de exemplares e, do longínquo Japão, o Mikado enviou votos sinceros de sucesso para a publicação.

Financeiramente, contudo, nada do que empreendi terminou com um saldo tão negativo. Impressa no melhor papel, bem ilustrada e demasiado bem editada, o custo da sua produção mensal ultrapassava esmagadoramente as receitas, pelo que, após manter este jornal durante pouco mais de um ano, fiquei satisfeito por pôr fim à minha experiência “nos interesses da paz” — e assumir uma perda muito pesada pelo esforço.

E a inconsistência de tudo isto! Enquanto todas as nações elogiavam a paz, preparavam-se ativamente para a guerra. Um certo milionário, que obtinha grande parte da sua fortuna através da fabricação de canhões e blindagens para navios de guerra, deu grandes donativos para construir um Palácio da Paz, mas ninguém pensou em apoiar um jornal dedicado à propaganda da paz. Os diplomatas foram os últimos a pagar as suas assinaturas e, quando o faziam, era com o pedido de que a sua fotografia fosse publicada no número seguinte.

No fim, concluí que a piada do meu ex-correspondente de guerra irlandês não estava longe da verdade e que, no grande jogo da política, o magnífico ideal da Paz Internacional é apenas um sonho em que só os muito ricos — ou os muito tolos — se podem dar ao luxo de acreditar.

Antes de concluir as minhas humildes observações sobre esta questão da Paz Internacional, sinto que devo acrescentar — mesmo correndo o risco de desagradar aos leitores que clamam pela redução da Marinha britânica — que é apenas a Grã-Bretanha que hoje mantém a paz do mundo inteiro nas suas mãos.

Só aqueles que, como eu, viveram durante muitos anos sob as bandeiras de outras nações conseguem compreender verdadeiramente o significado do poder de Inglaterra para a Paz. Quando existe ameaça de guerra, há apenas uma pergunta feita: “O que fará Inglaterra?” e é da resposta a essa questão vital que tudo depende.

As pessoas que não pensam — e são tantas — tagarelam sobre “a grandeza dos antigos impérios”, mas nem Babilónia, nem a Grécia, nem Roma sonharam alguma vez com o domínio mundial da Grã-Bretanha moderna.

Misteriosa Grã-Bretanha! Fusão de quatro raças — ingleses, irlandeses, galeses e escoceses — Mãe dos Parlamentos e hoje Pacificadora de todos.

Sim, usei deliberadamente a palavra “Grã-Bretanha”, porque tantas vezes ouvi os “construtores do Império”, em terras longínquas e abrasadas pelo sol, responderem quase inconscientemente, mas talvez também movidos por aquele estranho instinto natural que é o génio de toda a grandeza: “Oh não, sou escocês”, “irlandês” ou “galês”, conforme o caso — mas acrescentando invariavelmente com orgulho: “Mas sou súbdito britânico.”

Ah! Se aqueles que se sentam “nas cadeiras do Estado” os pudessem ouvir, há muito teriam acrescentado ao emblema da Grã-Bretanha o trevo de quatro folhas — esse símbolo de sorte e poder que os chamados supersticiosos procuram e que Inglaterra encontrou em tempos antigos.

É inteligente o homem que consegue fazer os outros trabalharem para ele, mas é ainda mais inteligente aquele que consegue receber todo o mérito e, ao mesmo tempo, fazer com que os ajudantes fiquem satisfeitos por isso acontecer.

A responsabilidade pelo governo de John Bull costuma ser colocada nas mãos de alguém de nacionalidade diferente da sua, talvez um hebreu como Disraeli, um galês como Lloyd George, ou um escocês como Gladstone, Campbell-Bannerman ou Balfour. Normalmente tem algum judeu satisfeito para o aconselhar em Finanças, um irlandês para cuidar do Exército e, no momento presente, uma quantidade considerável de sangue americano dá energia às veias do Primeiro Lorde do Almirantado. Acima de tudo flutua a sua “Union Jack”, porque acima de todos os outros foi John Bull quem provou que é realmente “a união que faz a força”.

Certamente, quem reflectir sobre estas coisas só poderá sentir admiração por essa personagem simbólica cujos súbditos trabalham pela

sua honra em todas as terras e climas, cujos navios navegam em todos os mares, cuja força é a segurança dos mais fracos e que hoje ocupa a posição ainda mais orgulhosa de Árbitro da Paz entre as Nações da Terra.

CAPÍTULO XI

A RAINHA MARIA ACEITA O MEU LIVRO SOBRE AS MÃOS:

OS NÚMEROS OCULTOS DO REI JORGE

Uma das minhas recordações mais preciosas é uma carta da atual Rainha, que na época era ainda a Princesa May.

Recebi esta carta da seguinte forma.

Corria amplamente em Londres o rumor de que, antes do seu noivado com o Duque de Clarence, a Princesa May, acompanhada por outra senhora, viera consultar-me e que eu lhe teria dito que ficaria noiva de dois irmãos, que o seu primeiro noivo não sobreviveria, mas que, através do casamento com o irmão deste, acabaria por ocupar uma posição de enorme poder e da mais elevada responsabilidade.

Também lhe teria dito que o seu “número de sorte” era o 3 e que esse número estaria associado a todos os grandes acontecimentos do seu destino.

Como raramente, ou nunca, sabia os nomes dos meus visitantes, só posso relatar esta história tal como era geralmente comentada e como me foi também contada por uma senhora intimamente ligada à Princesa May. Foi essa senhora que mais tarde me sugeriu, quando foi anunciado o casamento com o Duque de York, que eu enviasse como presente de casamento o meu livro sobre as mãos, que acabara de ser publicado.

Seguindo o conselho dessa senhora, mandei imprimir um exemplar especial, encadernado em pele branca e ouro, que enviei para White Lodge cerca de quinze dias antes do casamento.

Para meu espanto e alegria, no mesmo dia em que o livro chegou ao seu destino, recebi o seguinte e gracioso agradecimento, enviado por Sua Alteza Real através de Madame Bricka, que também me contou o quanto a Princesa apreciara o meu simples presente.

“White Lodge
East Sheen
21 de Maio de 1893

A Princesa May agradece, com muita gratidão, o livro de Cheiro, que tão atenciosamente lhe enviou. Terá muito prazer em aceitá-lo e colocá-lo-á entre os seus presentes de casamento.”

Voltando ao número 3, o Rei Jorge nasceu num dia 3, nomeadamente a 3 de Junho. O casamento da Princesa May teve lugar num ano cuja soma dos números dá 3: $1893 = 21 = 3$; e a sua coroação como Rainha de Inglaterra, em $1911 = 12 = 3$, também ocorreu num ano cujo “número oculto” era igualmente 3.

Poderia relatar muitas outras curiosidades que os números influenciando o nosso atual Rei e Rainha parecem indicar, mas como penso que seriam consideradas demasiado técnicas para o presente livro, reservei-as para uma obra que estou a escrever sobre o Significado Oculto dos Números.

Espero apenas que os estranhos acontecimentos indicados pelos anos de 1912* e 1916 não afetem pessoalmente os tão amados soberanos de Inglaterra.

* Em justiça para com o autor, os editores desejam declarar que a frase acima já estava composta e paginada no Verão de 1911.

CAPÍTULO XII

ALGUMAS PERSONALIDADES INTERESSANTES:

O SR. W. T. STEAD; A MISS MAUD GONNE;

O SR. RICHARD CROKER DE TAMMANY HALL;

A MME. JANOTHA

Por esta altura fui convidado pelo Sr. W. T. Stead a visitá-lo nos seus famosos escritórios da Mowbray House.

Devo aqui explicar que, em todos os casos em que conhecia a identidade da pessoa que ia consultar-me, considerava-me em grande desvantagem e, por essa razão, estabelecera uma regra com o meu secretário no meu gabinete: se ele soubesse o nome do visitante, não mo deveria revelar em circunstância alguma.

A minha ideia era — e creio que os meus leitores concordarão comigo — que o cérebro, de forma comum, se deixa influenciar pela ideia de que determinada pessoa terá determinado tipo de vida ou fará determinadas coisas. O exato contrário acontece, contudo, com muito mais frequência, porque homens e mulheres no palco da vida representam mais ou menos um papel, enquanto o seu verdadeiro carácter é muitas vezes extremamente diferente daquilo que aparenta perante o público em geral.

Por essa razão, nunca gostei de interpretar a vida daqueles que conhecia intimamente e muitas vezes desapontava os meus amigos recusando-me sequer a olhar para as suas mãos.

Foi assim que me senti ao ir encontrar-me com o Sr. Stead.

Ele era uma dessas grandes personalidades sobre quem os holofotes da opinião pública incidiam com tanta intensidade em cada ato que até o “homem da rua” já ouvira falar do seu carácter de uma dúzia de maneiras diferentes através das colunas de todos os jornais de Inglaterra.

Expliquei-lhe a minha dificuldade; ele considerou-a lógica e razoável, e assim limitei-me a tirar uma impressão da sua notável mão para a minha

coleção e a explicar-lhe o significado das diferenças entre as linhas da sua mão e as de outras personalidades conhecidas.

Anos mais tarde, contudo, encontrámo-nos em Paris e, como eu usava a condecoração que me fora dada pelo Xá da Pérsia por ter previsto a data da tentativa de assassinato de que seria alvo, levando assim o seu Grão-Vizir a pedir um reforço da guarda policial que, como se recordará, salvou a vida do Xá, o Sr. Stead pediu-me que lhe explicasse como eu calculava, através da minha teoria dos números, aquilo a que se poderiam chamar datas fatais.

Estávamos sentados à mesa de um conhecido restaurante no Boulevard des Capucines: o Sr. Stead, a famosa Miss Maud Gonne e eu.

O Sr. Stead regressara da sua visita ao Czar, relacionada com o seu grande Movimento pela Paz, e Miss Gonne, a quem os parisienses chamavam “a Joana d’Arc irlandesa”, acabara de regressar de uma das suas brilhantes digressões “destruidoras da paz” pela Irlanda.

Quando terminei de explicar as minhas razões para ter identificado a data da tentativa contra a vida do Xá, o Sr. Stead pediu-me que lhe falasse sobre o carácter de algumas pessoas cujos números, segundo o meu sistema, eram “chaves” para o seu carácter e para os principais acontecimentos das suas vidas.

Quando terminei, disse-me que os números que me dera eram os dos seus próprios filhos e que, tanto quanto podia avaliar, o retrato que eu traçara era exato até ao mais pequeno detalhe do carácter. Cerca de dez anos mais tarde tive a satisfação de ouvir da sua boca que até os acontecimentos que eu indicara naquele almoço em Paris também se tinham concretizado.

SR. RICHARD CROKER DE TAMMANY HALL

Mais tarde creio que fiquei em dívida para com o Sr. Stead por um encontro que tive com outra dessas personalidades fortemente marcadas, cujo nome era quase tão conhecido em Inglaterra como na América. Refiro-me ao Sr. Richard Croker, então célebre líder de Tammany Hall, em Nova Iorque, chefe de uma organização política sem igual no mundo.

Depois da entrevista, disse-me que ouvira “o seu amigo Sr. Stead falar de mim” e que, por isso, queria ver o que eu lhe poderia dizer.

Estranhamente, aquilo que lhe disse era precisamente o que, naquele momento, parecia menos provável de acontecer. Ele era então o dirigente ativo de Tammany Hall, mas eu disse-lhe que se encontrava “numa encruzilhada, prestes a entregar o comando a outro e a trocar a sua vida política ativa por uma existência tranquila e pacífica”.

Evidentemente não tinha qualquer intenção de o fazer, mas menos de um ano depois surpreendeu toda a gente ao retirar-se, comprar uma propriedade na Irlanda, onde mais tarde criou o vencedor do Derby e conquistou a mais alta honra das corridas inglesas.

MADemoisELLE JANOTHA

Outra personalidade interessante, de um tipo totalmente diferente, que conheci por essa altura foi Mademoiselle Janotha, a famosa pianista da corte do Imperador da Alemanha, senhora que recebeu talvez mais condecorações e honras da realeza do que qualquer outra mulher no mundo da música.

Esta estranha pequena senhora (pois quem ouviu a sua maravilhosa execução fica inclinado a acreditar que os espíritos dos grandes mortos tocavam através dos seus dedos subtis) apareceu acompanhada do seu célebre gato preto, “Prince White Heather”, enrolado no seu regalo de peles.

A propósito, devo acrescentar que “Prince White Heather” foi durante muitos anos o mascote de Mademoiselle e podia ser visto com a sua dona em todos os bazares onde esta generosa senhora trabalhava em prol da caridade.

O seu enorme talento estava tão claramente marcado nas linhas da sua mão que não podia haver engano, e na semana seguinte tive o prazer, na antiga St. James’s Hall, de ser um dos muitos espectadores arrebatados pelo entusiasmo perante a sua interpretação de difíceis peças das grandes obras de Chopin e Liszt.

Talvez interesse aos meus leitores saber que esta grande artista atuou mais de trezentas vezes nessa famosa sala de concertos e que, como sinal especial de apreço, lhe foi pedido que tocasse no último concerto antes da demolição da velha St. James's Hall. A bela coroa de ferro que ornamentara o topo do edifício durante quarenta e sete anos foi oferecida a Mlle. Janotha como recordação.

Muitos anos passaram desde então, mas recentemente, no meu regresso a Londres, recebi dela algumas linhas de boas-vindas acrescentando: “Tudo o que me disse se realizou — as tristezas tanto como as alegrias.”

CAPÍTULO XIII

PERSONALIDADES INTERESSANTES (CONTINUAÇÃO)

O CONDE DE PARIS : LADY DE BATHE (MRS. LANGTRY)

Era frequentemente visitado por um muito cortês cavalheiro francês já idoso, que parecia particularmente interessado no meu sistema de Números e, sobretudo, em certos mapas que eu elaborara mostrando as datas dos acontecimentos importantes na vida das grandes personalidades do mundo, tais como os principais reis de França, bem como diagramas relativos às batalhas de Napoleão I e Wellington.

Estes últimos diagramas pedia-mos quase sempre que me visitava.

O período mais forte de Napoleão estava claramente indicado entre 1 de Julho e 30 de Outubro e entre 1 de Janeiro e 30 de Abril, enquanto o de Wellington ia de 15 de Abril a 15 de Julho e de 15 de Outubro a 15 de Janeiro.

A primeira vez que estes dois grandes generais se encontraram frente a frente foi em Waterloo e, como essa batalha decisiva ocorreu a 18 de Junho de 1815, aconteceu portanto no período mais forte de Wellington e no mais fraco de Napoleão.

Este cavalheiro idoso gostava frequentemente de especular sobre o que teria acontecido à Europa se Napoleão tivesse sido guiado por um

gráfico semelhante e tivesse adiado essa batalha decisiva até entrar no seu “período forte”.

O meu visitante conhecia a história de França ao detalhe e era especialmente versado nas datas das várias dinastias, revoluções, etc.; contudo, nunca tive a menor ideia de quem ele realmente era até pouco antes da minha partida de Londres para a América, quando lhe pedi uma impressão da mão como recordação.

— Não — respondeu — por razões pessoais não desejo fazê-lo, mas, em vez disso, terei muito gosto em dar-lhe uma pequena fotografia minha que por acaso trago comigo.

Tirando da carteira uma pequena fotografia tipo *carte de visite*, aproximou-se da minha secretária e escreveu o seu nome na parte inferior do cartão.

Quando ele se foi embora, olhei para a secretária e vi que assinara a fotografia com o nome: Philippe, Conde de Paris.

MRS. LANGTRY

Nunca soube que Mrs. Langtry, que mais tarde se tornou Lady de Bathe, me tivesse consultado até alguns anos depois, quando me convidou para tomar chá na sua suite no Hotel Carlton.

Perguntei-lhe então se gostaria que eu examinasse a sua mão e, para minha surpresa, ela desatou a rir dizendo:

— Já o fez há anos. Fui ter consigo com um véu preto tão espesso que não conseguia ver a ponta do meu nariz, quanto mais saber com quem estava a falar.

“É por isso que acredito no seu trabalho, porque me falou de mim com exatidão, não como o mundo pensa que sou, mas como eu própria me conheço.”

Como a recordo bem nessa tarde, com a sua encantadora sala cheia de belas rosas *La France*. Estava tão radiante, tão feliz.

Enquanto conversávamos, chegou uma grande caixa contendo um elegante tinteiro de prata e uma gentil carta de felicitações pelo seu aniversário enviada pelo Rei Eduardo.

Ela esquecera-se completamente da data, mas o falecido Rei, com a sua habitual atenção, lembrara-se dela, e tenho a certeza de que poucos presentes lhe deram tanto prazer como aquele, na ocasião a que me refiro.

Antes de me despedir, ofereceu-me a excelente fotografia que aqui reproduzo, mas aqueles que tiveram o privilégio de conhecer Mrs. Langtry concordarão comigo em que nenhuma fotografia lhe fazia justiça nem dava a mais leve ideia do seu extraordinário encanto ou da bondade de coração que inspirava tanta devoção nos que verdadeiramente a conheciam.

Recebi recentemente a seguinte carta de Lady de Bathe e, por ser exemplo da gentileza de carácter que mencionei, creio que vale a pena incluí-la nestes registos:

28 Regent's Court,
Hanover Gate
15 de Abril de 1911

Meu caro “Cheiro”,

Ouvi dizer que regressou a Londres e penso que é justo dizer-lhe quão exatas foram as suas observações no meu caso e o estranho cumprimento do que disse que aconteceria ao longo dos últimos dez anos.

Disse-me então que eu não seria acompanhada pelo meu marido à América, embora tivesse planeado a minha tournée precisamente para esse fim. Não conseguia perceber como as suas palavras poderiam tornar-se realidade, mas rebentou a Guerra dos Bóeres e os acontecimentos sucederam exatamente como previra.

Predisse também um escândalo e problemas para mim nos Estados Unidos durante a tournée que então planeava. Também aqui duvidei da exatidão das suas palavras, pois levava uma excelente companhia teatral e uma peça que fora um grande sucesso em Londres. Mas voltou a ter razão, porque cheguei à América durante uma campanha política e a peça em

questão, *The Degenerates*, de Sydney Grundy, foi considerada imoral devido ao título por aqueles que, naquele momento, estavam prontos a aproveitar qualquer pretexto para promover os interesses do seu partido; seja como for, tive exatamente os problemas e o escândalo que indicara, sendo em certos casos praticamente perseguida de cidade em cidade.

Mas talvez o episódio mais curioso tenha sido o seguinte. Disse-me que por volta do mês de Julho seguinte eu sofreria um acidente relacionado com um cavalo, o qual causaria um choque ao meu sistema nervoso de que levaria algum tempo a recuperar. Isso aconteceu quando a minha égua favorita de corridas, Maluma, montada por Tod Sloan, fraturou o ombro na corrida da Taça de Liverpool e teve de ser abatida.

Confesso que, acreditem ou não, isso afetou-me de tal maneira que levei muito tempo até recuperar o entusiasmo pelas corridas.

Estes são apenas os acontecimentos que mais claramente sobressaem entre os anos que passaram desde a última vez que o vi, mas até nos pormenores mais pequenos teve igual exatidão em tudo o que disse.

Acho apenas justo escrever-lhe e dizer-lhe quão exato foi. O encorajamento faz-nos tanto bem no nosso trabalho. Se as pessoas se apercebessem disso, este mundo estaria cheio de esforços muito melhores.

Creia-me,
Muito sinceramente sua,
(Assinado)
Lady de Bathe.

CAPÍTULO XIV

A BORDO DE UM NAVIO AMERICANO:

UM ELEGANTE CUMPRIMENTO À RAINHA DE INGLATERRA:

MADAME NORDICA E UM CHÁ EM “STATE ROOM”

Não cansarei os meus leitores relatando muitas mais experiências do meu primeiro ano em Londres; basta dizer que, no final, devido ao excesso

de trabalho, adoeci de tal forma que passei quase três meses numa casa de saúde privada em Devonshire Street, W.

Os meus livros de marcações mostravam que, durante a minha primeira temporada, eu fora consultado por uma média de vinte pessoas por dia e, contando trezentos dias de trabalho por ano, dera entrevistas a cerca de seis mil pessoas. Além disso, compareci em receções e festas de jardim onde era impossível contar quantos me consultavam; e dessas seis mil pessoas recebidas no meu gabinete, ofereci mais de mil consultas gratuitas a quem não podia pagar os meus honorários.

Mas eu queria conquistar novos horizontes e, assim que recuperei o suficiente para viajar, decidi partir para a América. Foi com esse objetivo que me encontrei certa manhã na plataforma de Waterloo à espera da partida do comboio para o barco.

Os meus dois médicos, Blanche Roosevelt e cerca de meia dúzia de amigos foram despedir-se de mim e Blanche apresentou-me na estação a Madame Nordica, que também atravessaria o Atlântico no mesmo navio.

Não descreverei a viagem, pois nos dias de hoje todas as viagens marítimas se assemelham; contudo, foi um momento importante para mim, porque seguia rumo aos Estados Unidos sem cartas de recomendação, sem conhecer ninguém e sabendo pouco ou nada sobre os americanos.

Mentalmente, despedira-me da velha e querida Inglaterra. Estava sob outra bandeira e muitas vezes me perguntei desde então se aquele pequeno pedaço de pano no topo do mastro afetou milhares de outros viajantes ingleses rumo à América da mesma forma que me afetou a mim.

Instintivamente olhei para o navio americano e para a grande multidão de americanos que transportava, e quase sem me dar conta comecei a analisar e a tomar nota das pequenas diferenças que tornam a sua individualidade distinta da dos filhos e filhas da Grã-Bretanha.

Antes de mais, o navio era operado por iniciativa americana; era um dos melhores da frota pertencente à American Line e, ao conversar com alguns passageiros, descobri que existia em certos casos um verdadeiro espírito patriótico no facto de escolherem viajar no S.S. *Paris*.

Ora, é um erro pensar que os americanos são agressivos no seu patriotismo dentro do seu próprio país, ou que o grito da águia é a única música que se ouve nos Estados Unidos; pelo contrário, a águia americana é muito mais ruidosa fora do seu território, mas em casa é quase lamentável verificar quão pouco verdadeiro patriotismo os americanos demonstram em relação aos assuntos da sua grande nação.

Demasiadas vezes os ingleses julgam os seus primos do outro lado do “lago dos arenques” pelos — para dizer o mínimo — espécimes bastante peculiares que frequentemente representam o turista americano na Europa.

É esta classe de turistas, que provavelmente nunca saiu antes do seu país, ou mesmo do seu próprio Estado, que, assim que ganha algum dinheiro, decide “fazer a Europa”, conseguindo “fazê-la” de tal forma que a pobre velha Europa fica horrorizada perante aquilo a que gosta de chamar “aqueles ianques mal-educados”.

Mesmo naquela curta viagem de Londres para Southampton havia um espécime desta classe usando uma gravata feita com as Estrelas e Riscas, insistindo em fumar um charuto horrível, pôr os pés sobre os assentos e tornar-se, de forma geral, desagradável para todos os que o rodeavam; mas eu atrever-me-ia a apostar que, no seu próprio país, esse mesmo indivíduo seria dócil como um cordeiro acabado de nascer.

O mesmo acontece com muitos ingleses que vão para a América. Quando vivi nos Estados Unidos, senti mais de uma vez profunda vergonha dos filhos — e por vezes também das filhas — da Grã-Bretanha que visitavam a América e deixavam uma impressão tão má do que são os ingleses como a que deixam muitos dos que atravessam o Atlântico para “fazer a Europa”.

Mas voltemos à viagem. Antes do meio-dia já estávamos no Canal e, a cada hora, o gigantesco navio ganhava mais velocidade até parecer um comboio expresso a correr sobre a água, com quase tanta estabilidade como se circulasse sobre carris.

Era interessante sentar-se no convés e observar os vários pontos da costa que alcançávamos e deixávamos para trás. A Ilha de Wight estava alegremente ornamentada com bandeiras e os Needles nunca pareceram tão

nítidos, enquanto Bournemouth — sóbria e tranquila Bournemouth — parecia positivamente animada quando o grande navio passou diante dela.

E assim decorreu o dia até cair a noite, até surgirem as estrelas e o último rochedo desaparecer; e, enquanto um a um os passageiros desciam para o interior do navio, vi muitas belas americanas olharem para trás sobre o rasto de espuma e lançarem um beijo às falésias brancas de Inglaterra que desapareciam rapidamente de vista.

No dia seguinte ocorreu um pequeno incidente que achei digno de registo. Era domingo e o sino do navio tocou para o serviço religioso e pareceu soar de forma tão estranhamente doce sobre o mar solitário que me impressionou mais do que qualquer sino de igreja antes ou depois disso; e assim, como muitos outros, desci para assistir ao ofício.

Quaisquer que sejam as crenças religiosas de uma pessoa, é impossível não se tornar tolerante no mar; só a visão do oceano já alarga os horizontes e, se por acaso houver um pouco de enjoo à mistura, então pouco importa se quem fala da “terra melhor” é um padre de sobrecasaca ou um capitão do Exército de Salvação.

Apesar de um ou outro balanço do navio e de pequenos incómodos, a cerimónia foi conduzida de forma extremamente impressionante pelo Reverendo Arquidiácono Kirkby, de Rye, Nova Iorque. O incidente que considerei digno de menção foi o facto de que, ao chegar à oração que na Igreja Episcopal da América é dedicada ao Presidente, ele prestou uma elegante homenagem ao país que acabara de deixar, rezando pela Rainha de Inglaterra.

Considerando que estávamos num navio americano, sob bandeira americana, e que quase todos a bordo eram americanos, pareceu-me que este gesto de cortesia, por pequeno que fosse, merecia ser registado.

Cerca de três dias depois da partida, Madame Nordica enviou-me um encantador bilhete convidando-me para tomar chá nessa noite na sua cabine.

Descobri que Signor Perugini, o conhecido tenor, também fora convidado e, depois do chá, a conversa voltou-se para o meu trabalho.

Nordica pediu-me então que visse se Perugini iria realmente retirar-se para uma vida religiosa, como planeava fazer havia já alguns meses.

Podem imaginar a incredulidade deles quando anunciei que, em vez disso, Perugini se casaria dentro de um ano com uma mulher da sua própria profissão, seria felicitado por todos e, ainda assim, o casamento terminaria antes de seis meses e pouco mais de um ano depois acabaria numa separação definitiva.

“Um pouco rápido até para os Estados Unidos”, riram eles — e, no entanto, foi exatamente isso que aconteceu.

Como todos sabem, ao desembarcar foi contratado para cantar na companhia de Lillian Russell, no Casino; poucos meses depois casou-se com esta bela prima donna, então a deusa do palco americano; menos de seis meses depois o casamento terminara e, pouco mais de um ano depois, foi acordada a separação deste casal tão estranhamente unido.

Esta previsão e o seu cumprimento contribuíram muito para tornar o meu nome conhecido em Nova Iorque, mas, ainda assim, o começo foi muito difícil.

CAPÍTULO XV

A MÃO DE UM ASSASSINO E A SUA POSTERIOR CONDENAÇÃO

Aluguei um excelente apartamento no coração da Quinta Avenida, a rua mais exclusiva da cidade; mas tornar-se conhecido em Nova Iorque, sem cartas de apresentação e sem amigos, não era tarefa fácil.

A oportunidade surgiu da seguinte maneira: eu estava quase no limite da coragem e seriamente a pensar em bater em retirada quando, certa tarde, uma muito determinada jornalista apareceu e me fez a seguinte proposta:

— Fui enviada pelo *New York World* para lhe propor o seguinte teste: se aceitar e tiver sucesso, receberá a maior publicidade da sua vida; mas, se falhar ou recusar, pode apanhar o próximo vapor de regresso a casa.

— Qual é o teste? — perguntei.

— Ler, sem saber os nomes das pessoas e sem fazer perguntas, uma série de impressões em papel que lhe colocaremos diante de si — é só isso — respondeu ela. — Agora aceite ou recuse, como preferir.

— Muito bem, aceito — respondi.

— Já calculava que fosse suficientemente louco para isso — replicou ela — mas está combinado.

Alguns dias depois apareceu com as impressões e tomou em estenografia tudo o que eu dizia.

Começámos; levou toda a tarde, das duas às sete, até terminarmos.

Confesso que estava intensamente nervoso; as impressões não eram nada boas, tinham sido feitas em papel fumado, e a minha inquisidora estava longe de ser simpática.

Creio que foi precisamente esse nervosismo que me fez ter sucesso; o meu cérebro, levado ao extremo da tensão, parecia absorver cada linha e cada formação, criando retratos mentais dos seus donos de tal modo que eu conseguia descrever as suas características como se os conhecesse pessoalmente.

Então chegou o clímax — foi talvez a quarta ou quinta impressão que ela colocou diante de mim.

— Há algo nesta mão tão anormal — disse eu — que me recusarei a lê-la, a menos que me traga o consentimento do proprietário para revelar o que vejo.

— Temos o consentimento de todas estas pessoas — respondeu ela, mostrando-me uma carta do *New York World* declarando que o consentimento fora obtido junto das várias pessoas que tinham fornecido aquelas impressões.

Nessas condições, concordei em continuar. A mão diante de mim era a de um assassino — disso eu tinha a certeza absoluta.

Não podia haver engano: na mão esquerda todas as linhas eram normais e revelavam um elevado grau de inteligência — mas na direita havia provas claras de que tal homem utilizara a sua inteligência para obter dinheiro através do crime e que, pouco depois da meia-idade, a própria autoconfiança o entregaria às mãos da justiça.

— Quer este homem tenha cometido um assassinato ou vinte — observei — não é essa a questão; por volta dos quarenta e quatro anos será julgado por homicídio e condenado. Descobrir-se-á que durante anos utilizou a sua inteligência e qualquer profissão que exercesse para obter dinheiro por meios criminosos, não recuando perante nada para atingir os seus fins. Será condenado, passará por enorme tensão e ansiedade, viverá sob a própria sombra da morte; contudo, a sua vida não terminará dessa forma, porque passará o resto dos seus dias na prisão.

O que realmente aconteceu foi o seguinte.

Este homem, o Dr. Meyer, foi condenado por fazer seguros de vida de pessoas em Chicago — era o médico delas ou conseguia mais tarde tornar-se o seu assistente — e acreditava-se que, no exercício da profissão, envenenava os pacientes para depois receber o dinheiro dos seguros.

Naquela época, nos Estados Unidos, podia-se segurar qualquer pessoa, fosse ou não familiar, pagar os prémios todos os anos e receber o valor quando essa pessoa morresse. Desde este caso, a lei foi consideravelmente alterada.

Quando o processo do Dr. Meyer foi julgado, a minha previsão cumpriu-se à letra; após um longo e sensacional julgamento, em que lutou ferozmente por cada detalhe da defesa, foi condenado à morte, mas poucos dias antes da cadeira elétrica, devido a um ponto técnico da lei, a sentença foi alterada para prisão perpétua.

Por fim, completamente exausto, a jornalista retirou-se; não me deu a satisfação de saber se eu estivera correto ou não nas minhas afirmações — limitou-se a dizer-me que conheceria o resultado na edição de domingo do *World*. Era então terça-feira.

Vivi sob enorme tensão nos dias seguintes. Durante a noite mal dormia até perto da manhã. Sábado, por volta das nove horas, o meu criado negro bateu à porta e acordou-me. Com a maior naturalidade disse:

— Levante-se, senhor, há mais de cem pessoas sentadas nas escadas à espera de o ver.

Nem perguntei a razão; na sua mão estava o *New York World*, com toda a primeira página dedicada à entrevista. Ainda consigo ver o título em letras enormes: “Cheiro lê com sucesso as vidas do Presidente da Câmara, do Procurador Distrital, Nicoll Ward McAllister, Dr. Meyer”, etc.

Vesti-me e saí para o patamar; as escadas estavam negras de gente de todas as idades, tipos e condições.

Os americanos não são como nenhum outro povo do mundo. Quando metem uma ideia na cabeça, não perdem tempo a pô-la em prática.

Um homem fez-se porta-voz e disse:

— Vimos este artigo sobre si no *World* de hoje, por isso já sabe o que queremos.

Disseram-me que fiz bem em responder:

— Lamento muito que tenham tido o incómodo de vir hoje, porque, para além de escrúpulos religiosos, guardo o domingo como dia de descanso. Segunda-feira de manhã, às nove horas, se desejarem.

Creio que subi na consideração deles precisamente por causa da recusa; porque não há qualidade que os americanos apreciem mais do que a independência.

Durante todo o dia os visitantes ouviram a mesma resposta e, quando chegou segunda-feira, o meu secretário teve de marcar consultas com quase dois meses de antecedência.

CAPÍTULO XVI

UM CLIENTE RELATA UMA HISTÓRIA TERRÍVEL

Tive muitos episódios curiosos e emocionantes durante o meu primeiro ano em Nova Iorque, mas relatarei apenas alguns, caso contrário seriam precisos não um, mas três ou quatro livros apenas para narrar os acontecimentos da minha tournée americana. Muitos desses episódios foram cômicos, alguns indescritivelmente tristes, mas todos mais ou menos interessantes.

Espero um dia escrever outro livro sobre a minha viagem americana, no qual poderei incluir uma gama mais ampla das minhas experiências.

Certa tarde apareceu para me consultar um homem muito bem vestido, bastante elegante, de cerca de quarenta e cinco anos.

Como era o momento mais ocupado do meu dia, comecei imediatamente a trabalhar e, abrindo as mãos do homem sobre a mesa, sem sequer levantar os olhos, comecei a ler a sua vida passada.

Devo aqui fazer uma pausa para explicar que, embora a maioria das pessoas diga que não se importa de ouvir falar do passado e que o que lhes interessa é a situação presente, sempre descobri que é da exatidão com que se descreve o passado que depende a confiança que terão nas restantes afirmações.

Além disso, é evidente que só reconstruindo o passado se consegue compreender claramente as verdadeiras condições do consulente e formular um juízo abrangente sobre aquilo que essa mesma pessoa fará em circunstâncias diferentes.

Era por isso minha regra começar sempre pelo passado e indicar as datas em que este ou aquele acontecimento ocorrera.

Além disso, algumas mãos são claras e relativamente fáceis de ler; algumas revelam apenas certos aspetos; enquanto outras parecem esconder o verdadeiro eu ou as verdadeiras experiências, funcionando mais ou menos como máscaras difíceis de penetrar. Contudo, em quase todos os casos há algum detalhe particular que sobressai claramente no meio dos fios emaranhados da vida e que é frequentemente a chave capaz de abrir a porta de outros mistérios.

No caso deste homem, tudo era ambição — não havia o mais leve vestígio de amor ou sentimento que alguma vez tivesse desempenhado um papel na sua vida.

Partindo dessa chave, tornou-se uma mão fácil de interpretar. A história da sua vida podia ser seguida como se tivesse sido escrita com letras e não com linhas.

Ali estavam a pobreza dos primeiros anos, circunstâncias extremamente desfavoráveis, quase impossíveis, pensar-se-ia, até para uma vontade de ferro conseguir escapar-lhes.

Contei-lhe tudo isso, bem como a sua autoeducação, o trabalho sobre-humano para sair daquele terrível ambiente e depois um casamento realizado aos vinte anos, simplesmente como um degrau para emergir da miséria.

Depois, alguns anos mais tarde, uma tragédia — a morte dessa esposa — mudança de lugar e um regresso à pobreza e à miséria.

Aos trinta anos, o avanço irresistível, o domínio e a ambição afirmando-se no mundo dos homens. Mais tarde, anos de conforto, sucesso — o homem tornava-se uma força entre os seus semelhantes, uma figura influente em qualquer cidade onde vivesse.

Aos quarenta e cinco anos surgia uma rutura, ligada de algum modo — disse eu — àquele casamento da juventude: “algo que fez nesse momento e que volta agora na hora do seu sucesso, algo que interromperá a sua ambição, destruirá o seu destino e temo que possa também destruir a sua vida.”

— Pare, pelo amor de Deus! — gritou ele e, quando levantei os olhos, o meu coração apertou-se perante o tormento estampado no seu rosto.

O cético frio e duro que entrara transformara-se agora num homem destroçado; a máscara caíra e grandes gotas de suor brilhavam-lhe na testa.

Não tivera muita compaixão dele quando entrou. Tratara-o como um cirurgião trata um paciente. Pensava apenas em provar a verdade deste estudo ao qual me dedicara durante anos — o seu sucesso significava para

mim mais do que qualquer outra coisa. Além disso, as pessoas não pensavam nos meus sentimentos, pois a maioria dos visitantes apenas pagava os meus honorários para tentar expor-me como charlatão, se conseguissem oportunidade para tal.

Mas este homem despertou a minha compaixão. Estendi-lhe a mão.

— Perdoe-me — disse eu — se reabri velhas feridas. Esqueça o que lhe contei — talvez tudo esteja errado. Nenhum de nós está livre de cometer erros.

— Meu Deus, mas é tudo demasiado verdadeiro — soluçou ele. — Mande embora as pessoas que estão na sala de espera, escute o que tenho para lhe contar e ajude-me, porque agora acredito que o pode fazer.

Fiz como me pediu e, quando voltámos a estar sozinhos, começou a contar-me a sua história:

— Tinha razão acerca do meu passado. Nasci em São Francisco; aos quinze anos não sabia ler nem escrever. A minha mãe era ladra profissional e nunca soube quem era o meu pai.

“Com vontade de aprender, costumava entrar às escondidas numa aula missionária aos domingos à noite e, graças a isso, consegui frequentar uma escola noturna sempre que tinha oportunidade. Finalmente, um professor arranjou-me trabalho numa livraria e muitas vezes passava metade da noite a ler para melhorar a minha instrução.”

“Aos vinte anos abri uma pequena loja, mas a falta de capital impedia-me de progredir. Foi nessa altura que conheci uma mulher que fingia ter dinheiro e casei com ela. Infelizmente, depressa descobri que tinha feito um péssimo negócio.”

“Ela casara comigo por causa da minha ambição, acreditando que eu triunfaria na vida. Se tivesse encontrado uma boa mulher, talvez tudo tivesse corrido bem, mas aquela a quem me liguei não tinha valor algum e rapidamente se entregou à bebida; a nossa vida em comum transformou-se numa discussão constante.”

“Numa noite, com a frustração e a ambição destruída a corroerem-me a mente, ocorreu uma cena ainda pior do que o habitual e, num momento de louca paixão, matei-a. Esta é a tragédia que vi e que pôs fim ao meu casamento.”

“Saí de casa com a intenção de me entregar à polícia, mas a minha ambição falou mais alto. Não consegui desistir. Decidi subir na vida e triunfar apesar do meu crime. Regressei a casa, enterrei o corpo dela na cave e consegui afastar todas as suspeitas até os meus nervos cederem, o negócio falir e, um ano mais tarde, eu abandonar a cidade.”

“Chegado a Chicago, adotei outro nome e tentei começar de novo. Em poucos anos o meu trabalho árduo começou a dar frutos. Entrei no negócio imobiliário. Comprei terrenos e, precisamente aos trinta anos, instalei-me em grandes escritórios e, a partir desse momento, nunca mais olhei para trás.”

“Aos quarenta anos era um homem rico, respeitado por todos e considerado o homem de maior sucesso da cidade.”

“Não pretendo defender-me, mas posso dizer que poucos homens na minha cidade deram tanto à caridade ou tentaram fazer tanto bem quanto eu.”

“Fiz quarenta e cinco anos há poucas semanas. Certa manhã, enquanto estava sentado à janela do meu escritório, vi um homem a olhar para mim através do vidro. De repente reconheci-o e, horrorizado, lembrei-me de que era o irmão da minha esposa — a mulher que assassinei.”

“Para fugir ao medo desse homem vim para Nova Iorque. Vim consultá-lo e o senhor diz-me que alguma influência da tragédia que vivi no meu casamento regressará ao meu destino, destruindo-o e provavelmente destruindo também a minha vida precisamente na idade a que cheguei agora. Admira-se do estado em que me encontro?”

Fiz o possível por consolá-lo e, como me implorou que não o deixasse sozinho, por pura compaixão passei essa noite na sua companhia e jantámos juntos nos seus aposentos do Waldorf.

Por fim convenci-o a ir para a Europa. Acreditava que a mudança e a viagem marítima lhe fariam bem. Era um homem rico e não lhe importava onde viver.

No dia seguinte fui despedir-me dele a bordo do *St. Louis*, rumo a Southampton.

Passaram-se alguns meses. Eu quase me esquecera do incidente quando, certa manhã, apareceu novamente no meu gabinete na Quinta Avenida.

Com bom aspeto e animado, contou-me as suas viagens e o quanto gostara da Europa — tanto que decidira comprar uma propriedade perto de Londres e passar o resto da vida no estrangeiro.

— Mas então porque voltou? — perguntei.

— Simplesmente — respondeu — para regressar a Chicago e vender algumas propriedades que ainda tenho. Não imagina como um homem de negócios detesta ver idiotas estragarem-lhe os investimentos. Dentro de algumas semanas estarei de volta e depois será a Europa para o resto da minha vida.

Não mencionáramos o assunto anterior, mas senti um estranho pressentimento quando naquela noite ele me acenou da carruagem enquanto o comboio saía da Grand Central Station.

Três dias mais tarde li num jornal de Nova Iorque o seguinte:

“ESTRANHA FATALIDADE NUM TIROTEIO”

“O Sr. —, conhecido cidadão de Chicago, regressou de uma viagem à Europa na terça-feira à noite. Ao sair do comboio e enquanto caminhava para a luxuosa casa que recentemente construía, foi atingido pelas costas e transportado em estado grave para o Hospital —. Lamentamos informar que não existe esperança de recuperação.”

“A teoria da polícia é que o Sr. — foi atingido por uma bala proveniente de uma galeria de tiro situada perto do local onde foi encontrado, etc.”

Alguns dias depois recebi a seguinte nota, rabiscada a lápis:

“Hospital, Chicago
Quinta-feira

Caro Cheiro,

Sem dúvida viu os jornais. A teoria da polícia está, evidentemente, errada. Queria que soubesse disso. Não conseguem estancar a hemorragia; dentro de poucas horas tudo terminará. Não os encaminhe para a pista correta. O Destino, vê agora, acabou por jogar a sua última carta.

Seu, etc.”

Os meus leitores compreenderão porque omiti o nome do hospital e outros detalhes. Também alterei o nome da cidade onde vivia, mas em tudo o resto esta história é um relato literal do que aconteceu.

CAPÍTULO XVII

UMA SESSÃO ESPÍRITA E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

A história que vou relatar poderá parecer estranha, até impossível, para aqueles que têm pouca experiência do oculto, mas trata-se de uma simples narração dos factos tal como ocorreram, contada da forma mais breve possível.

Um dos meus clientes, homem de cerca de sessenta anos, esperara quase vinte anos para casar com a única mulher que alguma vez amara. Não entrarei em detalhes sobre as dificuldades que teve de ultrapassar; basta uma: a mulher que amava apaixonadamente era casada.

Tinha sido um casamento miserável, mas sem qualquer possibilidade de liberdade através do divórcio, porque ela era uma católica devota que nem queria ouvir falar de tal coisa.

O meu cliente era médico, um homem magnífico e nobre, um dos melhores homens que conheci, mas mentalmente constituído de tal maneira que era um materialista absoluto, alguém que já em criança deixara de rezar

e sobre quem nem sequer a influência dela conseguira produzir qualquer mudança quanto às ideias sobre uma vida futura.

Por fim, a morte trouxe-lhe liberdade em relação ao marido e estas duas pessoas, que se amavam como raramente vi duas pessoas amarem-se, uniram-se pelo casamento após o período devido.

A felicidade deles foi, contudo, breve; menos de dez dias depois do casamento, a senhora foi atacada por uma pneumonia dupla e, apesar de tudo o que a ciência podia fazer, morreu nos braços do marido.

Não existem palavras para descrever o estado de desespero em que este homem mergulhou; não tinha religião onde procurar consolo, não tinha Deus a quem implorar para que se reencontrassem — nada, absolutamente nada, a não ser o mais profundo desespero.

Durante semanas trabalhei com ele para lhe dar coragem para continuar a viver, mas perante uma mente assim os argumentos eram inúteis; a vida, com tudo o que oferece, transformara-se em algo pior do que um tormento. O próprio bem que fazia parecia escarnecer dele e fui forçado a reconhecer que lutava contra uma causa desesperada nos meus esforços para o manter vivo.

Numa noite atravessávamos a West 42nd Street a caminho de casa dele. Queria oferecer-me o retrato dela (eu compreendia bem o que isso significava) e por isso continuei a caminhar, procurando desesperadamente uma desculpa para ganhar tempo.

Não me importo de admitir, quaisquer que sejam as opiniões de quem leia este livro, que transformei cada passo numa oração silenciosa pedindo ajuda para salvar, em nome dos outros, a vida de um homem que fazia mais bem num só dia do que muitos fazem durante toda a existência.

Ele estava perfeitamente calmo, porque, como me explicou, sentia-se feliz por chegar ao fim da farsa da existência — tão cansado que acolhia com alegria o descanso que planeava tomar.

De repente surgiu-me uma ideia. Passávamos diante da casa de um médium que, em uma ou duas ocasiões, me dera provas notáveis do seu

trabalho. Não era um médium profissional — apenas um jovem que descobrira possuir esse estranho dom e que o utilizava livremente para os amigos.

Disse ao médico:

— Venha comigo um momento; estamos a passar pela casa de um homem que sei ser um médium honesto, e imagine como seria feliz se pudesse receber a mais pequena mensagem de Anna.

— Ah, meu amigo — respondeu ele — essa felicidade não é para mim, mas não discutirei; se isso lhe agrada, irei consigo.

Entrámos.

— Por favor, faça-nos uma sessão espírita — pedi eu. — Mais tarde explicarei porque a desejo tanto a esta hora.

O Sr. X respondeu:

— Com muito gosto, se conseguir. Naturalmente posso não obter qualquer resultado, mas estou perfeitamente disposto a tentar.

Com o brilhante luar a entrar pelas janelas abertas, sentámo-nos em redor de uma mesa no centro da sala e, poucos momentos depois, o médium entrou em transe.

Seguiu-se então uma sessão que jamais esquecerei.

Em menos de cinco minutos o médico mantinha uma conversa clara e distinta com a esposa. A princípio a voz dela surgiu muito suavemente — quase num sussurro — mas era a voz dela, disso não havia qualquer dúvida.

O rosto do médium chegou mesmo a tornar-se parecido com o dela, pois ela tinha uma ligeira inclinação peculiar no lado esquerdo do lábio superior, e foi isso a primeira coisa que o meu amigo notou.

Com clareza e nitidez ela disse-lhe que não devia suicidar-se porque, afirmou: “Atrasará ainda mais o nosso reencontro.”

A sua vida devia ser usada ao serviço dos outros, implorava ela, até chegar o momento em que a morte o libertaria naturalmente.

Depois explicou-nos uma estranha filosofia: fora levada para que, através dela, ele pudesse acreditar na realidade da outra vida, da qual sempre duvidara tanto.

Estas são apenas breves notas dessa extraordinária sessão. Acrescentarei apenas que, mesmo que o Espiritualismo nunca tivesse feito mais nada, pelo menos trouxera paz ao coração de um homem e, durante os dez anos que viveu depois disso, centenas de seres humanos beneficiaram do seu trabalho.

CAPÍTULO XVIII

MARK TWAIN

Mark Twain veio consultar-me certa tarde e penso que o famoso humorista nunca esteve tão sério na vida. Até então eu nem sequer vira retratos seus e senti-me profundamente embaraçado sem saber “como enquadrar” aquela curiosa figura humana de aspeto rude que viera consultar-me.

Recorrendo ao meu sistema de calcular as datas dos acontecimentos importantes da vida, o meu consulente começou rapidamente a confirmar os anos que eu mencionava e depois pediu-me que lhe explicasse por que método ou sistema conseguia chegar a tais conclusões.

“O passado pode deixar a sua marca, admito — disse ele — e o carácter pode ser revelado até nas mais subtis nuances de expressão; tudo isso posso acreditar. Mas como o futuro pode também ser pressentido, isso é que não consigo compreender.”

Expliquei-lhe que o subconsciente pode saber antecipadamente aquilo que tentaremos fazer e onde falharemos; que nada no mundo é deixado ao puro acaso e que até os nossos fracassos são tão necessários ao nosso desenvolvimento quanto os sucessos. Mas, vendo que não fazia progressos em convencê-lo, peguei então na questão da hereditariedade tal como se manifesta nas marcas da mão.

Mostrei-lhe as impressões das mãos esquerda e direita de uma mãe juntamente com as mãos dos seus cinco filhos, até chegarmos a uma em que a mão direita da filha coincidia exactamente com as marcas da mão direita da mãe. Neste caso — disse eu — e pode comprová-lo por si próprio, cada ato da vida desta jovem repetia, até nas datas, os acontecimentos da vida da mãe, embora vinte anos as separassem no tempo.

A jovem sofrera doenças semelhantes exactamente nas mesmas idades em que tinham ocorrido à mãe; casara-se à mesma idade, tivera também cinco filhos e enviudara igualmente na mesma fase da vida. Ora — continuei — se alguém conhecesse os acontecimentos da vida da mãe e visse as mesmas marcas nas mãos da filha, então, mesmo quando esta tivesse apenas seis anos, poderia prever os acontecimentos que se desenrolariam no seu destino.

Isto interessou tão profundamente o meu visitante que ele tomou notas das várias mãos que lhe mostrei e examinámos ao microscópio as linhas das pontas dos dedos da mãe e desta filha cujo destino fora tão semelhante. Descobrimos que até os círculos nas pontas dos dedos e nos polegares coincidiam.

Quando se despediu disse: “O ponto humorístico desta situação é que vim aqui à espera de perder dinheiro por causa da minha tolice, mas afinal ganhei o enredo para uma história com a qual certamente recuperarei o meu dinheiro.” Alguns anos mais tarde publicou *Pudd’nhead Wilson*, baseado nas impressões digitais, que alcançou enorme sucesso.

Antes de sair pedi-lhe que escrevesse o seu nome no meu livro de autógrafos e ele escreveu o seguinte, que desde então fez rir muita gente:

“Cheiro revelou-me o meu carácter com humilhante exatidão. Não deveria confessar tal exatidão; ainda assim, sinto-me levado a fazê-lo.”

(Assinado) Mark Twain

CAPÍTULO XIX

CORONEL ROBERT INGERSOLL:

MRS. ELLA WHEELER WILCOX E MR. GEORGE PERKINS

A minha entrevista importante seguinte foi com Ingersoll, o famoso ateu, cujas palestras e escritos são conhecidos em todo o mundo.

Primeiro recebi pelo correio as impressões das mãos esquerda e direita de um homem, acompanhadas do meu honorário habitual e de uma carta dactilografada pedindo que a interpretação fosse enviada para uma caixa postal dos correios da cidade.

Fiz o trabalho, mas não foi fácil — a palma da mão era grande e desproporcionada em relação ao comprimento dos dedos, sinal de um materialista genuíno — contudo, a Linha da Mentalidade era tão delicadamente curva como a de qualquer poeta ou sonhador. Assim tracei o retrato e enviei-o.

Uma semana mais tarde Ingersoll convidou-me para o visitar em sua casa na Quinta Avenida e, em sinal de apreço pelo que eu escrevera, assinou a impressão da sua mão direita, que reproduzi no meu livro *Cheiro's Language of the Hand*.

MRS. ELLA WHEELER WILCOX

O mundo conhece Mrs. Ella Wheeler Wilcox através dos seus vívidos poemas humanos. O público formou sobre ela toda a espécie de opiniões, conforme o ponto de vista dos críticos.

Os seus famosos *Poems of Passion* trouxeram-lhe torrentes de críticas e um exército inteiro de admiradores. Conheço pessoas que não permitiriam que esse pequeno e despretensioso volume tivesse lugar em suas casas. Conheço outras que lêem e devoram cada linha como liam o *Pilgrim's Progress* de Bunyan na juventude.

Talvez interesse a ambos os lados que eu relate a minha própria experiência com esta personalidade tão fortemente marcada. Ela veio, como tantos outros, sem dar qualquer indicação do seu nome ou posição.

Rapidamente identifiquei o seu extraordinário dom poético, classificando-o, contudo, como de carácter profundamente dramático. Ao mesmo tempo disse-lhe que a versatilidade da sua mente poderia fazê-la triunfar brilhantemente em qualquer ramo da literatura que decidisse seguir.

A minha descrição da sua vida doméstica — tão doce e simples, tão completamente oposta ao que o mundo imaginaria ser o lar da autora de *Poems of Passion* — impressionou-a tanto que, no seu modo rápido e impulsivo, exclamou: “Tem de conhecer o meu marido, porque a minha vida é exatamente como a descreveu.”

No final da consulta revelou-me então o seu nome e confesso que fiquei espantado, pois já ouvira falar da sua fama muito antes de deixar Inglaterra e, tal como tantos outros, provavelmente também eu formara uma ideia errada acerca de como seria tal autora.

Desde então aprendi até que ponto as figuras públicas são mal julgadas e, acompanhando posteriormente a sua carreira, fiquei cada vez mais convencido de que a alma, na prisão do corpo, escreve a sua autobiografia nas linhas da mão com uma fidelidade descritiva impossível de encontrar noutro lugar.

Esta mulher extraordinária — porque é extraordinária — é tão complexa que poucos conseguem compreendê-la e menos ainda descrevê-la; todos ficam deslumbrados pelas suas capacidades, maravilhados pela sua versatilidade; mas por baixo de tudo isso existe um interesse humano mais profundo que respira como a própria vida em cada tema que aborda, em cada obra na qual põe o coração.

Não tentarei descrevê-la, para não correr o risco de lhe fazer injustiça.

A última vez que nos encontrámos foi em Paris, num pequeno jantar no hotel dela, apenas ela, o marido, e o Sr. e a Sra. Vance Thompson.

Ela ouvira dizer que eu desenvolvera ainda mais o meu sistema dos números e o seu significado oculto, e por isso tive de lhe falar um pouco sobre esse ramo dos meus estudos.

Não precisei de convertê-la; ela própria estudara profundamente assuntos ocultistas de toda a espécie e a sua mente rápida compreendia os meus argumentos quase antes de eu terminar de os expor.

Já era muito tarde nessa noite — ou melhor, madrugada dentro — quando o nosso pequeno grupo se separou e o Sr. e a Sra. Vance Thompson e eu caminhamos pelos Champs-Élysées ainda discutindo a extraordinária personalidade desta mulher tão singularmente dotada.

MR. GEORGE PERKINS

Entre os muitos que me consultaram nessa época encontrava-se Mr. George Perkins, então um desconhecido, mais tarde braço-direito de J. P. Morgan e, ainda depois, uma das grandes potências das finanças nova-iorquinas.

Recordo-me como se fosse ontem do entusiasmo que senti perante o futuro revelado nas mãos desse jovem — teria cerca de trinta anos e era tão calmo e modesto que facilmente se poderia tomá-lo por um simples empregado a ganhar quinze dólares por semana.

Ele não conseguia acreditar no que eu lhe dizia acerca da importante carreira que tão rapidamente se abriria diante dele. Tinha uma das melhores linhas da cabeça que alguma vez vi, revelando uma compreensão matemática clara de qualquer questão financeira colocada perante a sua mente e, ainda assim, era sempre um homem discreto que entraria na batalha preparado para qualquer emergência, ponderando todas as possibilidades, mas colocando sempre a própria personalidade em último lugar.

Um homem assim não poderia perder a cabeça por vaidade. Tive até grande dificuldade em convencê-lo de que metade do que eu dizia poderia realmente concretizar-se. Mas ele escreveu-me depois e, por isso, sei que se lembra do nosso encontro tão bem como eu próprio me lembro.

CAPÍTULO XX

A HISTÓRIA DE “O CRISTO VIVO”

Alguns dos meus leitores poderão talvez sentir-se desapontados por eu não relatar mais episódios acerca dos líderes da sociedade americana e especialmente daqueles que vivem sob os ferozes holofotes de Nova Iorque, mas a razão é a seguinte: quero que este livro seja um documento humano cheio de interesse humano, nada mais.

Os jornais da sociedade americana estão sempre cheios de descrições das atividades dos “quatrocentos” de Nova Iorque, como é chamado o círculo interno da alta sociedade; mas, pela minha parte, penso que nada é mais aborrecido do que continuar a ler acerca de um certo grupo privilegiado cujo principal capital consiste em possuir mais dinheiro do que qualquer outra pessoa e cujo principal objetivo na vida parece ser oferecer grandes jantares que, por melhores que sejam, apenas servem para arruinar a digestão dos chamados amigos — ou até, na verdade, matá-los antes do tempo.

Esses “favoritos da sociedade” vinham consultar-me às centenas, mas as únicas duas questões que pareciam interessá-los eram: “Quando terei mais dinheiro?” ou “Quando estarei livre para casar outra vez?”

Não sugiro por um momento que esta classe seja pior em Nova Iorque do que em qualquer outro lugar; ali são apenas menos hipócritas. Mas este mesmo tipo de pessoas é igual em todo o mundo — porque haveria então de perder tempo a discuti-los como se fossem diferentes em Nova Iorque dos das restantes cidades do planeta?

O Destino não escolhe como instrumentos pessoas dessa classe — estão tão sobrecarregadas de dinheiro que ele passa por elas e, saindo para “os caminhos e atalhos”, seleciona outro tipo de material para ser “obreiro do propósito”, construtor do “vir a ser”.

Por essa razão, os “líderes da sociedade” de qualquer cidade terão, com raríssimas exceções, pouca participação nesta crónica de acontecimentos. Não ficarão pior por isso — apenas espero que os meus leitores fiquem melhores graças à escolha dos “obreiros” que decidi retratar.

Vou agora relatar a história de um homem — e de um quadro — uma história estranha, que penso poder afirmar só poderia ter acontecido nesse País das Maravilhas das Coisas que são os Estados Unidos.

Certa tarde apareceu um homem alto e bonito — um homem extraordinariamente franco, que me disse não ter dinheiro para pagar os meus honorários, mas que acreditava que “as suas mãos poderiam interessar-me”.

Confesso que me interessaram. Eram mãos capazes de quase tudo no campo do esforço humano, mãos estranhas, atravessadas em todas as direções pelo instinto artístico, que parecia constituir a base inteira do seu ser.

Não cansarei o leitor com descrições — um breve resumo da vida bastará.

O homem sustentara os pais desde a infância através de qualquer ocupação que lhe permitisse ganhar honestamente algum dinheiro.

Artista já aos dez anos de idade, quando não podia comprar telas, pintava quadros sobre madeira.

Aos vinte anos construíra com as próprias mãos um estúdio isolado numa floresta nas margens do Hudson, em Nova Jérсия.

Pouco a pouco foi vendendo esboços que fazia, até conseguir comprar uma tela suficientemente grande para suportar a pintura que decidira criar.

E o tema? — perguntarão. Nada mais nada menos do que “Cristo”.

Este homem tivera um sonho, ou talvez devêssemos chamar-lhe visão, segundo o qual, se fizesse o esforço necessário, o próprio Cristo lhe ensinaria como realizar a obra.

Tal como construiu o seu próprio estúdio, também fabricou e misturou as suas próprias tintas. Nunca tivera uma única aula de desenho na vida; era demasiado pobre para viajar e ver as grandes representações de Cristo no mundo, e, contudo, a sua fé era tão grande que ousou empreender a gigantesca obra a que se propusera.

Nenhum romance ligado à pintura que eu tenha ouvido é maior do que aquilo que este homem suportou naquelas florestas solitárias de Nova Jérсия para cumprir a tarefa que impusera a si próprio.

Por fim, a obra ficou terminada e, sobre um cavalete com mais de vinte pés de altura, a cabeça e os ombros de Cristo destacavam-se no fundo do estúdio sobre um estranho fundo azul-púrpura, semelhante a um pedaço do céu noturno antes do aparecimento das estrelas, naquele momento entre o dia e a noite.

Durante meses o homem viveu contemplando aquilo que criara — aprendendo uma filosofia de vida através daqueles olhos de Cristo — enquanto ao mesmo tempo morria de fome.

Numa noite tempestuosa, quando a escuridão da floresta se tornava ainda mais negra pelo reflexo da lâmpada do estúdio, ouviu-se uma pancada seca na porta, repetida uma segunda e uma terceira vez.

Para alguém que nunca recebia visitas, o acontecimento já era surpreendente; mais surpreendente ainda quando abriu a porta e dois fugitivos da prisão, vestindo o terrível uniforme listado dos condenados, entraram rapidamente e trancaram a porta atrás de si.

— Comida! — foi tudo o que disseram e, como lobos esfomeados, pareciam prontos a lançar-se à garganta dele.

Mas comida não havia; não existia sequer um pedaço de pão naquele lugar.

É difícil dizer o que poderia ter acontecido com homens tão famintos e desesperados se, naquele instante, um deles não tivesse reparado no rosto de Cristo que se erguia ao fundo do estúdio como uma presença viva.

No segundo seguinte aqueles homens estavam prostrados diante da imagem e, naquele silêncio de morte, com o gemido do vento lá fora, talvez Cristo tenha ouvido a sua história — e também a sua oração de perdão.

Subitamente ouviram-se passos em redor da porta e uma pancada forte ecoou pela sala.

Quando a polícia entrou, apenas o artista estava visível diante deles — qualquer sinal dos homens desaparecera.

Rapidamente o agente exclamou:

— Dois dos criminosos mais perigosos fugiram hoje à noite de Sing Sing e, ao vermos a luz, pensámos que poderiam ter entrado aqui... mas — e olhando instintivamente para o rosto de Cristo com os seus olhos cheios de piedade, acrescentou — certamente este não é um lugar onde se encontrem condenados. Boa noite, senhor, desculpe o incómodo. Vamos, homens, não podemos perder tempo aqui.

Quando tudo voltou ao silêncio, os dois fugitivos saíram de trás do quadro e, ajoelhando-se diante de Cristo, juraram abandonar a vida de crime e seguir, tanto quanto pudessem, os Seus passos.

Esses dois homens ainda vivem — nunca voltaram atrás — e realizam hoje trabalho heroico noutro país ao serviço de Cristo.

CAPÍTULO XXI

A TENTATIVA DE ASSASSINATO CONTRA MIM:

SALVO POR UMA CIGARREIRA

Há poucas pessoas que atravessem qualquer forma de vida pública sem, mais cedo ou mais tarde, enfrentarem algum perigo, e eu não fui exceção à regra.

Durante o Verão de 1894 trabalhava intensamente em Nova Iorque no meu já conhecido *Language of the Hand*. Como passava o dia ocupado, era forçado a escrever à noite, depois do jantar, e consequentemente recusava entrevistas após as seis horas.

Numa noite de sábado, por volta das nove e meia, o meu secretário entrou vindo da sala de espera e disse:

— Apesar de todas as desculpas que apresentei, está lá fora um homem com aspeto muito distinto que insiste em vê-lo; diz que é de

extrema importância para ele e ficará muito agradecido se quebrar a sua regra e lhe conceder uma consulta agora.

Respondi:

— Bem, talvez esteja em dificuldades e eu possa ajudá-lo ou aconselhá-lo — mande-o entrar.

Afastei as provas tipográficas que estava a corrigir e sentei-me à mesa de consultas sobre a qual brilhava uma luz elétrica muito forte.

O homem entrou. Apenas reparei num indivíduo de aparência distinta, vestido com sobrecasaca, barbeado e com o cabelo curto já grisalho nas têmporas.

Tinha um ar ansioso e modos nervosos. Devido ao calor da noite, a porta do gabinete estava aberta. Reparou nisso e perguntou:

— Essa porta dá para as escadas, não é verdade?

Foram as únicas palavras que pronunciou.

Como era meu hábito examinar primeiro a mão esquerda, ele, encontrando a direita livre, enfiou-a no peito da sobrecasaca.

Eu não dissera palavra. Estava inclinado para a frente, observando atentamente as linhas da mão esquerda quando, rápido como um relâmpago, retirou a mão direita da posição em que estava e desferiu um golpe selvagem diretamente ao meu coração com um longo punhal pontiagudo.

A força do golpe derrubou-me da cadeira e atirou-me contra a secretária — o punhal atingira uma pesada cigarreira que eu trazia no bolso do colete e atravessara-a.

Acrescentarei que essa cigarreira me fora oferecida pouco tempo antes por Madame Nordica. Sem essa proteção, certamente não teria tido a mínima hipótese contra um golpe tão certo.

Tentei agarrar um pequeno revólver que, curiosamente, convencera um cliente a deixar na minha posse no dia anterior, por reear que tivesse tendências suicidas. Antes de conseguir apanhá-lo, vi novamente o brilho do punhal reluzir à luz da lâmpada e, no instante seguinte, recebi uma facada que atravessou a roupa e entrou-me no flanco.

Ele tentou puxar o punhal, mas nesse mesmo instante consegui agarrar o revólver e disparei. O ruído do tiro era evidentemente aquilo que ele mais temia.

Com uma praga nos lábios, saiu porta fora, desceu as escadas e desapareceu na Quinta Avenida em menos tempo do que levo a escrever estas linhas.

As pessoas acorreram dos apartamentos acima do meu, chamou-se uma ambulância e, pouco depois, a polícia chegou ao local.

Como não considerei os meus ferimentos suficientemente graves para ir para o hospital, chamaram um médico que suturou a ferida e cuidou de mim durante grande parte da noite.

O incidente causou grande agitação; os principais jornais publicaram longos artigos sobre o caso e, em todo o caso, provou pelo número de cartas que recebi que conquistara um amigo fiel no grande público americano.

A polícia fez tudo o que pôde para encontrar o agressor, mas sem resultado, e passou bastante tempo até eu conseguir descobrir a verdade por detrás deste misterioso ataque.

Mais de um ano depois, um padre veio visitar-me. Disse-me que vinha falar sobre o estranho incidente e, vendo que eu me ria de toda a situação e não guardava rancor contra quem me esfaqueara, prometeu revelar-me o mistério caso eu aceitasse não tomar qualquer medida judicial.

Dei-lhe a minha palavra e ele contou-me a seguinte história:

“Há algum tempo teve como cliente uma jovem cuja vida, devo admitir, descreveu com notável exatidão.”

“Disse-lhe que a sua vida até aos trinta anos fora arruinada pela influência de um homem com quem se envolvera aos dezoito. No momento em que atingisse os trinta anos — chegou mesmo a indicar-lhe o mês — teria finalmente oportunidade de romper com essa união ilegal e que, se aproveitasse essa oportunidade, poderia recomeçar a vida e alcançar grande sucesso numa carreira até então destruída.”

“A oportunidade surgiu exatamente como previra e a jovem tentou aproveitá-la, mas num momento de imprudência contou a esse homem que estava a agir segundo o seu conselho e que tomaria a decisão definitiva depois de voltar a vê-lo na segunda-feira seguinte.”

“Cego pela própria obsessão, esse homem decidiu que ela não teria oportunidade de voltar a consultá-lo; por isso apareceu naquela noite de sábado determinado, se possível, a afastá-lo do caminho.”

“Agora conhece a história, mas ainda não terminou — esse homem encontra-se agora à beira da morte, arrependeu-se do ato, tornou-se um bom católico, mas não consegue morrer em paz enquanto não souber que o senhor lhe perdoou.”

“Vim como seu emissário; encontrei-o sem qualquer ressentimento em relação ao agressor e por isso revelei-lhe a verdade sobre o caso, o que talvez tranquilize o seu espírito quanto ao receio de um segundo ataque.”

Meia hora mais tarde, o bom padre e eu estávamos ao lado da cama desse homem; ouviu dos meus próprios lábios que o perdoava plena e sinceramente e tive a satisfação de saber que, pelo menos nesse aspeto, morreu em paz.

O ponto luminoso desta história é que a mulher em questão já então tinha iniciado o caminho para o sucesso e, pouco tempo depois, casou com um dos homens mais ricos de Nova Iorque.

Numa noite, anos mais tarde, viu-me a jantar num célebre restaurante em Paris e, ao sair com o marido, parou junto da porta e, chamando um empregado, enviou-me a seguinte mensagem escrita a lápis, cuja caligrafia característica tenho agora diante de mim enquanto escrevo.

“Devo-lhe o sucesso e a felicidade da minha vida — que Deus o abençoe por isso.”

CAPÍTULO XXII

REGRESSO A LONDRES:

A “MÁQUINA DO PENSAMENTO”

Passarei por cima de muitos incidentes que marcaram a minha primeira visita a Nova Iorque e continuarei a narrativa até ao meu regresso a Londres no Outono de 1896.

Dentro de uma semana após me instalar nos meus aposentos em Bond Street, voltei a ter a mesma avalanche de visitantes de antes.

Foi nessa ocasião que apresentei pela primeira vez uma máquina muito curiosa à qual, por falta de melhor nome, chamei “Registo da Força Cerebral”, inventada pelo meu velho amigo Professor Savary d’Odiardi. O Professor d’Odiardi, como muitos outros poderão testemunhar, foi talvez um dos homens mais extraordinários que alguma vez existiram nos seus estudos sobre as forças ocultas do corpo — e talvez também do espírito.

Era descendente da famosa família do Duque de Rovigo, um dos grandes generais do Primeiro Napoleão. Tinha direito a usar o antigo nome e título ilustres, mas preferia o seu nome de família mais simples, Savary d’Odiardi.

Possuía tantos talentos que, no verdadeiro *embarras de richesses*, nunca sabia exatamente qual utilizar da melhor maneira e, certamente, nunca parecia usar qualquer deles em proveito próprio.

Tivera uma carreira sensacional. Aos quinze anos, a medalha de ouro da Academia de Música de Paris foi dividida entre ele e Gounod. Talvez tenha sido essa divisão do grande prémio que lhe feriu o orgulho, porque acabou por não seguir a música, exceto como prazer pessoal.

Há ainda hoje muitas pessoas em Londres que confirmarão o que digo: nunca se compreendia verdadeiramente o poder da música até se ouvir aquele velho homem de cabeça monástica tocar órgão, piano ou

harpa, como fazia por vezes na sua própria casa em Cromwell Road, Kensington.

Nessas ocasiões era muitas vezes a harpa humana que ele fazia vibrar com os dedos, porque vi homens e mulheres — alguns dos mais frios e inflexíveis imagináveis — desmoronarem-se quando ele lhes contava a história através da música e aproximarem-se depois dele para confessar as páginas seladas da sua vida.

Também estudara medicina e ocupara um cargo distinto sob o governo de Napoleão III. Estudara igualmente Direito e vencera um importante processo nos tribunais franceses, devolvendo a uma mulher o marido que fora injustamente condenado alguns anos antes.

Esta é apenas uma breve descrição desse homem notável que durante anos foi um dos meus melhores amigos em Londres e com quem também aprendi muito conhecimento ocultista.

Corria o rumor de que, nas muitas vicissitudes da sua vida, pertencera à Ordem Trapista, mas os rumores dizem tantas mentiras sobre homens que de algum modo se elevam acima do comum que nunca dei muito crédito a isso, exceto em certas ocasiões em que sabia que mantinha estreita ligação com o Vaticano e com o falecido Papa.

Certa vez, quando visitei Roma, deu-me cartas de apresentação que me abriram as portas mais inacessíveis da Cidade Eterna. Nunca discutíamos religião senão do ponto de vista ocultista, o único terreno comum que nos aproximara.

Ao falar da minha visita a Roma recordo-me de um curioso incidente que poderá interessar aos leitores.

Tornara-se hábito meu entrar todas as tardes na Basílica de São Pedro e sentar-me durante uma hora ou mais na meia-luz de uma das capelas.

Não consigo explicar porquê, exceto talvez por ser o “apelo” daquele temperamento devocional a que já me referi em capítulos anteriores.

Numa dessas ocasiões reparei que parecia despertar o interesse de um estranho velho homem que me seguira através da capela.

Era um homem tão velho e tão marcado pelo Tempo que era impossível sequer imaginar a sua idade. O rosto maravilhoso e inteligente parecia uma máscara de mármore polido, enquanto a longa barba branca e os cabelos igualmente brancos contrastavam de forma singular com os olhos negros, cheios de juventude e vigor.

Embora quase curvado pela idade, havia algo de tão impressionante na sua presença que inspirava atenção e quase reverência.

Ao perceber que eu o observava, aproximou-se e, falando suavemente em francês, disse:

— Poderia encontrar-se comigo aqui amanhã às cinco da tarde? Há algo que quero entregar-lhe e que talvez lhe seja útil mais tarde na vida.

Quase antes de eu responder “Sim”, voltou-se e caminhou lentamente pela nave até sair para a rua.

No dia seguinte estava no local combinado antes da hora marcada. Não tive de esperar muito.

Logo o vi aproximar-se da sombra de uma das pequenas capelas laterais e, quando atravessou o coro, percebi então como devia ser extraordinariamente velho.

Tomando-me pelo braço, conduziu-me até um banco de pedra junto de uma janela e, entregando-me um grande embrulho envolto em couro antigo, disse:

— Meu jovem amigo, observei-o durante muito tempo a vir aqui; mas não é a religião que o atrai, porque é, como eu fui, um buscador da grande verdade que não necessita de capelas de pedra para servir de santuário.

— O que quer dizer com isso? — perguntei.

— Quero dizer — respondeu — e sei que não me engano, que é, tal como eu fui, um investigador das coisas ocultas, um iniciado nessa grande religião que recebe a sua luz das estrelas e a sua fé dos símbolos e sinais que contêm o mistério da vida para todos aqueles que procuram o seu significado da maneira correta.

— Cheguei ao fim do meu tempo marcado, mas o senhor ainda tem muitos anos pela frente. Quero então que fique com este manuscrito e o estude juntamente com os estudos ocultistas nos quais sei, pelo seu rosto e por outro sistema de leitura, que está absorvido quase tanto quanto eu próprio estive.

— A maior parte deste manuscrito foi copiada dos mais antigos trabalhos egípcios sobre ocultismo, perdidos no incêndio da Biblioteca de Alexandria. O que lhe entrego será de grande valor mais tarde na sua vida; quanto a mim, sinto-me feliz por ter encontrado alguém que fará bom uso destes estudos e manterá acesa a lâmpada deste conhecimento sagrado mesmo nesta era de materialismo.

Quase antes de eu conseguir agradecer-lhe, o velho despediu-se e desapareceu por uma porta lateral para a rua.

Atônito de espanto, regressei ao hotel e descobri, para minha surpresa, que tinha na minha posse um manuscrito cuidadosamente escrito contendo excertos de muitos estudos ocultistas cujos originais, como é sabido, se perderam no incêndio da Biblioteca de Alexandria, exatamente como aquele estranho velho me dissera.

Mas regressando ao meu amigo de Londres e à curiosa máquina que ele inventara.

Quando ainda era muito jovem, como Edouard Savary d'Odiardi, apresentara o primeiro desses “Registadores do Pensamento” à Academia de Ciências de Paris, onde foi investigado e considerado extraordinário.

Nessa primeira máquina, a agulha podia ser movida pela vontade de uma pessoa cerca de trinta graus; mas na versão que mais tarde aperfeiçoou, alguém podia, sem tocar no aparelho e mesmo a uma distância de quase um metro, fazer a agulha mover-se cerca de 160 graus de um círculo e, mais extraordinário ainda, mantê-la imóvel em determinados pontos durante o movimento de regresso apenas pela força da vontade.

Este instrumento despertou considerável atenção. Todo o tipo de pessoas vinha ser testado por ele — ao ponto de eu enviar frequentemente

ao meu amigo cheques no valor de vinte libras por semana como pagamento pelo uso da invenção.

Pessoas que consumiam drogas, especialmente morfina, ou que tinham a mente debilitada, quase não conseguiam mover a agulha e exerciam pouco ou nenhum controlo sobre ela, enquanto nos alcoólicos habituais a agulha se movia de forma brusca e irregular, absolutamente inconfundível.

Tudo isto serve apenas de introdução à experiência que vou relatar.

Um dia, um homem de vontade extremamente forte colocou-se diante do instrumento e, a uma distância de quase um metro, forçou a agulha a atingir um ponto muito elevado do disco. Mantinha-a firme nesse ponto — algo extraordinário — quando alguém entrou na sala e comentou com um amigo que determinada ação muito negociada na Bolsa caíra meia hora antes e já perdera bastante valor.

Ninguém na sala sabia que o homem diante da máquina tinha interesse nessa ação específica, mas no instante em que ouviu a notícia perdeu todo o poder sobre a agulha e, apesar de todos os esforços, ela regressou ao ponto de partida.

Só então o homem diante do aparelho se voltou e confessou o choque mental que a notícia lhe causara.

Na página anterior encontrar-se-ão ilustrações de duas experiências, uma com o Sr. Lionel Phillips e outra com o Reverendo Russell Wakefield, interessantes por mostrarem como a agulha num caso trabalhou inteiramente para a esquerda e no outro para a direita do mostrador.

Entre as muitas figuras conhecidas com quem experimentei esta curiosa máquina estava o próprio Gladstone. Ficou profundamente interessado nela, mas relatarei mais tarde a minha entrevista com ele no lugar apropriado.

CAPÍTULO XXIII

H. M. STANLEY, O FAMOSO EXPLORADOR,

E UMA INTRODUÇÃO A W. E. GLADSTONE

Por esta altura fui apresentado à Sra. H. M. Stanley (mais tarde Lady Stanley, esposa do famoso explorador africano) e convidado a encontrar-me com o próprio Stanley num almoço na sua casa em Richmond Terrace.

Confesso que temi bastante esse encontro, porque ouvira muito acerca da brusquidão de Stanley para com pessoas que não despertavam o seu interesse e imaginei que não teríamos nada em comum.

Mas enganei-me completamente; é verdade que durante todo o almoço não abriu a boca, mas quando as senhoras se retiraram e ficámos sozinhos, para meu espanto estendeu-me as mãos para que eu as lesse e, poucos minutos depois, conversávamos como velhos amigos.

Reviu o passado passo a passo, explicou-me como fora mal julgado por aqueles que talvez nunca tivessem ponderado as circunstâncias em que vivera.

Ouvi da sua própria boca a história daquela memorável travessia pela África mais profunda. Parecia reviver cada momento ao falar das ansiedades e responsabilidades que tivera de enfrentar, mas não pronunciou uma única palavra sobre os seus próprios perigos pessoais.

Foi uma tarde memorável para mim, mas felizmente não foi a única vez que tive a honra de conhecer aquele homem que recordarei sempre como “o grande Stanley”.

Numa visita posterior a Richmond Terrace, para meu espanto, sugeriu que eu conhecesse Gladstone.

— A Sra. Stanley tratará disso por si, se quiser — disse ele.

A Sra. Stanley concordou e sentou-se imediatamente a escrever a carta.

Pelo correio de resposta chegou um dos famosos postais de Gladstone, oferecendo-me um encontro para o dia seguinte em Hawarden Castle. Nessa noite apanhei o comboio para Chester e, no dia seguinte, às três da tarde, apresentei-me conforme combinado.

CAPÍTULO XXIV

O ENCONTRO COM W. E. GLADSTONE

Era um quente dia de Agosto. Na véspera, Mr. Gladstone fizera, creio eu, o seu último discurso público, quando se dirigiu à Sociedade Hortícola de Chester.

A Sra. Gladstone recebeu-me no átrio e o meu coração afundou-se quando me disse que o marido estava tão fatigado que não permitiria que fosse incomodado por motivo algum.

Disse-lhe quanto lamentava a indisposição de Mr. Gladstone e que teria todo o gosto em regressar de Londres noutra ocasião, quando ele se sentisse melhor, e preparei-me para sair.

Nesse momento, o “grande velho homem” abriu a porta do gabinete e perguntou:

— Minha querida, é este o cavalheiro que tem encontro comigo às três horas?

A Sra. Gladstone respondeu:

— Sim, mas não deve receber ninguém hoje.

— Mas, minha querida — replicou ele — este homem veio de Londres a meu convite. É amigo dos Stanley e será interessante conhecê-lo.

— Senhor — disse eu — por favor não se preocupe comigo. Voltarei de Londres noutro dia, quando estiver melhor.

— Recebo-o agora — respondeu. E depois, com tristeza na voz, acrescentou: — Talvez nunca mais esteja melhor do que hoje.

Entrámos no seu famoso gabinete. Indicou-me uma cadeira junto da janela. Sobre uma mesa ao lado estava um dos meus livros e vi, com surpresa, que evidentemente decidira informar-se sobre os meus estudos antes de me conhecer.

(Mais tarde soube que este era o seu hábito invariável: estudar previamente qualquer assunto sobre o qual fosse entrevistado.)

Mas havia ainda uma surpresa maior reservada para mim — e também um exemplo da sua memória extraordinária.

— Disseram-me que é filho de Fulano de Tal — disse ele. — O seu pai tinha o mesmo gosto pela matemática avançada que eu tenho. Correspondemo-nos muitas vezes sobre problemas difíceis... aqui está um que ele resolveu há cerca de doze anos e que me interessou muitas vezes desde então.

Enquanto falava, desenrolou várias folhas cobertas de cálculos e uma figura algébrica escrita pela mão do meu pai.

— O seu pai ainda vive? — perguntou.

— Não, senhor — respondi. — Faleceu há pouco tempo.

— E você? — perguntou ele. — Herdou o mesmo gosto pelos números e pela matemática?

— Infelizmente não — respondi. — Os meus cálculos dizem respeito apenas a coisas ocultas e provavelmente não lhe interessarão.

— Veremos isso mais tarde — disse ele. — Agora fale-me das suas teorias sobre este assunto em que os Stanley dizem que é mestre. Fale devagar e claramente para que eu o possa acompanhar, se conseguir.

A gentileza e a bondade deste homem extraordinário — este homem que tantas vezes influenciara o destino das nações, cuja inteligência era reconhecida até pelos adversários — dissiparam completamente o meu nervosismo e, espantado com a minha própria confiança, mergulhei imediatamente no tema.

Comecei por explicar rapidamente as teorias associadas ao estudo, apoiando-as com impressões de mãos mostrando hereditariedade e outros sinais, e depois tentei demonstrar que o homem, como tudo o resto na vida, possui o seu número e o seu lugar neste universo e que, se esse número puder ser determinado, então os anos correspondentes a esse número podem igualmente ser determinados, quer para o bem quer para o mal, conforme o caso.

Tomando como exemplo as diferentes vibrações de cada tom musical, mostrei-lhe, com um instrumento muito simples que levava comigo, como cada vibração produz formas diferentes na matéria e como essa mesma vibração, repetida dezenas ou centenas de vezes, cria sempre uma figura distinta que nunca varia nos seus princípios básicos; expliquei ainda que esses tons ou vibrações têm o seu número próprio e assim sucessivamente através da escala da criação até ao homem que, sendo imagem do universo, vibra em exata concordância com as vibrações dos planetas que, como instrumentos de Deus, deram origem ao próprio universo.

Levara comigo a máquina do meu amigo Savary d'Odiardi, que descrevi num capítulo anterior, e colocando-a sobre a mesa do gabinete pedi a Mr. Gladstone que verificasse por si próprio se cada pessoa colocada diante dela não a afetava de maneira completamente distinta conforme a força da vontade irradiada através da atmosfera.

Colocando-me junto do instrumento, mostrei-lhe até onde conseguia fazer mover a agulha apenas pela vontade; depois foi a vez dele experimentar e, chamando alguns criados à sala, testou calmamente um após outro.

Quando voltámos a ficar sozinhos, pedi-lhe autorização para registar um gráfico dos movimentos da agulha sob a influência da sua vontade e acrescentarei que, entre os milhares de exemplos que recolhi com esse instrumento, o de Mr. Gladstone permanece como o mais notável em força

de vontade e concentração, demonstradas pelo tempo durante o qual conseguia manter a agulha fixa em determinados pontos.

Antes do final da entrevista permitiu-me tirar impressões das suas mãos para a minha coleção e, demonstrando ainda mais o seu interesse, autografou e ofereceu-me a fotografia sua que reproduzo aqui.

A data nela inscrita é 3 de Agosto de 1897.

Foi finalmente a Sra. Gladstone quem interrompeu o encontro, entrando para anunciar que já eram seis e meia.

Senti-me bastante culpado, mas, como que para me salvar da irritação dela, ele disse:

— Minha querida, esta foi uma das tardes mais interessantes que creio ter passado; não estou fatigado. Vou agora mostrar os jardins a este jovem, porque é ele quem deve estar cansado.

Juntos caminhámos por aquele relvado tão perfeitamente tratado que parecia um magnífico tapete de veludo verde adornado pelas deslumbrantes flores vermelhas de gerânio de que tanto gostava.

Fez-me falar da América e comentou quanto lamentava nunca ter visto esse grande país, acrescentando o profundo interesse que acompanhara o progresso dos Estados Unidos durante os longos anos abrangidos pela sua memória.

Por fim despediu-se e, ao chegar ao portão, detive-me um instante observando a sua figura afastar-se pelos jardins até desaparecer entre o vermelho e o verde e a glória moribunda do sol.

CAPÍTULO XXV

UMA EXPERIÊNCIA ESTRANHA

E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

Certa manhã recebi a seguinte carta, escrita em papel barato, com uma caligrafia irregular e difícil:

“Waltham Cross
19 de Agosto de 1897

Caro Senhor,

Quanto cobraria para vir a este lugar, cerca de vinte milhas de Londres, e ler a mão de uma criança incapaz de ir à cidade?

Faça o favor de responder a X, ao cuidado dos correios de Waltham Cross.

Respeitosamente,
X”

O meu primeiro pensamento foi: “Pessoas desta classe nunca pagarão os meus honorários”; mas, para minha surpresa, em resposta à carta do meu secretário chegou outra nota rabiscada aceitando as condições e marcando a visita para o domingo seguinte.

Chegou o domingo, um dia quente e luminoso de Verão.

Apanhei o comboio em Broad Street e parti para resolver aquilo que, já então, me parecia um mistério.

A carta fora evidentemente escrita por uma mulher idosa e eu não conseguia conciliar a ideia de pessoas sem instrução e provavelmente pobres pagarem tal quantia para que se lesse a mão de uma criança, ainda que inválida e incapaz de ir a Londres. Além disso, eram desconfiadas, pois não tinham fornecido nome nem morada.

As únicas instruções eram que saísse em Waltham Cross e que, debaixo do relógio da sala de espera, encontraria um homem pronto a conduzir-me ao destino.

Ao chegar a Waltham Cross segui as indicações e encontrei um homem olhando ansiosamente à espera de alguém. Aproximando-me, disse:

— O meu nome é Cheiro. Está à minha espera, não está?

Observando-me de alto a baixo, respondeu lentamente:

— Sim, estou à sua espera... e já há algum tempo também.

Saímos da estação e seguimos em direção à vila. Naturalmente perguntei quanto ainda teríamos de caminhar e recebi apenas a resposta vaga de que atravessaríamos um pequeno trecho pelos campos; sem mais explicações, ele virou por um caminho que seguia pelo campo quase em ângulo recto em relação à vila.

Uma caminhada de dez minutos levou-nos de novo à estrada e, atravessando-a, entrámos numa dessas antigas alamedas privadas que se encontram em tantas partes de Inglaterra.

Chegámos por fim à bela propriedade rural de Sir Henry e Lady Meux, e insisti em parar para admirar o velho arco de Temple Bar, que tinha sido transportado do próprio coração da movimentada Londres e colocado como portão de entrada na quietude e serenidade do campo.

Pensei que, se aquelas pedras pudessem falar, quantas histórias poderiam contar sobre as centenas de afortunados e desafortunados que tinham passado por aquele velho portal da cidade! Fiz um comentário desse género ao meu companheiro, e ele respondeu bruscamente que “não ligava nenhuma a essas ideias sentimentais”, que não acreditava em Deus, nem no homem, nem no diabo, e acrescentou ainda:

— Nem acredito em si, para começo de conversa. Foi uma dessas ideias sentimentais que levou a minha velha a mandar chamá-lo cá abaixo para lhe dizer quanto tempo certa pessoa ainda tem de vida.

Ah, pensei eu, então é isso que ela quer saber. Bem, pergunto-me para que servirá tal informação.

— É um parente? Quem é a pessoa? — perguntei.

Mas o velho arrependeu-se evidentemente de ter falado tanto, e não consegui arrancar-lhe mais uma palavra até que, dez minutos depois, abandonámos o caminho e entrámos num bosque longo e irregular que parecia não ter fim.

Por fim, quando eu já começava a resmungar da extensão da caminhada, o meu companheiro virou-se para uma velha casa, pouco melhor que uma cabana, na orla do bosque, e poucos momentos depois fui recebido respeitosamente por uma mulher idosa de olhar penetrante que veio abrir a porta.

Naquele estranho casal, homem e mulher, reconheci imediatamente um desses extraordinários contrastes tantas vezes encontrados entre as classes mais baixas. O homem, grosseiro e sem instrução, completamente desprovido de consciência ou princípios, associado a uma mulher também sem educação, mas com uma delicadeza inata de maneiras que conferia certa graça e refinamento a cada palavra, a cada gesto.

Uma mulher astuta como uma serpente, sem escrúpulos em todos os seus atos, e contudo guiada, governada e escravizada pelos medos supersticiosos que a dominavam. Olhava para mim como um ser possuidor de um poder sobrenatural; não questionava se vinha de Deus ou do diabo. Queria esse poder usado em seu benefício. Era tudo o que sabia ou lhe interessava.

Conduzindo-me para cima, abriu a porta de um compartimento que não era mais do que um sótão. Deitada no chão, à luz do sol, estava uma menina vestida com farrapos, brincando com o longo cabelo que lhe caía sobre os ombros. Fixando os seus grandes olhos assustados na mulher, afastou-se de gatas e encolheu-se como um cão debaixo de uma mesa que ocupava um canto do quarto.

— Pobrezinha, está assustada — disse eu.

— Oh, ela é sempre assim — respondeu a mulher. — É um grande tormento para mim, posso assegurar-lhe, senhor. É tão diferente das outras crianças que não a posso deixar sair de casa. Também é muito delicada e muitas vezes pensei, senhor, que seria melhor se Deus, na Sua misericórdia, a levasse deste mundo de miséria.

— Oh, não diga disparates — respondi. — Não devia falar assim. Que idade tem a pequena?

Depois de uma ligeira hesitação, disse que não se recordava exatamente, mas que teria perto de catorze anos.

— Bem — disse eu —, são estas as mãos que quer que eu examine?

— Sim, senhor — respondeu ela —, e aquilo a que peço especialmente que preste atenção é se é provável que ela viva muito tempo.

Depois de alguma insistência da minha parte e de algumas ameaças vindas da mulher, consegui que a pequena me deixasse ver as mãos. Não demorei muito a concluir que ela não podia, de modo algum, ser filha daqueles pais. As leis da hereditariedade influenciam demasiado a mão para que eu pudesse enganar-me. Tal como um cavalo de corrida não pode ser cria de um cavalo de tração Clydesdale, também não era possível que aquela criança fosse descendente de tais pessoas.

Contudo, guardei os meus pensamentos para mim, mas, tomando ainda maior interesse pelas mãos, reparei que, embora a criança fosse evidentemente filha de pessoas inteligentes e cultas, a sua Linha da Mentalidade revelava uma ausência total de desenvolvimento.

Erguendo os olhos para a mulher, disse bruscamente:

— É possível que tenha mantido esta criança todos estes anos sem qualquer tipo de educação?

A expressão de medo no rosto da mulher revelou-me o poder que eu já tinha conquistado sobre ela, e que decidi mais tarde usar em benefício da criança.

Depois de meia dúzia de desculpas contraditórias, acabou por admitir que a criança não tivera qualquer instrução e que, além disso, lhe falavam tão raramente que mal conhecia expressões da linguagem.

— Meu Deus — pensei —, será possível?

Mas rapidamente confirmei que era verdade. A rapariga mal conhecia até as palavras mais simples da língua inglesa. Conseguia apenas articular sons quase semelhantes aos dos animais. Um grito peculiar parecia ser a sua expressão favorita, mas palavras praticamente não tinha.

Fiquei demasiado horrorizado para continuar a leitura. Pousando as pequenas mãos, exigi calma mas firmemente à mulher toda a história da criança.

Tomada por um medo supersticioso, com o rosto branco como a morte, fechou a porta para impedir que o homem ouvisse e, com a pobre criaturinha loira a brincar junto dos seus pés, contou — provavelmente pela primeira vez na vida — a verdade.

A história era a seguinte: na juventude, ela mantivera um “baby farm” no sudoeste de Londres. Tinha sido presa duas vezes por mortes suspeitas de bebés entregues aos seus cuidados e, finalmente, quando estava prestes a abandonar esse negócio, recebeu uma proposta de uma mulher para tomar conta de uma criança. Foi-lhe prometida uma soma anual razoável se garantisse que o bebé seria levado para algum lugar afastado de Londres.

A mulher aceitou e, durante catorze anos, vivera naquela pequena cabana na companhia do homem que eu vira, um dos caçadores furtivos mais notórios da região.

Nunca tivera filhos e não sentia qualquer simpatia por crianças. O caçador furtivo também detestava a simples visão de uma. Consequentemente, a pobre pequena aos nossos pés passara quase toda a vida naquele sótão. Era cuidada e tratada quase como se fosse um animal.

A única linguagem que aprendera eram os gritos de medo; o único conhecimento que possuía era a luz e a escuridão do dia e da noite.

Mas porque me tinham mandado chamar?

Simplesmente por causa de um sonho estranho que a mulher tivera, combinado com a sua superstição natural.

O dinheiro destinado ao sustento da menina deixara de chegar havia dois anos. Ressentindo-se até da comida que lhe davam, o homem decidira finalmente matar a criança e enterrar o corpo no bosque.

A mulher, apesar de todos os crimes que cometera, por alguma razão não consentia. Explicou que havia qualquer coisa de sinistro na criança; que não ousava permitir que fosse morta; que tinha a ideia de que a

pequena não viveria muito mais tempo e que, finalmente, tendo conseguido algum dinheiro na semana anterior (suspeito que através de algum roubo na vizinhança), decidira mandar chamar-me.

Tal era a história, e eu tinha boas razões para acreditar que era verdadeira. Senti que tinha sido levado ali para retirar aquela criança das garras deles.

A mulher estaria perfeitamente disposta a deixar-me levar a pequena, mas o homem, eu tinha a certeza, preferiria vê-la morta a deixá-la partir sem receber o dinheiro que lhe era devido.

Se recorresse à polícia, poderia estragar tudo. Além disso, prometera à mulher que não o faria.

Enquanto hesitava sobre o que fazer ou dizer, senti que tinha sido conduzido ali para salvar aquele pobre fragmento de humanidade e, por isso, prometi à mulher que, se mantivesse a criança em segurança durante mais uma semana, todo o dinheiro em dívida lhe seria pago e ainda receberia uma recompensa por ter resistido ao plano assassino do homem.

Regressei à estação perturbado e perplexo. Pensei que, se conseguisse localizar a mãe da criança, certamente tocaria o seu coração com a minha história, mas não tinha a mínima pista a seguir.

A mulher não conseguira fornecer-me qualquer informação. Recebera apenas a criança de uma ama e, por intermédio dela, os pagamentos mensais; mas, infelizmente, essa mulher desaparecera nos últimos dois anos.

Receando confiar no meu instinto, que me dizia que conseguiria cumprir a promessa de salvar a criança, fui ficando cada vez mais ansioso à medida que os dias passavam sem que me aproximasse da solução do problema.

Por fim, decidi recorrer a algumas dessas mulheres bondosas que sustentam grandes instituições para crianças abandonadas, mas devo confessar que a verdade da minha história foi geralmente posta em dúvida

e, finalmente, chegou o fim da semana sem que nada de útil tivesse sido feito.

Chegou a sexta-feira à noite e, com a tragédia daquela criança constantemente presente no meu espírito, estudava a mão de uma das minhas consulentes quando reparei em algo que tinha a certeza de já ter visto antes — uma peculiar veia azul nodosa que se destacava clara e nitidamente na base do dedo mindinho.

Tentei lembrar-me onde a tinha visto, mas parecia impossível recordar.

Por fim, quando terminei, perguntei-lhe se havia alguma questão relativa à sua vida que desejasse colocar.

— Sim — disse ela —, há uma, e para mim é a mais importante de todas.

Ergui os olhos, surpreendido. Era uma mulher pouco acima dos trinta anos, vestida de luto de viúva — uma mulher bonita, no auge da vida.

— Sim — continuou ela —, tinha razão quando disse que tive um filho aos dezassete anos. Não era casada então, e a minha criança foi-me tirada para salvar o meu nome. Um ano depois, a minha família arranjou-me casamento com um homem que mal conhecia e fui viver com ele na África do Sul.

Depois da morte do meu marido, regressei agora a Inglaterra e, passados catorze anos, descobri que a criança que me tinham levado a acreditar que morrera ainda está viva e que, até há dois anos, era sustentada pelo dinheiro enviado pelo meu pai.

Por essa altura, ele morreu subitamente de doença cardíaca e agora não consigo encontrar qualquer pista ou rasto da minha pequena.

Olhe novamente para a minha mão e, por amor de Deus, diga-me se ainda posso ter esperança.

Como um relâmpago, lembrei-me de que aquela veia azul nodosa também existia na mão da criança. Essas características passam de geração em geração nas famílias.

A história coincidia com o que eu sabia.

Para quê dizer mais?

No último momento, encontrara a mãe da pobre criança abandonada.

CAPÍTULO XXVI

ALGUNS FACTOS CURIOSOS SOBRE ESTE ESTUDO: CREPITAÇÕES QUE REVELAM DOENÇA;

COMO OS CRIMINOSOS PODEM SER DETECTADOS; GRANDES MESTRES E FILÓSOFOS QUE PRATICARAM ESTE ESTUDO;

UM LIVRO ESCRITO EM PELE HUMANA

O sucesso que alcancei neste trabalho deveu-se principalmente ao facto de que, embora o meu principal estudo fossem as linhas e a formação das mãos, não me limitei apenas a essa página específica do livro da natureza, mas procurei estudar todas as fases do pensamento que pudessem lançar luz sobre a vida humana; conseqüentemente, até as próprias saliências da pele, os pêlos encontrados nas mãos, tudo era usado como um detetive usaria uma pista para acumular provas.

Descobri que as pessoas eram cétricas em relação a tal estudo apenas porque o assunto nunca lhes fora apresentado de forma lógica ou razoável.

Há centenas de factos relacionados com a mão que as pessoas raramente ouviram mencionar, e penso que não estará deslocado abordá-los aqui.

Por exemplo, no que respeita ao que é conhecido como os corpúsculos. Meissner, em 1853, provou que estas pequenas substâncias moleculares estavam distribuídas de maneira peculiar na mão.

Descobriu que, nas pontas dos dedos, existiam 108 por polegada quadrada, com 400 papilas; que produziam determinadas crepitações ou vibrações distintas e que, nas linhas vermelhas da mão, eram mais numerosos e, curiosamente, se encontravam dispostos em filas retas individuais nas linhas da palma.

Foram realizadas experiências sobre essas vibrações e provou-se que, após algum estudo, era possível detetar e reconhecer claramente as crepitações relacionadas com cada indivíduo; que aumentavam ou diminuía conforme cada estado de saúde, pensamento ou excitação, e que desapareciam no exato momento em que a morte dominava a sua vítima.

Cerca de vinte anos depois, realizaram-se experiências em Paris com um homem que possuía uma capacidade auditiva anormalmente apurada (compensação da Natureza pela falta de visão, pois nascera cego).

Em muito pouco tempo, graças à prática contínua, este homem conseguia detetar a mais pequena alteração ou irregularidade nessas crepitações e, através dessas mudanças, era capaz de dizer com notável exatidão aproximadamente a idade de uma pessoa e quão próxima estaria de uma doença ou mesmo da morte.

O estudo destes corpúsculos foi também desenvolvido por Sir Charles Bell que, em 1874, demonstrou que cada corpúsculo continha a extremidade de uma fibra nervosa e estava em ligação direta com o cérebro.

Este grande especialista demonstrou igualmente que cada parte do cérebro estava em contacto com os nervos da mão e, mais particularmente, com aqueles corpúsculos encontrados nas pontas dos dedos e nas linhas da mão.

A deteção de criminosos através da recolha de impressões digitais e marcas do polegar é hoje utilizada, creio eu, pela polícia de quase todos os países, e milhares de criminosos foram perseguidos e identificados por esse meio.

Hoje em dia, em Scotland Yard, pode ver-se quase uma biblioteca inteira dedicada a livros sobre este aspeto do assunto e às coleções feitas

pela polícia, e contudo, no meu tempo, lembro-me de como esta ideia era ridicularizada quando Monsieur Bertillon e a polícia francesa começaram a detetar criminosos por este método.

Se o preconceito ignorante contra um estudo completo da mão fosse ultrapassado, a polícia seria ainda mais auxiliada pelo estudo das linhas da palma e pelo conhecimento do significado dessas linhas, especialmente no que diz respeito à mentalidade e à inclinação do cérebro numa direção ou noutra.*

É um facto bem conhecido que, mesmo que a pele seja queimada ou removida das mãos por ácido, ao fim de algum tempo as linhas reaparecem exatamente como eram antes, assim como as saliências ou “espirais” da pele na parte interior das pontas dos dedos e do polegar.

O uso científico de tal estudo poderia também tornar-se inestimável na previsão de tendências para a loucura, etc.

Mas o preconceito, como todos sabem, é algo difícil de combater e, por isso, um estudo que poderia prestar auxílio incalculável à humanidade foi negligenciado e desprezado.

Contudo, não pode negar-se que este estranho estudo foi praticado e seguido por alguns dos maiores mestres e estudiosos de outras civilizações.

Se esses antigos filósofos eram mais esclarecidos do que nós tem sido uma questão muito debatida, mas o ponto mais importante admitido é que, nesses tempos, o maior estudo da humanidade era o próprio homem.

É pois razoável supor que as suas conclusões de que tais assuntos mereciam a mais profunda atenção e respeito tenham mais probabilidade de estar corretas do que as de uma época como a nossa, famosa sobretudo pelos seus instrumentos de destruição, navios de guerra, dinamite e canhões.

Este estudo das mãos pode ser rastreado até aos primeiros períodos da civilização e também aos mais esclarecidos. Foi praticado pelas maiores mentes de todas essas civilizações que nos deixaram as suas filosofias mentais e os seus monumentos para nossa admiração.

Índia, China, Pérsia, Egipto e Roma atribuíram a maior importância a este estudo da mão.

Durante a minha estadia na Índia, alguns brâmanes descendentes da casta Joshi, famosa desde tempos imemoriais pelo seu conhecimento de assuntos ocultos e com quem tive a felicidade de me tornar intimamente ligado, permitiram-me fazer extratos sobre tais temas de um extraordinário livro que consideravam quase sagrado e que pertencia ao grande passado do agora desprezado Hindustão.

Este estranho livro era feito de pele humana, cosida e montada da forma mais engenhosa. Era de tamanho enorme e continha centenas de ilustrações bem desenhadas, bem como registos de como, quando e onde esta ou aquela marca se revelara correta.

Uma das características mais extraordinárias relacionadas com ele era o facto de estar escrito com algum líquido vermelho que a idade não conseguira estragar nem destruir.

Nem preciso acrescentar que o efeito daquelas letras vermelhas intensas nas páginas de pele amarela baça era extremamente marcante e inquietante.

Por meio de algum composto — provavelmente feito de ervas — cada página parecia revestida por uma espécie de verniz, mas fosse qual fosse esse composto, parecia desafiar o tempo, pois apenas a capa exterior mostrava sinais de desgaste e decadência.

Quanto à sua enorme antiguidade, não podia haver qualquer dúvida. Tinha sido escrito em três secções ou divisões, representando três períodos distintos do tempo.

A primeira parte pertencia à mais antiga língua ariana e remontava tão longe que muito poucos, mesmo entre os próprios brâmanes, conseguiam ler ou decifrar essa parte das suas páginas.

À medida que a sabedoria desta estranha raça se espalhava amplamente pelo mundo, também as teorias e ideias sobre este estudo se difundiam e eram praticadas noutros países.

Da mesma forma que a religião se adapta às condições do país onde é propagada, também este conhecimento se dividiu em sistemas, mas é aos dias da Civilização Grega que devemos a forma clara e lúcida atual deste estudo.

A Civilização Grega foi em muitos aspetos considerada a mais elevada e intelectual do mundo, e foi nela que a quiromancia (do grego Cheir, mão) cresceu e encontrou favor aos olhos daqueles que nos deram leis e filosofias que usamos ainda hoje.

Descobrimos que o filósofo Anaxágoras a ensinava e praticava por volta do ano 423 a.C.

Descobrimos também que Hispanus encontrou, num altar dedicado a Hermes, um livro sobre quiromancia escrito em letras de ouro, que enviou de presente a Alexandre, o Grande, como “um estudo digno da atenção de uma mente elevada e inquisitiva”.

Em vez de ter sido seguida pelos “fracos de espírito”, verificamos, pelo contrário, que contou entre os seus discípulos homens eruditos como Aristóteles, Plínio, Paracelso, Cardano, Alberto Magno, o Imperador Augusto e muitos outros de renome.

Isto leva-nos ao período em que o poder da Igreja começava a fazer-se sentir fora do domínio e da jurisdição da religião.

Diz-se que os primeiros Padres da Igreja tinham ciúmes do poder desta antiga ciência. Seja isso verdade ou não, verificamos que ela foi amarga e violentamente denunciada e perseguida pela Igreja primitiva.

Ai de nós! Sempre aconteceu que a história de qualquer credo ou seita dominante é a história da oposição ao conhecimento — a menos que esse conhecimento provenha dela própria.

Este estudo, portanto, filho de “pagãos e infiéis”, nem sequer teve direito a julgamento. Foi denunciado como feitiçaria e bruxaria; o diabo foi invocado como pai de todos os estudantes dessas matérias, e o resultado foi que, nesses tempos, as pessoas tinham mais medo de admitir tal filiação do

que têm hoje, e, devido a essa amarga perseguição, este estudo foi proscrito e caiu nas mãos de vagabundos, mendigos e ciganos.

Apesar dessa perseguição, é interessante e significativo notar que um dos primeiros livros alguma vez impressos foi precisamente uma obra sobre quiromancia, “Die Kunst Ciromantia”, impressa em Augsburg no ano de 1475.

Ao examinar este assunto, verificamos que, tal como no estudo da humanidade se reconheceu existir uma posição natural no rosto para o nariz, os olhos, os lábios, etc., também na mão se percebeu haver uma posição natural para aquilo que passou a ser conhecido como Linha da Cabeça, Linha da Vida e assim sucessivamente, e que, se estas fossem encontradas em posições anormais, isso indicaria igualmente tendências anormais. (Ver estampas “A Mão de um Assassino”, pág. 108, e “A Mão de um Suicida”, pág. 190.)

Sem dúvida que foram necessários anos de estudo para dar nome a essas linhas e marcas, mas, como já afirmei anteriormente, deve recordar-se que este curioso estudo é mais antigo do que qualquer outro no mundo.

O original hebraico do Livro de Job, capítulo xxxvii, versículo 7, pode ser traduzido nestas palavras significativas:

“Deus colocou sinais ou selos nas mãos de todos os filhos dos homens, para que os filhos dos homens conheçam as suas obras.”

Tal como o estudante de anatomia pode reconstruir todo o sistema a partir do exame de um único osso, também uma pessoa, através de um estudo cuidadoso de um membro importante do corpo como a mão, afastando qualquer elemento supersticioso — ou mesmo místico — pode reconstruir toda a ação do sistema e seguir cada efeito até à sua causa.

Hoje em dia, a ciência moderna começa a vir em socorro da chamada superstição do passado. Em todo o mundo, os cientistas vão pouco a pouco afastando preconceitos e começando a estudar as chamadas questões ocultas, e talvez os “porquês” e os “comos” dessas coisas venham um dia a ser explicados tão claramente como as ondas invisíveis da eletricidade que hoje transportam as nossas mensagens de país para país.

CAPÍTULO XXVII

O PROFESSOR MAX MÜLLER

Almoçando num domingo com o Coronel e a Sra. Kingscote na sua casa de campo em Oxford, fiquei surpreso ao ver o Professor Max Müller atravessar o relvado com o meu grande livro, “The Language of the Hand”, de capa preta e branca, debaixo do braço.

Fiquei espantado ao saber que um homem daquela estatura considerava o meu livro suficientemente interessante para vir fazer-me perguntas sobre o assunto, e ainda mais quando me mostrou as marcas a lápis que fizera nas margens de certos capítulos.

Depois do chá, insistiu para que eu o acompanhasse até à sua biblioteca e ali, entre os seus muitos tesouros em sânscrito, durante as duas horas seguintes traduziu-me passagens que julgava úteis para futuras obras minhas sobre o tema.

Ai de mim, nunca conseguirei descrever a simplicidade deste grande homem, reconhecido como o mais eminente estudioso de sânscrito do mundo, nem a sua bondade para comigo. Na verdade, aprendi nesse dia que apenas os grandes se podem permitir ser simples.

Muitos dos volumes da sua extraordinária biblioteca tratavam do mistério oculto dos números, e ele parecia particularmente interessado na forma prática como eu desenvolvera o meu sistema, transformando os números numa chave para muitas coisas relacionadas com a vida, o pensamento e o tempo.

Quando, ao fim de várias horas de conversa, me levantei para partir e lhe disse quanto apreciava a sua condescendência, respondeu da forma mais amável possível:

— Meu caro senhor, esquece-se de que é tão grande no seu estudo especial quanto eu talvez seja no meu. Somos todos estudantes, mesmo que alguns de nós tenham cátedras de professor enquanto outros nem sequer tenham um banco onde se sentar.

Uma semana mais tarde veio visitar-me a Londres para me dar uma impressão da sua mão para a minha coleção e, desde então até eu regressar no ano seguinte aos Estados Unidos, visitou-me regularmente e, em quase todas as ocasiões, trazia consigo algum velho livro ou tradução que pensava poder beneficiar o meu trabalho.

Agora, ao olhar para os anos passados, valorizo mais do que nunca esses momentos e continuo maravilhado com o modo como o Destino me favoreceu.

E contudo vejo agora que esses favores me encorajaram a trabalhar ainda mais arduamente. Passei quase a tratar o estudo que tanto me dera como um caminho sagrado que tornava suaves as asperezas da vida, e assim, quanto mais recebia, mais dava — magnetismo, mentalidade, tudo o que tinha para oferecer — aos homens e mulheres cansados do mundo que vinham escutar a mensagem da vida que era meu privilégio traduzir-lhes.

CAPÍTULO XXVIII

O FALECIDO LORD CHIEF JUSTICE DE INGLATERRA,

LORD RUSSELL DE KILLOWEN,

E PORQUE DEU IMPRESSÕES DAS SUAS MÃOS

Nos capítulos anteriores expliquei que, encontrando a chave do número que parecia governar a vida de uma pessoa, eu conseguia prever com considerável exatidão em que ano e, em certos casos, em que mês seria atingido o auge da sua carreira. O seguinte é um exemplo curioso disso.

Um dia, no decorrer de uma das minhas temporadas em Londres, um cavalheiro idoso de aparência severa e extremamente exigente veio consultar-me.

Não havia absolutamente nada no seu aspeto ou vestuário que me levasse a imaginar sequer que fosse já então um homem muito importante na sua profissão.

As datas, contudo, pareciam interessá-lo e, quando lhe falei de determinados anos da sua vida passada que tinham provocado mudanças importantes na sua carreira, honrou-me ao procurar nas suas recordações do passado e dar-me a satisfação de saber que os anos que eu mencionara estavam corretos.

Disse-lhe então que, num certo ano e mais precisamente num determinado mês desse ano, atingiria o auge da sua profissão e ocuparia nesse momento a mais alta posição que a sua carreira lhe poderia conceder.

Tomou cuidadosamente nota do que eu lhe dissera e depois comentou, com um certo tom trocista:

— E agora, senhor, já que foi tão longe, bem pode arriscar o dia exato desse maravilhoso acontecimento.

— Chame-lhe palpite, se quiser — respondi —, mas segundo os meus cálculos o dia deverá ser um daqueles cuja soma dê o número 1 no mês de Julho de 1894, como o dia 1, 10, 19 ou 28.

Anotou isso cuidadosamente e, quando lhe pedi uma impressão da sua mão para a minha coleção, voltou-se para mim e disse:

— Tê-la-á num dos dias que mencionou, desde que as suas previsões se confirmem.

E assim partiu o meu estranho visitante.

Passaram-se cerca de três anos e eu esquecera completamente o episódio, quando certa manhã um mensageiro apareceu e, sem qualquer explicação, informou-me de que a minha presença era requerida ao meio-dia desse dia nos Tribunais Superiores de Justiça.

Não entrarei em detalhes sobre os meus sentimentos ou os meus receios, mas fui com o homem num estado de grande nervosismo e acabei por me encontrar à espera numa sala mal mobilada nos fundos de um dos principais tribunais.

Minuto após minuto passou até quase uma hora se ter esgotado. Imaginei-me julgado e executado de cem maneiras diferentes quando, subitamente, uma porta lateral se abriu e o Lord Chief Justice apareceu diante de mim em toda a majestade das suas vestes oficiais.

Confesso que não reconheci o meu cliente de anos antes, mas, sem perder um instante, arregaçando as mangas de arminho, disse:

— Estou disposto a cumprir a minha promessa; pode tirar agora as impressões das minhas mãos.

Não tinha comigo qualquer aparelho para esse trabalho, mas não havia tempo a perder. Acendi uma vela de aspeto jurídico que estava sobre a mesa, enegreci algumas folhas de papel que o próprio Lord Chief Justice encontrou numa gaveta e, em poucos minutos, obtive uma excelente impressão das suas mãos.

Pegando numa caneta, escreveu “Russell of Killowen”, juntamente com a data, e disse simplesmente:

— Vê como cumpri a minha promessa; este é o primeiro dia em que uso estas vestes como Lord Chief Justice de Inglaterra — a sua data estava exata, embora eu não consiga imaginar como o fez.

Como poderá interessar aos meus leitores, a impressão é aqui reproduzida, e o curioso é que a marca dos Tribunais Superiores de Justiça que estava no papel que me deu também se vê claramente na impressão, junto à base do polegar.

CAPÍTULO XXIX

OS DOIS CHAMBERLAIN: HEREDITARIEDADE;

O MUITO HONORÁVEL A. J. BALFOUR

E OUTRAS PESSOAS DISTINTAS

Outra entrevista interessante que tive nessa época foi com o Sr. Joseph Chamberlain e também com o seu filho, o Sr. Austen Chamberlain.

Na manhã de 23 de Junho de 1894 fui à Câmara dos Comuns para cumprir um encontro marcado com o Sr. Joseph Chamberlain.

A minha teoria da hereditariedade tal como demonstrada pelas linhas das mãos pareceu interessá-lo profundamente. Mostrei-lhe uma impressão que acabara de obter da mão direita do seu filho, o Sr. Austen Chamberlain, e juntos comparámos as “marcações” com as da sua própria mão.

As duas impressões que reproduzo neste livro confirmarão o que já disse anteriormente acerca da hereditariedade.

Gostaria especialmente de chamar a atenção dos meus leitores para a linha central que sobe do pulso em direção ao segundo dedo e no final se volta para o primeiro dedo.

Esta linha chama-se Linha da Individualidade ou Marca do Destino e, quando se inclina para o primeiro dedo, indica que a Individualidade conduzirá, orientará ou ditará aos outros — o primeiro dedo também é chamado o Legislador ou Ditador — e, juntamente com a forte linha que sobe da Linha da Vida sob o primeiro dedo, parece estranhamente apropriada à carreira do Sr. Joseph Chamberlain e também ao futuro indicado para o filho que seguiu a carreira política do seu distinto pai.

O MUITO HONORÁVEL A. J. BALFOUR

Outro distinto membro do Parlamento que me deu uma impressão da sua mão foi o Sr. Balfour. Esta foi assinada, como se verá pela gravura seguinte, A. J. B. 7/6/95.

Também neste caso se notarão as importantes linhas dirigidas ao primeiro dedo, mas até o observador mais casual reparará que todo o carácter deste tipo é claramente diferente daquele representado nas impressões das mãos dos dois Chamberlain.

Denota mais o tipo do filósofo do que o do ditador; é um tipo demasiado sensível para tirar pleno partido das oportunidades que lhe surgem, mas notar-se-á que a linha horizontal (a Linha da Mentalidade) é tão longa e marcada que atravessa toda a palma.

Num livro como este estaria deslocado e seria cansativo para os meus leitores pedir-lhes que me acompanhassem numa descrição mais detalhada das marcas de carácter presentes nas impressões das mãos que aqui junto, mas, para aqueles que conhecem o assunto, as reproduções anexas falarão por si mesmas.

OUTRAS ENTREVISTAS COM PESSOAS DISTINTAS

Não me demorarei mais neste volume sobre as muitas entrevistas que tive com personalidades distintas durante a minha segunda visita a Londres.

Basta dizer que, entre os muitos outros que me consultaram ou me deram impressões autografadas das suas mãos, estavam a Duquesa de Leinster, a Condessa de Aberdeen, S.A.R. o Conde de Paris, S.A.R. a Infanta Eulália, Lord Kitchener de Cartum (então General Kitchener), Lord

Charles Beresford, o Duque de Newcastle, o Reverendo J. Page-Hopps, Robert Hichens, o Tenente-Coronel Ponsonby, Sir Henry Drummond Wolff, o Reverendo Godfrey Biddulph, Madame Sarah Grand, John Strange Winter, Mrs. Florence Fenwick Miller, Mrs. Annie Besant, Sir Edwin Arnold, Sir John Lubbock, Lord Leighton (Presidente da Royal Academy), Sir Arthur Sullivan, Lady Paget, Lady Henry Somerset, Madame Melba, Madame Calvé, o General Sir Redvers Buller, etc., etc.

Para não cansar os meus leitores, não levarei estas Memórias mais além, por agora, do final da minha segunda visita a Londres.

Será suficiente dizer que viajei e dei conferências sobre o assunto por todos os Estados Unidos.

Fui convidado a falar, por vezes em igrejas, como por exemplo na People's Church em St. Paul, em Boston, Chicago e outras cidades, e noutras ocasiões perante a grande organização metodista Chautauqua; em alguns desses locais a audiência chegava frequentemente às duas ou três mil pessoas, e estas conferências despertaram enorme interesse pelo tema.

No meu próximo livro tratarei principalmente das minhas experiências na América, dando detalhes completos das entrevistas com o então Presidente, o Sr. Grover Cleveland, e Mrs. Cleveland, juntamente com os principais membros do seu Governo.

Falarei também de alguns episódios curiosos com clientes na América e da minha vida em Paris, onde vivi muitas experiências variadas e encontrei personalidades notáveis como o Rei Leopoldo da Bélgica, o Xá da Pérsia, o Príncipe Luís Napoleão, o Príncipe Karageorgevitch da Sérvia, o grande astrónomo Camille Flammarion, o famoso Doutor Evans (Marquês d'Oyley), o Arcebispo Ireland, Monsenhor O'Connell de Roma e os principais membros das colónias inglesa e americana.

Falarei dessas pessoas e contarei sobre elas, não talvez como o mundo as imagina, mas simplesmente à luz da minha própria experiência de como as conheci.

CAPÍTULO XXX

CONCLUSÃO

Ao concluir este primeiro livro de Memórias e entregá-lo ao público, espero não ser acusado de ter tentado fazer outra coisa senão relatar, de forma simples e direta, a história de uma carreira estranha, e nada mais.

Mas aos crentes ou cétricos devo acrescentar uma palavra: embora talvez nunca consigamos penetrar o mistério de “como tais coisas podem ser”, isso não constitui razão para afirmar que não existem.

Tal como é impossível resolver o mistério da própria vida, também não é possível seguir o significado de todas as suas manifestações.

Todos os dias alguma nova verdade é descoberta por investigadores de todas as classes, mas, na investigação daquilo que diz respeito ao lado espiritual da vida, o mistério pode ser tanto maior sem por isso deixar de ser verdadeiro.

Vida, propósito e desígnio estão tão intimamente tecidos pelo tear do Destino que os nossos olhos terrenos podem considerar-se satisfeitos se apenas contemplarem o padrão e nada mais.

Uma coisa é certa — o lado oculto da vida é a verdadeira vida que, como um fio de ouro, tudo une.

É a vida da alma das coisas que existem e existirão.

Encontra a sua expressão em formas, figuras e linhas, escreve a sua história nas pessoas, utiliza as nações como instrumentos do seu propósito e, desde o mais pequeno átomo até ao maior dos seres, ninguém escapa ao destino de fazer parte do propósito da vida, seja ele qual for.

Mas é como grande força para o bem que desejo fazer um apelo em defesa do ocultismo.

É por essa razão que, como um missionário que encontrou a verdade, gostaria de ver todos os membros da comunidade humana interessados nele de uma forma ou de outra.

Tal como é o coração de toda a religião, é também, por sua vez, a maior religião de todas.

É aquela em cujo templo todas as religiões podem encontrar-se, onde católicos e protestantes, maometanos e hebreus podem descobrir algo em comum, a partir do qual podem remontar à origem dos seus próprios rituais e compreender a razão pela qual tais cerimónias foram criadas por aqueles cujas pegadas se perderam há muito no pó dos séculos.

O hebreu encontraria nele a razão pela qual o número doze foi escolhido para o número das suas tribos, e o cristão veria a mesma verdade no número dos Apóstolos.

O Templo de Salomão deixaria de ser uma massa silenciosa de extraordinária alvenaria para se tornar uma revelação do mandamento de Deus a Moisés no Monte:

“Certifica-te de que o fazes segundo o modelo que te mostrei nos Céus”,

(isto é, de acordo com o próprio esquema da criação, tal como manifestado nos Doze signos do Zodíaco que, no Templo, representavam as Doze Tribos de Israel, sendo estas por sua vez proféticas dos doze apóstolos de Cristo).

Para o cristão, as cerimónias da sua religião seriam explicadas, e até mesmo o serviço de consagração de uma catedral católica assumiria uma importância oculta pouco suspeitada talvez até pelos próprios sacerdotes que realizam a cerimónia; assim temos as doze cruces emblemáticas das doze casas do Zodíaco; as sete velas representando os sete planetas criadores que governam o Grande Homem do Universo, sendo o sete também o número espiritual de toda a criação; as quatro cruces desenhadas nos quatro cantos do altar-mor, símbolo dos quatro pilares do ano, dos quatro signos das estações, e assim sucessivamente.

A oração tantas vezes repetida, “Seja feita a tua vontade na Terra como no Céu” (ou “nos Céus”), teria um significado mais profundo se interpretada à luz do ocultismo.

Os trinta e três anos do ministério de Cristo, correspondendo a um ciclo solar, com a sua crucificação a uma determinada hora e num determinado “dia da semana”, deixariam de parecer acidentais ou misteriosos se fossem lidos pela única chave que pode e consegue desvendar tais coisas.

Nestas condições, a própria religião tornar-se-ia uma força viva e não o labirinto intangível de cerimónias que é hoje.

Os homens e as mulheres deixariam de ser marionetas de sacerdotes pagos, e cada uma das suas ações tornar-se-ia um ato de oração, um serviço diário de adoração ao Criador que tudo criou na Sua infinita sabedoria.

Já não haveria suicídios desesperados e vidas desperdiçadas a alinhar o caminho da vida como acontece hoje, pois todos conheceriam o seu propósito, os deveres para os quais estariam mais aptos e quando e como agir, para alcançarem o sucesso, a felicidade e o cumprimento mais elevado do seu destino.

Acreditem em mim, nunca foi propósito do Criador que homens e mulheres fossem os infelizes animais de carga que hoje são, em vez de colaboradores satisfeitos do Seu infinito desígnio; mas, como o tempo nada é aos olhos do Eterno, assim também são precisos séculos para que o homem aprenda a história da sua criação — a história escrita em todas as coisas — e a última história que alguma vez lê.

A luta desde o princípio foi entre duas forças, a incredulidade e a fé — as duas forças referidas em todos os livros sagrados, sempre combatendo pela supremacia.

Mas a fé é a primogénita de Deus, a herdeira que nem o tempo nem as lágrimas podem destronar e, assim, no fim, o conhecimento oculto possuirá a Terra — e “os caminhos tortuosos serão endireitados”.

A utilidade do ocultismo reside na sua força para resistir às provações da vida quotidiana, na sua fé no desdobrar do propósito — na sua paciência para esperar o momento determinado.

O verdadeiro ocultista não se deixa destruir pelo fracasso nem cegar pela glória do sucesso e, venha um ou outro, aprende apenas a lição e sente-se agradecido.

Estas são algumas das razões que me levam a enviar estas Memórias pelo seu caminho. Poderão interessar aos que já se interessam por tais assuntos e, aos que não se interessam, talvez os levem a examinar essas questões por si próprios, engrossando assim o número cada vez maior de homens e mulheres que enfrentam a maré do Materialismo e impedem a humanidade de esquecer que “o mistério do mundo é o visível, não o invisível”.

FIM.